



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
Câmpus Universitário de Três Lagoas  
Programa de Pós-Graduação em Letras



**KATIA CRISTINA NASCIMENTO MARTINS**

**RECURSOS DE EXPRESSIVIDADE COMO ELEMENTOS DE PERSUAÇÃO  
NO DISCURSO RELIGIOSO: ANÁLISE DE MARCADORES  
CONVERSACIONAIS PARA A PRESERVAÇÃO DA FACE EM  
ENTREVISTAS**

**Três Lagoas – MS  
2015**



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
**Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
Câmpus Universitário de Três Lagoas  
Programa de Pós-Graduação em Letras



**KATIA CRISTINA NASCIMENTO MARTINS**

**RECURSOS DE EXPRESSIVIDADE COMO ELEMENTOS DE PERSUASÃO  
NO DISCURSO RELIGIOSO: ANÁLISE DE MARCADORES  
CONVERSACIONAIS PARA A PRESERVAÇÃO DA FACE EM ENTREVISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Hagemeyer Burgo**

Três Lagoas – MS  
2015

## TERMO DE APROVAÇÃO

KATIA CRISTINA NASCIMENTO MARTINS

### **RECURSOS DE EXPRESSIVIDADE COMO ELEMENTOS DE PERSUAÇÃO NO DISCURSO RELIGIOSO: ANÁLISE DE MARCADORES CONVERSACIONAIS PARA A PRESERVAÇÃO DA FACE EM ENTREVISTAS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Curso de Pós-graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Câmpus de Três Lagoas, avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vanessa Hagemeyer Burgo – UFMS/CPTL  
Orientadora/Presidente

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Vitória Regina Spanghero – UFMS/CPTL  
Titular

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Letícia Jovelina Storto – UENP  
Titular

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cláudia Cristina Ferreira – UEL  
Suplente

Três Lagoas, 31 de julho de 2015.

À minha mãe, por ser um exemplo de vida e coragem e, acima de tudo, por sempre me incentivar e apoiar minhas decisões, sobretudo nas minhas inquietudes intelectuais.

Ao meu companheiro de todas as horas, Haroldo, pela ajuda nos momentos mais difíceis e por fazer-me compreender o significado do amor incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que nos guia, iluminando nossos pensamentos e clareando nossos caminhos.

À professora e amiga Vanessa Hagemeyer Burgo, por confiar no meu potencial e aceitar-me como orientanda; por colocar-se sempre à disposição e conduzir o processo de orientação de forma enriquecedora, incentivando-me sempre a seguir a vida acadêmica; e, especialmente, pelas inúmeras conversas, que contribuíram não apenas para o enriquecimento da minha dissertação, mas também para a minha formação como pesquisadora e como pessoa.

Aos professores da Banca de Qualificação, Vitória Regina Spanghero e Joceli Catarina Strassi SE pela atenção dedicada à leitura do meu trabalho, pelas observações, correções e valiosas contribuições.

À minha mãe, pelas palavras de apoio e carinho, por entender a minha ausência durante esse processo e pelas portas sempre abertas; pelas leituras de cada capítulo durante o desenvolvimento deste trabalho, avaliando minha escrita à luz das máximas conversacionais e norteando meu “estilo” para que pessoas não ligadas a essa área de pesquisa possam entender o que escrevo.

Ao meu companheiro Haroldo Josemar Pelegrino, por estar sempre presente e pronto para me ajudar; por incentivar-me a perseguir metas que eu jamais poderia alcançar por iniciativa própria e, sobretudo, por nunca me deixar desistir. Sem sua ajuda, a realização deste trabalho não seria possível.

Ao meu filho, Guilherme Martins Guimarães, pela assistência técnica durante todo o percurso e os apelos de socorro. A minha filha, Heloísa Martins Guimarães, pelas minhas ausências em um momento crucial de sua vida. E ao meu neto, Pedro Lucas Bonone Souza Guimarães, que tinha o poder de me fazer esquecer qualquer problema com o sorriso mais lindo que conheço. Por fim a minha nora Vanessa Souza Silva pela paciência e o empenho de resolver questões simples do dia a dia.

À minha família, aqui no sentido amplo da palavra, unida e solidária em todos os momentos, por ter-me apoiado neste empreendimento e por prover o suporte financeiro, sem o qual não teria sido possível a realização deste sonho: ser Mestre.

Em especial ao meu tio Irineu do Nascimento nos momentos angustiantes, sempre tinha uma palavra de apoio, conforto e encorajamento. E a amiga Dorinha Barbosa Stopa que rezou incessante, intercedendo junto ao Pai para me capacitar na realização desse trabalho.

Aos professores da UFMS e do programa de pós-graduação, pelas contribuições, diretas ou indiretas, para meu amadurecimento intelectual.

Aos professores da Banca de Qualificação, Joceli Catarina Stassi SE e Vitória Regina Spanghero pela atenção dedicada à leitura do meu trabalho, pelas observações, correções e valiosas contribuições.

A professora Leticia Jovelina Storto por ter aceitado nosso convite para a Banca de Defesa, por sua fala eloquente e suas observações imprescindíveis para a finalização desse trabalho.

À Juliana Freschi, ao João Vieira Neto e à Carmen Lucia Milito Douran, amigos com quem dividia as dúvidas e incertezas, por esse constante partilhar e pelas colaborações na execução do projeto, sobretudo na parte burocrática do processo.

Aos meus (outros) amigos e colegas do mestrado, com quem muitas vezes compartilhei dificuldades, pela amizade, companheirismo e pela colaboração no desenvolvimento das atividades da pós-graduação.

Aos secretários Claudionor Messias da Silva e Camila Tonani Melo, aos bibliotecários e demais funcionários do Câmpus, pela simpatia e receptividade com que sempre me atenderam, aliadas aos incentivos e palavras confortantes.

À Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, por ter financiado parcialmente este trabalho, por meio da concessão da bolsa de estudos. E a equipe responsável pelo programa na Diretoria de Ensino de Adamantina.

A professora Marlene Durigan com observações muito valiosas.

Aos colegas de turma que agradavelmente me fizeram companhia durante os anos do mestrado, ora me entusiasmando com palavras positivas, ora me surpreendendo com a leveza e a energia própria da juventude, pelas ajudas e dicas e também pelos comentários divertidos.

*O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.*

*Fernando Pessoa*

“Persuade-se pelo caráter (*ethos*) quando o discurso é de tal natureza que torna o orador digno de fé, porque as pessoas honestas nos inspiram uma confiança maior e mais imediata. [...] Mas é necessário que esta confiança seja o efeito do discurso, não de um juízo prévio sobre o caráter do orador.” (ARISTÓTELES, 1356 *apud* MAINGUENEAU, 2005, p. 70).

MARTINS, Kátia Cristina Nascimento. *Recursos de expressividade como elementos de persuasão no discurso religioso: análise de marcadores conversacionais para a preservação da face em entrevistas*. Dissertação – Mestrado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpusde Três Lagoas, Três Lagoas-MS, 2015.

## RESUMO

As entrevistas televisivas configuram uma forma de interação social significativa, uma vez que, por meio delas, busca-se a obtenção de respostas, a troca de informação, experiências e juízos de valor entre entrevistador e entrevistado, entrevistado e público, entrevistador e audiência. Entende-se que as escolhas e combinações que originam ou acompanham a produção dos enunciados pelos interactantes são recursos empregados para atender às necessidades do locutor em uma situação comunicativa, especialmente no que concerne à construção de uma imagem pública positiva. Partindo dessa avaliação e por meio da análise do valor ilocutório dos enunciados, durante as entrevistas, buscamos, neste estudo, estabelecer uma relação entre as estratégias discursivas utilizadas e o desempenho dos entrevistados para manter preservada sua imagem pública. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar procedimentos de preservação da face empregados por representantes religiosos em situações formais de entrevista em redes de televisão. O aporte teórico da pesquisa tem embasamento nos princípios da Análise da Conversação e a transcrição dos dados foi realizada de acordo com as convenções sugeridas por Preti (2003). Para o *corpus*, foram selecionadas duas entrevistas: uma com o Pontífice da Igreja Católica, Papa Francisco, concedida ao repórter Gerson Camarotti e veiculada no programa “Fantástico”, da Rede Globo, transmitido em 28/07/2013, durante a Semana Mundial da Juventude no Rio de Janeiro/RJ; outra com o Pastor Silas Malafaia, representante da igreja evangélica Assembleia de Deus Vitória em Cristo, veiculada no programa “De frente com Gabi”, transmitido em 03/02/2013, pela emissora de televisão SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Os dados, de caráter empírico, foram descritos e analisados (qualitativamente) à luz de fundamentos da Análise da Conversação, com ênfase nos “Princípios de Cooperação” propostos por Grice (1982) e nos procedimentos de preservação da face estudados por Goffman (2011).

**Palavras-chave:** Análise da Conversação; preservação da face; polidez

## ABSTRACT

Television interviews make up significant form of social interaction

This study aims to analyze preservation procedures of the face work used by the respondents, through the analysis of the illocutionary value of the statements during television interviews. The theoretical research contribution has foundation in the principles of Conversation Analysis and transcription of the data was performed according to the conventions suggested by Preti (2003). Respondents interacted with the interviewers, and politeness, as one of the event conducting elements (since the dialogue is up cooperation between interactantes), is aimed, therefore, to highlight the collaborative contribution among the participants in the construction of interaction. For use there are several elements that are configured to outline the social role that incorporate the interactants in the construction and consolidation of his public self-image. Based on this assessment, we seek to establish a relationship between the discursive strategies and the performance of the respondents to maintain its preserved public image. The television interviews constitute a significant form of social interaction, since through them, we seek to obtain answers, exchange of information, experience and value judgments between interviewer and interviewee, interviewed and public, and interviewer and audience. The choices and the combination of these statements are used to meet the speaker's needs in a communicative situation, for the construction of its positive public image. His speeches are formed by sociointeracionais strategies to reduce possible threats to its image, preserving it for the approval of listeners and ensure the shield of you do not want to see displayed. For the corpus was selected an interview with the Pontiff of the Catholic Church, Pope Francisco, conveyed the "Fantástico" program broadcast on 28.07.2013 the reporter Gerson Camarotti during World Youth Week in Rio de Janeiro / RJ and the Pastor Silas Malafaia, representative of the evangelical Church Assembly of God Victory in Christ conveyed in the "facing with Gabi", broadcast on 03/02/2013, by SBT television station (Brazilian television System). In this program where in the conversational planning is local (concomitant with its implementation), interaction strategies and arguments are used with a view to monitoring the positive image. The data, empirical, were analyzed based on the fundamentals of Conversation Analysis supported by the "Principles of Cooperation" proposed by Grice (1982) and the face of preservation procedures studied by Goffman (2011), proceeding to a description and qualitative interpretation.

**Keywords:** Conversation Analysis; Preservation face; Politeness,

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Convenções adotadas para a transcrição dos dados.....	07
<b>Quadro 2.</b> Fala x escrita.....	12
<b>Quadro 3.</b> Situação comunicativa falada ou escrita.....	14
<b>Quadro 4.</b> Fala X Escrita.....	15
<b>Quadro 5.</b> Diagrama sobre organização tópica .....	37
<b>Quadro 6.</b> Subtipos de Marcadores Conversacionais de função interacional .....	46
<b>Quadro 7.</b> Estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson .....	62

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
0.1 Objetivos.....	07
0.2 Procedimentos metodológicos.....	07
0.2.1 Constituição do córpus.....	08
0.3 Organização do trabalho.....	09
1 O TEXTO COMO OBJETO DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS ENTRE A ESCRITA E A FALA.....	10
1.1 Linguística textual.....	16
1.2 Análise da conversação .....	22
1.2. 1 Características da conversação .....	26
2 A DIMENSÃO INTERACIONAL DO TEXTO FALADO .....	29
2.1 Organização geral da conversação.....	32
2.2 Organização tópica .....	34
2.3 O turno conversacional .....	37
2.4 O par adjacente .....	41
2.5 Marcadores conversacionais .....	42
2.6 "Face" em A.C. do conceito às estratégias de preservação de imagem .....	47
2.6.1 Face positiva e face negativa .....	53
2.7 Conceito de polidez .....	57
2.7.1 Polidez positiva e polidez negativa .....	59
3 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO .....	64
3.1 Assimetria .....	66
3.2 Recurso à autoridade .....	67
3.3 Não reversibilidade .....	67
3.4 Intertextualidade .....	68
3.5 A subjetividade no discurso religioso .....	69
3.6 A ideologia e a constituição do sujeito no discurso religioso .....	70

3.7 Religiosidade e o discurso religioso .....	72
4. EM CENA, OS INTERACTANTES .....	74
4.1 Na Rede Globo, o Papa Francisco .....	75
4.2 "De frente com Gabi", o pastor Silas Malafaia .....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	109
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS .....	118
MEMORIAL .....	150

## INTRODUÇÃO

Os contatos sociais e a interação são condições indispensáveis à associação humana. Nesse cenário, a língua falada constitui, dentre os vários instrumentos linguísticos desenvolvidos pela humanidade, um dos mais importantes para as práticas de comunicação e interação, de modo que a tomar como objeto de pesquisa pode proporcionar grandes contribuições para a compreensão da natureza da própria linguagem e da conduta humana. A observação da fala em situações concretas de utilização, por exemplo, permite-nos analisar a subjetividade das relações interpessoais por meio da organização do evento conversacional. Para isso, não basta analisar somente o que foi dito; é essencial observar a maneira como o texto falado foi produzido.

Um mesmo enunciado pode produzir efeitos de sentido diferentes conforme as condições em que é produzido – o contexto, os interlocutores e suas idiosincrasias (por quem e para quem é produzido, por quem é “interpretado”) –, ou seja: uma mesma estrutura linguística pode adquirir diferentes significados, pois um texto não se constitui somente da aplicação de normas a um enunciado. O discurso exige do falante uma organização pautada em normas preestabelecidas socialmente, nos recursos linguísticos passíveis de ser utilizados, no contexto interacional, na finalidade do discurso e na relação existente entre os interlocutores. Podemos considerar que, nas interações verbais e não verbais, há interações intrínsecas de socialização, e é por meio do contexto em que surgem e pelas relações interpessoais que se estabelecem que o sujeito se representa e se faz representar, estabelecendo seu *ethos*.<sup>1</sup>

As redes de relações sociais são estabelecidas continuamente, e cada indivíduo representa os diversos papéis que lhes são impostos socialmente, de forma a espelhar sua melhor imagem, ocultando, sempre que possível, a face que precisa ser preservada, com a intenção de causar no outro a melhor impressão da realidade criada por uma

---

1 O *ethos* (grego: costume, caráter) corresponde à imagem (humilde, austero, autoritário, seguro, honesto, honrado) que o orador transmite de si mesmo (ou do outro, o “adversário”) aos ouvintes, geralmente para convencer. Ele pode variar a própria imagem conforme a causa que defende ou o “público” a quem se dirige. Esse *ethos* vincula-se à credibilidade (vinculada à conduta pessoal do orador “fora da cena”) e exige naturalidade, dosagem da emoção, conhecimento e convicção.

representação. Conforme constatou Goffman (2011, p. 25): “[...] quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo”.

Importa mencionar que, em *A representação do Eu na vida cotidiana*, Erving Goffman (2011, p. 24) traz a seguinte definição, que adotamos neste trabalho: “[...] a interação face a face pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata”.

Quando os sujeitos estão em interações verbais face a face, estas se constituem em espaços privilegiados para a construção de um *ethos*, pois se tornam o lugar genuíno para a expressão de sentimentos, convicções, resistências, preconceitos, aversões. Em eventos comunicativos que emergem nas e pelas interações, o falante projeta sua imagem pública e elege estratégias para proteger a imagem que quer sustentar. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2010, p.21): “a vida em sociedade aparece então como uma ‘realização contínua’, como um trabalho permanente para construir sua identidade social, para tornar inteligível o conjunto de seus comportamentos e para ser aceito como membro habilitado dessa sociedade”.

Goffman (2011) explica que estamos representando o tempo todo para plateias que se alternam e se distinguem por suas características que são intrínsecas ao contexto social, situacional e às relações sociais. Dessa forma, representamos múltiplos papéis, pois solicitam desempenhos diferentes por parte do ator, que terá que adaptar sua encenação de acordo com o contexto e as relações interpessoais que se formam. Dentro da família, representamos um papel diferente do que representamos no trabalho ou num evento social, para um grupo de amigos e assim por diante. Ao desempenhar um papel, o sujeito intenciona obter a credibilidade do seu interlocutor e, ao mesmo tempo, tenta persuadi-lo para que valide suas proposições. Para isso, utiliza procedimentos verbais e não verbais que corroborem a impressão que deseja causar e contribuam para que o outro forme sua autoimagem pública positiva.

Em uma interação face a face, o descumprimento do conjunto de normas estabelecidas pela sociedade, que pressupõe a existência de um comportamento adequado para um determinado evento, pode gerar uma situação de conflito entre os interactantes. A preocupação com a construção de uma boa imagem se intensifica, sobretudo, quando se trata de uma figura pública cujo carisma e popularidade

concorrem para o convencimento do valor de verdade em suas justificativas. De um modo geral, os discursos religiosos, também, são meios produtivos para se analisar a interação e os procedimentos utilizados pelos falantes na constituição e manutenção da face positiva, ora se distanciando de assuntos desconfortáveis ou prejudiciais para sua imagem, ora se aproximando de atos ou concepções valorizadas socialmente.

Interessa-nos, nesta pesquisa, a análise de um evento conversacional, no caso, a entrevista televisiva, por trazer evidências e elementos que delineiam o papel social que incorporam os interactantes na construção e consolidação de sua autoimagem pública.

Visando a contribuir com os estudos acerca da preservação da face e dos processos utilizados pelos falantes para diminuir a força ilocutória de seus enunciados, este estudo analisa procedimentos e os marcadores utilizados por dois entrevistados (identificados e qualificados em 0. 2. 1) para preservar sua imagem pública durante uma interação.

Na esteira de Goffman (1967, p. 9), entendemos por face a autoimagem pública que cada indivíduo constrói de si mesmo e que pretende ver preservada. Segundo o autor, face é o “valor social positivo” que uma pessoa efetivamente reivindica para si por meio da linha de ação que os outros pressupõem que ela tenha adotado durante um contato específico, ou seja, é uma imagem de si fundamentada de acordo com atributos sociais aprovados. Essa imagem é, no entanto, compartilhada, pois oferecer uma boa imagem como profissional, por exemplo, é oferecer consequentemente, uma boa imagem pessoal.

Todo evento comunicativo depende da situação de comunicação contextualizada e do acordo tácito entre os interlocutores. Na situação de comunicação, situam-se o espaço físico, a intenção comunicativa, as restrições (o que pode ou não ser dito), o gênero do evento (no presente caso, a entrevista televisiva), a identidade dos interlocutores, seus papéis sociais e o lugar de poder que ocupam no contrato comunicativo. No acordo entre os interlocutores, estão presentes os conhecimentos compartilhados, os interesses negociados de acordo com o objetivo da interação e a atitude colaborativa dos participantes, a qual deve ser favorável ao desenvolvimento e à sustentação do evento.

Embora possa haver um planejamento prévio da temática da entrevista, a entrevista televisiva configura-se como um texto falado, em que o planejamento de fala e sua execução são simultâneos. Dessa forma, mesmo que os participantes de uma

entrevista tenham preparado antecipadamente suas respostas, conservam na produção dos enunciados, várias características da língua falada, próprias de uma conversação espontânea, como repetições, hesitações, correções, paráfrases e outras marcas do texto oral.

Como as falas são negociadas em tempo real, os participantes assumem atitudes de cooperação. De acordo com a teoria do Princípio de Cooperação (ou Princípio Cooperativo), elaborada por Grice (1982), no diálogo, as pessoas fazem esforços cooperativos no intuito de tornarem a comunicação efetiva, reconhecendo nela um ou mais propósitos comuns. Ou seja, os interlocutores investem em uma conversação e agem de acordo com suas intenções, buscando construir um evento comunicativo em que a cooperação está implícita, pois ela é necessária para que o evento se constitua de fato.

Segundo Bueno (2002, p.22), nas entrevistas, a interlocução é dialogicamente assimétrica: “Analisar os vários aspectos que compõem uma situação de entrevista, seja ela qual for, exige que se observe a assimetria<sup>2</sup> como uma condição estrutural, uma vez que aparece regularmente em maior ou menor intensidade”. Nessa relação de poder, o entrevistador encontra-se num patamar superior ao do entrevistado, pois é aquele quem convida o entrevistado e monitora os tópicos que deseja desenvolver. Ao entrevistado, cabe o papel de cooperar na progressão temática dos tópicos sugeridos, respondendo às perguntas formuladas.

Marcuschi (2008, p.16) também afirma que, ao contrário do diálogo simétrico encontrado nas conversas diárias e naturais, a entrevista constitui um exemplo de diálogo assimétrico, “em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, redigir, concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outros(s) participantes(s)”.

Nas entrevistas televisivas, existe uma interação tripartida: as ações do entrevistador e do entrevistado focalizam uma autoimagem positiva entre si e também para os telespectadores, que implicitamente regulam o sucesso da interação por meio da audiência. Como ambos se expõem publicamente perante o telespectador, tanto

---

2 A aplicação desse termo aos processos interacionais refere-se à impossibilidade de “equidade” (reciprocidade ou complementaridade absolutas) entre os participantes de uma conversação, já que se situam em planos diferentes de acordo com o lugar que ocupam no quadro situacional da interação.

entrevistador como entrevistado empregam procedimentos de preservação da face<sup>3</sup> para atenuar possíveis desconfortos diante de tópicos polêmicos ou de caráter mais invasivo.

O conhecimento do contexto de produção do discurso do entrevistado e as relações estabelecidas entre os participantes da entrevista permitem discutir de forma correlativa os procedimentos e estratégias discursivas utilizadas pelo entrevistador, procurando conduzir o par pergunta-resposta em uma sequência lógica. Como a interação ocorre face a face e parte do planejamento é local (concomitante com sua execução), estratégias de interação e argumentação são empregadas visando à introdução e retomada de tópicos.

Neste trabalho, são discutidas as estratégias de interação por estarem diretamente relacionadas à construção do evento comunicativo, assim como os marcadores discursivos<sup>4</sup> (MDs), pois promovem a condução e manutenção do tópico conversacional, instaurando a solidariedade conversacional entre os interlocutores, à medida que propiciam dinamismo e continuidade à interação.

Analisamos as estratégias interacionais e discursivas empregadas para a introdução e a retomada dos tópicos, baseando-se nos fundamentos da Análise da Conversação, e sua interface com a Sociolinguística Interacional, com ênfase nos Princípios de Cooperação de Grice (1982) e nos procedimentos de preservação da face estudados por Goffman (1987). Os dados, de caráter empírico, são descritos, analisados qualitativamente e interpretados à luz dos conceitos teóricos mencionados, com incursões na linguística textual.

Os procedimentos de preservação da face estudados por Goffman assumem função pragmática, pois permitem a sustentação do evento comunicativo e propiciam a cooperação mútua entre entrevistador e entrevistado viabilizando a continuidade da interação, além de se constituírem em estratégias para manter o equilíbrio que se instaura no processo interacional. Como o simples fato de se expor na interação pode ameaçar a autoimagem dos participantes, há uma preocupação constante em evidenciarem-se os pontos positivos e ao mesmo tempo ocultarem-se os negativos. Como no gênero entrevista há o propósito de obter respostas que preencham as expectativas, tanto do entrevistador como do público, cabe ao entrevistador uma

---

3 A pormenorização desse conceito será no capítulo 2, sem se afastar da definição do ethos.

4 Os MDs são discutidos nos próximos capítulos.

responsabilidade maior na condução do processo interativo, buscando procedimentos e estratégias para a obtenção do sucesso na interação e a satisfação do público.

## 0.1 Objetivos

Visando a contemplar nosso objetivo geral, empreendemos a caracterização da tipologia e função discursiva dos procedimentos utilizados pelos entrevistados a fim de conseguir a aprovação e o direcionamento interpretativo de seus enunciados. Buscamos também estabelecer relações entre as estratégias linguísticas de preservação da face, as estratégias de polidez e os marcadores conversacionais. Dentre os marcadores, dedicamos especial atenção aos de opinião, de distanciamento, hedges, metadiscursivos, rejeição e os marcadores que servem de prefácio para outros enunciados (os prefaciadores). Apontamos ainda alguns marcadores de enunciação que levam o interlocutor a aceitar o que está sendo dito pelo locutor.

## 0.2 Procedimentos metodológicos

Fundamentado numa perspectiva textual interativa, presente nos trabalhos de noção de “face” dos estudos de Goffman (1976), Brown e Levinson (1987), Marcuschi (1989), Galembeck (1999), Urbano (1999) e Preti (2002), a metodologia adotada caracteriza-se como uma investigação descritiva dos procedimentos discursivos de controle da imagem pública na fala do Papa Francisco e do Pastor Silas Malafaia, conduzidos por uma abordagem qualitativa.

Tanto na Análise da Conversação e com nos Estudos Interacionais da língua falada, parte geralmente de dados empíricos em situações reais de conversação. Algumas características do texto conversacional, como a fluidez e a inexistência de planeamento local, demandam a utilização desse método empírico, pois não existem modelos determinados, o pesquisador produz o seu próprio corpus. Assim, a primazia do empírico propicia análises nas quais podem prevalecer as descrições. De acordo com Galembeck (1999, p. 111), “os dados coletados excluem, por si, o uso de um modelo formal estabelecido previamente, a partir de hipóteses formuladas aprioristicamente e de intuições sem correspondência com a realidade”.

Embora os entrevistados sigam um determinado roteiro para as entrevistas, o material analisado foi obtido de forma espontânea, ou seja, o texto não foi lido. Os registros obtidos em situações em que não há o planeamento requerem uma metodologia específica, que inclua fenômenos peculiares da flexibilidade da língua falada. Dessa forma, o método adotado segue o modelo de transcrição utilizado nas normas da Análise da Conversação definidas pelo Projeto NURC - Projeto de Norma Urbana Falada Culta (ver Quadro 1). São pontos relevantes nas transcrições realizadas: as pausas, as sobreposições, os alongamentos de vogais, as ênfases, os segmentos incompreensíveis, os comentários do pesquisador, os cortes de segmentos da fala, a grafia das palavras e a indicação dos sujeitos.

<b>Quadro 1. Convenções adotadas para a transcrição dos dados</b>		
<b>Ocorrências</b>	<b>Sinais</b>	<b>Exemplificação*</b>
<b>Incompreensão de palavras ou segmentos</b>	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
<b>Hipótese do que se ouviu</b>	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
<b>Truncamento (havendo</b>	/	ecomé/ e reinicia

<b>homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)</b>		
<b>Entonação enfática</b>	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
<b>Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)</b>	::podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os...éh :: ... o dinheiro
<b>Silabação</b>	-	por motivo tran-sa-ção
<b>Interrogação</b>	?	e o Banco... Central... certo?
<b>Qualquer pausa</b>	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma...retenção
<b>Comentários descritivos do Transcritor</b>	((minúscula))	((tossiu))
<b>Indicações de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início.</b>	[...]	[...] nós vimos que existem...
<b>Citações literais ou leitura de textos, durante a gravação</b>	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

Fonte: PRETI, Dino. *Projetos Paralelos*. – NURC/SP v. 1 (2010, p. 13-14) Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 338 EF e 331 D².

### 0.2.1 Constituição do *córpus*

O *córpus* deste estudo é constituído por duas entrevistas: uma concedida em 3 de fevereiro de 2013, pelo pastor Silas Malafia, para a apresentadora Marília Gabriela, no programa “De frente com Gabi”, veiculado pelo SBT, com 45 minutos e outra 28 de julho de 2013, pelo Papa Francisco, durante visita ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, ao repórter Gerson Camarotti, veiculada no programa “Fantástico”, da Rede Globo, com 20 minutos de duração. Como nas demais atividades conversacionais, nas entrevistas também podem ocorrer incidentes que ameaçam a face dos interactantes. Essa ameaça leva-os a selecionar, dentre as práticas de salvamento da face constituintes de seu repertório, as mais eficazes para utilizar em uma determinada situação, propondo-se, assim, neutralizar o ato ofensivo.

Optou-se por trabalhar as entrevistas por apresentar assuntos instigantes e os meios (marcadores conversacionais, gestos, prosódia) que os entrevistados se utilizam para convencer o público sobre seu ideal. Para evidenciar a mudança de opinião e os procedimentos atenuadores similares presentes nas entrevistas analisadas. Vale ressaltar

que as entrevistas possuem diferentes formatos, pendendo entre o caráter intimista/informal e o polêmico/formal.

### 0.3 Organização do trabalho

O trabalho está estruturado em quatro capítulos.

No primeiro – A INTERAÇÃO FACE A FACE E AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS –, apresentamos o conceito de face, inicialmente proposto por Goffman (1987), e as conceituações desenvolvidas posteriormente por outros estudiosos. Dentre as estratégias utilizadas na tentativa de preservação da face, dedicamo-nos a investigar os procedimentos de atenuação, as máximas conversacionais elaboradas por Grice (1982) e as máximas de polidez desenvolvidas por Lakoff (1973) e Leech (1983).

No segundo – A DIMENSÃO INTERACIONAL DO TEXTO FALADO –, tecemos algumas considerações a respeito do gênero discursivo “entrevista”. As características dessa modalidade de interação verbal foram analisadas com base nas concepções de planejamento local: turno conversacional, par adjacente, tópico discurso, bem como a influência que o público exercer sobre os locutores durante as interações em que existem grandes preocupações com a construção e manutenção de uma imagem pública positiva. Também compõem este capítulo pressupostos teóricos pertinentes aos conceitos de face e polidez.

O terceiro capítulo dedica-se a caracterizar o DISCURSO RELIGIOSO, sua articulação e características, em que se inclui a questão da constituição de subjetividades.

O quarto capítulo – EM CENA, OS INTERACTANTES – é inteiramente dedicado à análise dos dados, à luz do referencial teórico-metodológico definido, mediante classificação dos diferentes marcadores conversacionais e análise das estratégias utilizadas pelos entrevistados, durante as entrevistas televisivas, na construção e preservação da sua face positiva.

Além dos capítulos e das partes obrigatórias de um trabalho desta natureza, apresentamos, em “Anexos”, as entrevistas transcritas na íntegra.

## **1 O TEXTO COMO OBJETO DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: ENTRE A ESCRITA E A FALA**

A língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa que extrapola o próprio código (fala e escrita). Em consequência, seu uso assume o lugar central, sendo o principal objeto de observação, podendo eliminar, assim, o risco de transformá-la em mero instrumento de transmissão de informações. A língua é um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos constituir definitivamente seres humanos. De acordo com o linguista Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 15), é o texto falado é um novo objeto de estudo: “[... ] mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais”.

Observada a relação dialógica entre fala e escrita, percebe-se que a língua é um fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características da fala como estratégias de formulação e reformulação em tempo real, o que nos permite analisar os fenômenos na interação face a face e na interação entre o leitor e o texto escrito, especificando a construção dos sentidos, conforme pondera Marcuschi (2010, p. 33):

[...]a possibilidade de tratar os fenômenos de compreensão na interação face a face e na interação entre leitores e o texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos. Como se observa, esta perspectiva orienta-se numa linha discursiva e interpretativa.

E, para essa perspectiva, que se articula com questões da ordem dos estudos em linguística textual, importa que os processos de produção de sentidos estejam contextualizados sócio-historicamente e marcados por atividades de negociação ou por processos inferenciais. A propósito, fenômenos cognitivos e processos de textualização na oralidade e na escrita permitem a efetiva interação entre leitor/ouvinte na construção de sentidos durante a atividade textual-discursiva.

A língua, seja na modalidade falada, seja na escrita, reflete a organização da sociedade e a cultura, mas isso não quer dizer que, em se conhecendo uma, se conhece a

outra. Ademais, não existe superioridade ou inferioridade entre fala ou escrita, pois ambas são modos de representação cognitiva e social que revelam práticas específicas e nestas são reveladas. Assim, fala e escrita são duas modalidades de expressão da língua que não podem ser entendidas dicotomicamente. Nesse sentido, as duas formas de expressão não têm características estanques ou tipológicas; o que ocorre é que há textos escritos que se aproximam da linguagem oral, como bilhetes, inscrições, emails, postagens em redes sociais, e há textos orais que se aproximam ou têm características do texto escrito, como pronunciamentos, seminários, palestras.

“Ora, se o texto falado for entendido simplesmente como modalidade informal, os textos escritos que apresentam marcas de realização oral, como os bilhetes, cartas informais entre outros, estarão sendo descartados. E se o texto escrito, e somente ele, for pensado como uma modalidade formal, os discursos políticos, palestras entre outras não serão consideradas” (Rezende, 2007, p.43)

O que poderia caracterizar certo distanciamento entre o texto escrito e o texto oral é que geralmente percebemos, no primeiro, mais formalidade, vocabulário mais formal (não apresenta marcas de correção) e elaborado, enquanto no segundo observamos características marcantes da informalidade (as marcas de correção são evidentes, em tempo real) como: assalto ao turno, prosódia, truncamentos, hesitações. Essas características não seriam, no entanto, nem estanques nem suficientes para distingui-los tipologicamente.

Poderíamos, então, pensar que o que os difere é que o texto escrito pode ser planejado previamente, mais elaborado e sem as marcas de reconstrução, ao passo que o texto oral é realizado em tempo real, exigindo conhecimentos partilhados, condições de produção, o local. Além disso, como o texto oral se produz localmente, é impossível deixar de observar as marcas de replanejamento entre os falantes.

Nesse sentido, a língua escrita pode ser confundida com algumas realizações da língua falada, o que acabou ocasionando alguns falsos conceitos de que a língua falada não tem regras e a língua escrita é rígida de regras, ou ainda que a língua falada é

informal e a língua escrita formal. Algumas dessas diferenças são inicialmente indicadas por Koch (2008, p.12) no quadro a seguir:

**Quadro 2. Fala x Escrita**

<b>FALA</b>	<b>ESCRITA</b>
Contextualizada	Descontextualizada
Implicita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do “modus pragmático”	Predominância do “modus sintático”
Fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Koch (2008, p. 78).

No texto oral, ocorrem as marcas de expressão que não conseguimos representar graficamente, por serem prosódicas, como sotaque, aumento do volume, entonação, além de gestos e expressões faciais, que também não podem ser transcritos. Do mesmo modo, o texto escrito tem as suas especificidades, como o tamanho da letra, a cor, a disposição gráfica, o formato do texto que o caracteriza como gênero oral (uma notícia, um outdoor, um bilhete, uma declaração). Devem-se considerar, no entanto, nas duas modalidades, as variações da linguagem, independentes do modo como são expressas, já que o efeito de sentido está diretamente ligado às condições de uso e produção. Segundo Koch (2010, p. 78), o que acontece em ambas as formas de linguagem é que nem todas as características de uma ou de outra são exclusivas. Elas foram traçadas a partir de um ideal de escrita, que gerou um ponto de vista preconceituoso em relação à fala, porém, na prática, há uma fala formal que se aproxima da escrita e uma escrita informal que se aproxima da fala, dependendo do tipo de situação comunicativa: “[... ] o que se pode dizer é que a escrita formal e a fala

informal constituem os polos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam os tipos de interação verbal”.

Fávero (2009) considera que, no nível de uma avaliação social, o evento discursivo pode ser observado em relação aos valores que são traçados pela cultura ou mesmo pelos indivíduos. Devem-se observar as atitudes dos participantes em relação ao assunto tratado, ponderar nos sentimentos, julgamentos, além do tom e do modo de fala e seu comprometimento em relação ao tópico abordado. Diante dessas exposições, a autora estabelece um esquema para relacionar os componentes que constituem uma situação comunicativa falada ou escrita:

### **Quadro 3. Situação comunicativa falada ou escrita**

#### **I – Papéis e características dos participantes**

A – Papéis comunicativos dos participantes

1 – falante / escritor

2 – ouvinte/ leitor

3 – audiência (facultativa)

B – Características pessoais

1 – estáveis: personalidade, interesses, crenças etc.

2 – temporárias: modos, emoções etc.

C – Características do grupo: classe social, grupo étnico, sexo, idade, ocupação, educação etc.

#### **II – Relações entre os participantes**

A – no papel social: poder, status etc.

B – Pessoais: preferências, respeito etc.

C- extensão do conhecimento compartilhado: conhecimento de mundo e específico

#### **III – Contexto**

A – físico

B – temporal

C –extensão espaço-temporal compartilhada pelos participantes

#### **IV – Propósito (finalidade do evento)**

A – convencional

B – pessoal

**V – Tópico discursivo (assunto ou tema do texto)**

**VI – Avaliação social**

A – Avaliação do evento comunicativo

1 – valores partilhados por toda a cultura

2 – valores retidos por subculturas ou indivíduos

B – Atitudes do locutor em relação a conteúdo

1 – sentimentos, julgamentos, atitudes

2 – tom ou modo

3 – grau de comprometimento em relação ao conteúdo

**VII – Relação dos participantes com o texto: nível de envolvimento**

Fonte: Fávero (2009, p. 73)

Observa-se que esses componentes fazem parte de uma situação comunicativa, e o texto falado difere do texto escrito de acordo com o contexto de produção. Koch (2010) afirma que o texto é um evento sociocomunicativo que se realiza a partir da coprodução dos interlocutores de um determinado contexto interacional. Já que no texto escrito não há a participação direta do leitor, o escritor tenta preservar as respostas e reações do leitor com quem irá dialogar.

Por haver um distanciamento no tempo e no espaço entre escritor e leitor, o autor do texto tem mais tempo para planejar, rascunhar e modificar o texto quantas vezes forem necessárias. Ao contrário do texto escrito, o texto falado surge *on line* no momento em que é concebido entre os interlocutores; a sua concepção é o próprio rascunho. No instante da produção, há uma interlocução ativa que resulta no processo de coautoria textual. Fávero (2009, p.74) estabelece o seguinte quadro:

Quadro 5. Fala x escrita

<b>FALA</b>	<b>ESCRITA</b>
Interação face a face	Interação a distancia (espaço-temporal)
Planejamento anterior a produção	Planejamento anterior a produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às relações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor
O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder o seu processo de criação, mostrando apenas o resultado

Fonte: Fávero (2009, p.74)

A organização textual-interativa da língua falada e suas relações com o contexto social visam evidenciar as estratégias de que os falantes dispõem para alcançar seus propósitos comunicativos ao formularem seus textos. Nesse sentido, percebe-se que uma língua vive na fala das pessoas e é só dessa maneira que se realiza plenamente, ao passo que a escrita preserva uma língua como objeto inanimado, fossilizado. A vida de uma língua está na fala e a linguagem humana tem uma função comunicativa dentre muitas outras funções. Além de favorecer a interação, a linguagem estabelece direitos e deveres entre os interlocutores, constituindo um exercício de poder de uns sobre os outros. Pela linguagem, podemos convencer as pessoas, aliviar traumas, condicionar os telespectadores a sua opinião, relatar histórias omitindo fatos para que o ouvinte pense que conhece toda a verdade e adquira um pensamento falso ou incompleto. Nem sempre a linguagem é bonita; às vezes, esconde um veneno mortal que as pessoas a utilizam para manipular provas como, por exemplo, num tribunal.

Por meio da linguagem, podemos dizer muitas coisas de modo que, em seu sentido literal e por uma interpretação superficial, apresenta um determinado significado, mas que, interpeladas à luz de certos conhecimentos específicos, revelam um significado diferente.

Segundo Cagliari (2009, p. 70):

A convencionalidade da linguagem não rege só as relações entre os signos linguísticos e o mundo, mas está presa também a valores sociais, econômicos, ideológicos, políticos e religiosos. Dependendo do contexto desse tipo, o próprio sentido literal das palavras muda.

As vezes, por meio do modo de falar de cada um, revela-se o *status* social dos indivíduos e grupos sociais, ficando definido o lugar de cada um na sociedade. Pode-se perceber que a fala e a escrita são formas de reprodução cognitiva e social que se apresentam de maneiras específicas, e uma não se sobrepõe a outra. Marcuschi (2010, p.35) afirma:

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a *organização de sociedade*. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e formações sociais. Não se trata de um espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala. É por isso que podemos encontrar muitos correlatos entre variação sociolinguística e variação sociocultural.

Esse fato pode ser observado em algumas culturas em que há um prestígio maior para quem escreve, mas a oralidade como prática social é inerente ao ser humano, pois reflete o comportamento sociopolítico de um povo e é um modo de comunicação tão expressivo quanto a escrita. Tanto que Charaudeau (2008) afirma que não há uma oposição simples e clara entre a língua falada e a língua escrita. Há uma distinção consequente de uma combinação particular dos componentes de cada situação de comunicação real do cotidiano, numa conversa informal ou numa situação que exija um grau mais elevado de elaboração, como um pedido a um superior. E a comunicação só ocorre se os dois interactantes permitirem.

## 1.1 Linguística textual

A Linguística Textual surge em 1960, na Alemanha, para analisar o texto como um todo, na forma mais específica de manifestação da linguagem, em resposta à

dificuldade de analisar a gramática textual em fenômenos fragmentados, como o uso de correferência, pronominalização, seleção de artigos, ordem das palavras no enunciado, relação tópico-comentário, entonação, relações entre sentenças não ligadas por conjunção, concordância de tempo verbal, que só podem ser explicados com referência a um contexto situacional.

A rigor, são poucos os problemas da gramática que não têm alguma relação com uma linguística do texto. Por meio de uma gramática textual, pode-se entender a semântica do texto, sua significação e como se constitui; a pragmática do texto, que especifica sua função no contexto; a sintaxe do texto, que articula sintaticamente os enunciados e partes de um texto e o que está a sua volta; e, por último, a fonética do texto, que demonstra os sinais fonéticos da configuração sintática textual. Portanto a linguística textual tem um papel interdisciplinar.

No momento em que ocorre a passagem da linguística da frase para a linguística do texto há três “fases” fundamentais de ordem tipológica, e não cronológica. A primeira é a análise transfrásica, que analisa as regularidades que transcendem os limites do enunciado; a segunda, o momento da construção das gramáticas textuais; a terceira, o momento da construção das teorias do texto.

No primeiro momento, deixa-se de estudar somente a frase, isolada de seu contexto, buscando identificar as relações que esta e os enunciados mantêm entre si, de modo a construir uma unidade de sentido. Constata-se que as teorias sintáticas e semânticas existentes (centradas no objeto “língua”) eram insuficientes para explicar fenômenos linguísticos como a pronominalização, a seleção de artigos, concordância verbal e outros.

O segundo momento tem por objetivo refletir e explicar os fenômenos linguísticos que não tinham sido explicados pela gramática do enunciado. Extrapola-se o nível dos enunciados e das relações entre eles, direcionando a abordagem para a legitimação da competência textual, que compreende a capacidade formativa, a capacidade transformativa e a capacidade qualificativa. Pela primeira, o falante é capaz de formular e entender um texto, seja este novo ou não para ele, bem como avaliar-lhe a formação. A segunda pressupõe a capacidade de transformar, por meio de paráfrase ou citação, um texto fornecido ao falante anteriormente. A terceira possibilita ao falante descrever diferentes tipos de texto, como, por exemplo, descritivo, narrativo, dissertativo, entre outros.

Conforme Bentes (2001, p. 251), os responsáveis pela elaboração e pelo desenvolvimento de gramáticas textuais foram Van Dijk, Rieser e Petöfi, cujas ideias assemelhavam-se, de certo modo, à proposta de Chomsky: propunham-se fazer da gramática de texto um sistema comum a todos os usuários da língua, permitindo-lhes identificar se uma sequência linguística é um texto e se este está bem elaborado, fazendo desse conjunto de regras pertencentes ao falante sua competência textual.

Extrapolando o nível do enunciado e das relações entre enunciados, as tarefas básicas de uma gramática textual seriam, em síntese, conforme Fávero & Koch (2012, p. 14): verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade (*Texthaftigkeit*); levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto; diferenciar as várias espécies de textos.

Essas tarefas não foram, todavia, executadas com êxito, porque não se conseguiu construir um modelo teórico capaz de dar suporte aos fenômenos pesquisados.

Iniciou-se, então, o terceiro momento. Com o objetivo de elaborar as teorias de texto, procurou-se investigar o texto em uso, em seu contexto pragmático, sem descartar os outros critérios, como o sintático e o semântico, e sem abandonar a questão da competência textual.

Os três momentos na passagem da teoria da frase à teoria do texto demonstram que, em situação de produção e recepção de textos, além dos fatores de ordem textual, devem ser considerados também os de ordem contextual, ou pragmáticos.

Segundo Marcuschi (1989, p. 12-13):

Em suma, a LT [Linguística Textual] trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e , por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Em outras palavras, pode-se afirmar que, no primeiro momento, o foco são enunciados ou sequências enunciativas, partindo em direção do texto, definido por Isenberg (1970) como “sequência coerente de enunciados”. O objetivo principal é estudar a relação que se estabelece entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa. Nessa linha, encontram-se orientações bastante heterogêneas, como as estruturalistas, com Weinrich e Harweg, e as gerativistas, com Isenberg, Thummel, Steinitz, Karttunen. Esse primeiro passo foi muito importante para avançar os limites da frase, preparando o terreno para a gramática textual.

No segundo momento a gramática textual surge com a finalidade de explicar o inexplicável dentro da gramática de enunciados, e o que a legitima é a descontinuidade existente entre o enunciado e o texto: entre ambos há uma diferença de ordem qualitativa. O texto é muito mais que uma sequência de enunciados, e sua compreensão e sua produção derivam de uma competência específica do falante. Já a competência textual se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito. Todo falante de uma língua tem capacidade de discernir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, que é uma competência linguística. Nesse modelo, é possível fazer análise de textos, síntese de textos e comparação de textos; e o léxico assume uma posição relevante com as representações semânticas intencionais.

O terceiro momento adquire uma importância no tratamento do texto em seu contexto pragmático. As investigações estendem-se do texto ao contexto, um conjunto de condições externas ao texto da produção, da recepção e da interpretação. Oller (1972, *apud* Bentes, 2001, p.22) postula que há um componente pragmático integrado à descrição linguística e propõe um modelo no qual:

Considera o uso da língua como um processo que se realiza em três níveis ou dimensões indissolavelmente integrados: a dimensão sintática, a semântica e a pragmática. Na dimensão sintática, dá-se o arranjo temporal dos elementos; na semântica, opera-se a contrastação e a seleção dos elementos em relação a outros do mesmo tipo (paradigmas); na pragmática, ocorre o relacionamento entre os diversos elementos sintático-semânticos e as informações veiculadas por meios não verbais, bem como o conhecimento prévio disponível.

Nesse momento, a pragmática determina a opção a ser feita em cada situação sintática e semântica, assim como a interação dinâmica entre o conhecimento do locutor

a respeito do universo e as dimensões sintático-semânticas, que poderiam ser independentes.

Uma gramática textual não é um tipo específico de gramática, como a estrutural, a gerativo-transformacional ou a funcional, mas define-se em termos do tipo de objeto que se propõe descrever: o texto ou o discurso, fornecendo uma base melhor para o estudo do discurso e da conversação em contextos sociais e interacionais e para o estudo dos tipos de discurso e usos de linguagem entre culturas.

Não há um consenso entre os autores sobre em que momento ocorreu o afastamento da Linguística Textual da Linguística Estrutural de Saussure. Mas é indiscutível que aquela passaria a conceber a existência da competência textual, fazendo que o texto passasse a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas definidas.

Passava a ser necessário considerar, na construção do sentido global do enunciado, o conhecimento intuitivo do falante acerca das relações a serem estabelecidas entre as sentenças. E o fato de nem todo texto apresentar o fenômeno de correferenciação, constituída em fortes motivos para a construção de outra linha de pesquisa, que não considerasse o texto apenas como uma simples soma ou lista dos significados das frases que o constituem.

Segundo Bentes (2001, p. 249):

[...] tentou-se construir o texto como objeto da Linguística. Apesar da ampliação do objeto dos estudos da ciência da linguagem, ainda se acreditava ser possível mostrar que o texto possuía propriedades que diziam respeito ao próprio sistema abstrato da língua. Dizendo de outra forma, as primeiras gramáticas textuais representaram um projeto de reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato. Neste período, postulava-se o texto como unidade funcional, comunicativa e intersubjetivamente construída.

O texto passa a ser considerado a unidade linguística mais elevada, e, a partir do texto, pode-se chegar a unidades menores, por meio de segmentação e classificação, considerando que a unidade menor desempenha uma dada função textual.

Nesse sentido, todo falante nativo possui um conhecimento sobre o que é um texto e esse conhecimento não se reduz a uma análise frasal, já que o falante sabe as regras subjacentes às relações interfrásicas (utilização de pronomes, tempos verbais, estratégias de definição). Reconhecendo quando um enunciado constitui um texto ou quando é apenas um conjunto aleatório de palavras ou sentenças. Um falante nativo também é capaz de resumir, parafrasear um texto e perceber se está completo ou incompleto, produzir texto e estabelecer relações interfrásicas. Todo falante nativo tem também a capacidade formativa, que lhe permite produzir e compreender um número ilimitado de textos inéditos e ainda sabe avaliar se é bom ou ruim; além da capacidade transformativa, que o capacita a reformular, parafrasear e resumir um texto, bem como adequá-lo à atividade a ser executada; e da capacidade qualificativa, que lhe possibilita classificar as sequências tipológicas em que se articulam os diferentes gêneros.

Percebe-se que, desde os anos 1990, o desenvolvimento geral da linguística textual, que se iniciou inspirada na teoria gerativa, tem um enfoque mais amplo, mais substancial e interdisciplinar, focalizando a progressão temática dos textos, a coerência textual como macrofator de textualidade, a intertextualidade, as tipologias e gêneros de textos, os mecanismos de conexão (conectores semânticos e pragmático/discursivos), bem como outros processos linguísticos, agora vistos segundo a ótica textual: topicalização, referenciação, anáfora, nominalização, tempos verbais, entre outros (KOCH, 2002).

Também no início da década de 1990 passou a ser adotada uma perspectiva sociointeracional no tratamento da linguagem, contribuindo para o estudo dos processos e estratégias sociocognitivos abarcados no processamento textual, tanto no que diz respeito à compreensão, quanto no que concerne à produção. Com fulcro em obras como as de Adam (1990, 1992), bem como naquelas que se consagraram ao estudo dos gêneros textuais, foi retomado o tema da tipologia textual, que pareceu relegada a segundo plano em algumas ocasiões, merecendo destaque as pesquisas de Marcuschi a respeito de tipologias do texto. Nas últimas décadas, têm sido aplicados conceitos básicos da Linguística Textual à alfabetização, à aquisição da escrita e ao ensino de língua, materna ou estrangeira, bem como ao estudo de textos falados, por intermédio de diferentes projetos<sup>5</sup>.

Marcuschi (1998), explica que a “A linguística textual é uma disciplina de caráter multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não autônoma nem sob seu aspecto formal”, pois trata o texto como ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear, que é o tratamento estritamente linguístico da coesão e, por outro lado, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear, bem como os níveis do sentido que realizam a coerência, no aspecto semântico, e as funções pragmáticas.

É oportuno nesse momento ressaltar o conceito central da Linguística Textual e da Teoria do Texto, segundo Stanmerjohann (1975, *apud* Fávero & Koch, 2012, p. 25): o conceito de texto abrange “tanto textos orais quanto textos escritos que tenham como extensão mínima dois signos linguísticos, um dos quais, porém, poder ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como ‘Socorro!’, sendo sua extensão máxima indeterminada”.

A linguística textual trata, pois, o texto como um ato de comunicação unificado por um complexo universo de ações humanas, em que a semântica textual indaga sobre as regras válidas para determinação recíproca dos signos verbais no texto e a sua compatibilidade dentro do contexto.

Cabe ressaltar aqui as palavras de Cosériu (1967), que, muito antes do advento oficial da Linguística de Texto, chamava a atenção para o fato de que, no texto, podemos encontrar não só procedimentos linguísticos, ou sistemáticos, da língua, mas também todas as possibilidades de fala. Razão por que “o texto não poderia ser examinado apenas por meio de métodos estruturais”.

A Linguística Textual conseguiu, portanto, desenvolver uma teoria que propicia análises sistemáticas de produções textuais faladas e escritas, focalizando níveis textuais, discursivos e pragmáticos.

## **1.2 Análise da conversação**

Segundo Marcuschi (2006, p.14) a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos

pela vida afora (Marcuschi, 2006 p.14). Em suma, segundo Levinson (1983), além de matriz para a aquisição da linguagem, a conversação é o gênero básico da interação humana. A linguagem é de natureza essencialmente dialógica, o que realça o princípio fundamental do caráter par da linguagem (GOFFMAN,1976), ou seja, quando conversamos normalmente o fazemos com perguntas e respostas, ou então com asserções e réplicas.

O interesse científico pela conversação, vista como a prática social mais comum e como a primeira fonte de interação humana, é relativamente recente.

A corrente chamada Análise da Conversação (AC) nasceu nos Estados Unidos, ao final dos anos de 1950. Do interior das discussões de sociólogos, mais especificamente de etnometodólogos, que concebiam a ordem social como “resultado de uma *construção incessante e interativa*” que se pode identificar nos procedimentos que os “parceiros” sociais acionam “em suas atividades cotidianas” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 224-5). No Brasil, o primeiro livro na área foi lançado por Luiz Antônio Marcuschi (1986), sob o título *Análise da Conversação*. Para o autor, a conversação é “o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade da comunicação humana” (MARCUSCHI, 1998, *apud* DIONÍSIO, 2001, p. 70). Assim, do enunciado concebido como ação, na Pragmática, passa-se ao discurso como interação e cognição, e, aos especialistas da AC, importa saber como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação.

Distinguem-se dois momentos na história da análise da conversação. Do início até meados dos anos 1970, o principal interesse foi a descrição dos mecanismos de organização da conversação e das relações intersubjetivas que nela se estabelecem. A preocupação era examinar e descrever a organização dos eventos conversacionais sob a ótica da ética e da estética, com o objetivo de normatizar as “regras para se falar bem”. Com isso, desenvolveu-se a linha de pesquisa que estuda os turnos, isto é, como ocorre a tomada, a assunção, a cessão ou perda da palavra no diálogo, mediante observação das unidades conversacionais e o exame das sobreposições de vozes no diálogo. Foram propostos dois tipos de conversação as simétricas e as assimétricas e, nesse primeiro período, os pesquisadores preferiram analisar a conversação simétrica para organizar e estruturar as regras para a conversação.

Nesse período, as investigações também se voltam para descrever como ou de que forma se dão as manifestações verbais conversacionais, levando-se em conta fatores como: condições de produção, o contexto social, o contexto situacional, o conhecimento partilhado e os papéis representados pelos interactantes, para citar os principais. Com esse enfoque, a AC torna-se transdisciplinar, aliando-se à Sociolinguística Interacional. Esse novo panorama surge para responder a perguntas como as apresentadas por Marcuschi (2007, p.7):

[...] como é que as pessoas se sentem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais?

A partir da década de 1980, o estudo da modalidade da língua oral amplia-se sob a concepção pragmática da linguagem e o evento conversacional passa a ser visto como uma interação social. No Brasil, os estudos ganham impulso com o já mencionado livro do linguista Luiz Antônio Marcuschi, para quem a conversação

é a prática social mais comum no dia a dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes. (MARCUSCHI, 2007, p.5)

No segundo momento de desenvolvimento da AC, aumenta o interesse por procedimentos linguísticos e paralinguísticos característicos da fala. Esses procedimentos assumem funções diversificadas de intercompreensão. Se antes se examinavam as funções interacionais, neste momento os olhos se voltam aos procedimentos linguísticos e funções interacionais, assim como emerge a preocupação com os textos assimétricos. Os mecanismos estudados são a repetição, a correção, a paráfrase e outros recursos de formulação, reformulação e formas de interrupção ou de implicação, como o anacoluto ou a elipse.

A AC, segundo Bentes & Leite (2010, p.51).

Parte, em geral, de dados empíricos em situações reais e peca, muitas vezes, pela falta de uma teoria mais ampla do discurso ou do texto

que permita o exame dos procedimentos discursivos e de seus interacionais no quadro de uma organização discursiva mais completa. Isso explica os diálogos interdisciplinares que se estabeleceram em vários lugares [...] essas relações teórico-metodológicas resolveriam a questão de falta de uma proposta de análise mais completa no quadro da Análise da Conversação.

Para Levinson (1983), “a conversação é o gênero básico da interação humana” e, para que o evento conversacional seja bem sucedido, conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais são acionados pelos interlocutores na sua constituição, ou seja, o evento se efetiva graças ao compartilhamento desses conhecimentos entre os falantes. Daí advém o alinhamento da AC com a Sociolinguística Interacional, que permitiu estudos mais aprofundados a respeito das regras e das convenções segundo as quais os interlocutores agem em determinadas situações de interação face a face dentro de certo ambiente social.

Nesse campo de atuação, destacam-se os estudos do escritor e sociólogo canadense Goffman (1981), que introduziu o conceito de *footing* para descrever como os interactantes se adaptam à interlocução “para serem entendidos”, ou seja, tal conceito tenta explicar os motivos que levam um falante a representar determinados *papéis* (a escolha de posturas corporais, gestos, palavras, frases, estruturas) para se expressar de acordo com o contexto no momento da fala e o conceito de *preservação da face* (1970), o qual explica a necessidade dos interactantes em fazer esforços para preservar sua autoimagem e a imagem de seu interlocutor durante a interação, visando ao equilíbrio e à sustentação do evento conversacional.

Importantes também foram os estudos realizados por Grice (1967 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 323) acerca dos Princípios de Cooperação, aliados aos conceitos das quatro máximas conversacionais e suas implicaturas: qualidade, que corresponde à necessidade de que a informação repassada seja verdadeira; quantidade, indicando a necessidade de que o texto veiculado seja suficiente para repassar a informação sem lacunas, mas também sem exageros; relevância, determinando que o texto repassado seja de algum modo importante para o receptor; e modalidade, referindo-se à maneira como são apresentadas tais informações, evitando-se ambiguidades, atentando-se aos fatores gramaticais e textuais. A violação dessas máximas resulta em um fenômeno denominado *implicatura conversacional*, que pode tanto ser apenas um efeito pretendido pelo produtor do texto,

como uma real falha no momento da produção do texto, decorrente de fatores exteriores ao texto, e possivelmente subjacentes ao produtor.

Para Grice, em nossos diálogos, fazemos esforços para entender e sermos entendidos pelo interlocutor, no entanto, muitas vezes, nossa intenção comunicativa não é explicitada de forma convencional, podendo ocorrer a violação às máximas. Pela violação ou atendimento às máximas, ocorrem as implicaturas, estabelecendo um jogo de dito e não dito, de explícito e implícito, projetando, assim, efeitos de sentido previstos ou não pelo interlocutor.

Numa abordagem linguística, a AC adota um procedimento empírico-indutivo, priorizando descrever e analisar os discursos orais e dialogados em situações reais de convivência social, sejam eles, diálogos entre amigos e familiares, palestras, entrevistas, atendimentos em consultórios médicos, aulas expositivas, discursos políticos, entre outros.

A AC segue a orientação pragmática, a qual, adotando elementos inalienáveis como o contexto, o objetivo, os participantes, os papéis representados pelos interlocutores, a intenção comunicativa, interpreta os discursos em situações de comunicação concretas.

### *1.2.1 Características da conversação*

Marcuschi (2006,p.15) defende a existência de cinco elementos imprescindíveis constitutivos da língua falada, quais sejam:

1. interação entre pelo menos dois falantes;
2. ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
3. presença de uma sequência de ações coordenadas;
4. execução numa identidade temporal;
5. envolvimento numa “interação centrada”.

Citando Dittman (1979), o autor explica: “Tais características permitem-nos tornar a conversação como sendo uma interação verbal centrada, que se desenvolve

durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum.” (MARCUCHI 2006, p. 15).

A conversação pressupõe uma troca engajada, um jogo, no qual a ação em particular, de cada um dos jogadores, provoca um realinhamento do outro em contínua alternância, garantindo, assim, que o jogo interacional se desenvolva por meio de suas ações coordenadas tendo em vista um ou mais objetivos comuns que irão concorrer numa linha temporal.

De extrema relevância é considerar que, para a construção do sentido (coerência), é necessário que os conhecimentos de mundo sejam partilhados entre os interlocutores. A coerência, segundo Koch (2012, p. 21), está:

[...] ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como o princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto.

Para o *princípio de interpretabilidade*, deve ser considerada a competência linguística e a competência comunicativa dos interlocutores. Na primeira, considerada de forma mais ampla, encontram-se imbricados o domínio dos elementos linguísticos e o de saberes socioculturais. A segunda, relacionada ao indivíduo, subsiste na capacidade de articular esses domínios para comunicar-se de modo eficaz.

São constitutivos do texto conversacional os quatro elementos básicos responsáveis pela sua organização - o turno, os marcadores conversacionais, o tópico discursivo e o par adjacente, dos quais tratamos a seguir, no capítulo 2.

Considerando que a linguagem humana tem sido concebida, no curso da história, por maneiras diferentes, que podem ser resumidas em três tipos: a representação (espelho), o instrumento (ferramenta) e a forma (lugar), a construção do discurso como objeto de estudo foi um avanço de extrema relevância, já que o falante, ao engajar-se nas diversas formas de interação, neste caso a entrevista, passa a exibir a sua autoimagem pública (a persona). Por ser uma atividade que necessita de constantes negociações entre os interactantes e por ser em tempo real, a entrevista proporciona uma ameaça à face dos participantes. Cada sujeito constrói a sua autoimagem pública de maneira que não

possa ser arranhada, e sim preservada. Nesse cenário, corre o risco de expor o que deseja ser resguardado, mesmo de maneira involuntária. Para preservar sua autoimagem, emprega, então, certos marcadores conversacionais específicos, como os marcadores da preservação da face e as estratégias de polidez.

Segundo Goffman (1974), “face é o valor positivo que uma efetivamente reivindica para si por meio da linha de ação que os outros pressupõem que tenha adotado durante um contato específico”.

Em questões extremamente polêmicas, o entrevistado, tende a posicionar-se de modo defensivo. Para preservar-se de uma possível reação adversa, evita transgredir a face negativa e lança mão de estratégias que contribuam para evitar reações negativas e, assim, promover condições de neutralizar interpretações inoportunas ou prejudiciais por parte do interlocutor. Importa mencionar que uma abordagem textual-interativa permite estudar, nas entrevistas, as relações interpessoais estabelecidas, graças à maneira como o evento é organizado. Para tanto, é necessário observar, como afirma Brait (1993, p.221):

não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer que, juntamente com os outros recursos, tais como entonação, gestualidade, expressão facial, etc, permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos eu mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação com o jogo de subjetividades, um jogo de subjetividade, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessão.

Com o objetivo de trabalhar essas especificidades do discurso oral, analisamos, neste trabalho, a propriedade identificadora da polidez, os postulados conversacionais de Grice e os marcadores conversacionais na atividade interacional.

Reiteramos que a investigação foi conduzida a partir de pressupostos teóricos da Análise da Conversação, da Linguística Textual e da Sociolinguística Interacional, visando à análise da estrutura de participação e à observação do alinhamento adotado para a situação de representatividade durante a interação, no momento em que se processa o desenvolvimento do tópico discursivo.

Um dos traços marcantes da língua falada são os traços de subjetividade, que podem ser percebidos nos postulados conversacionais de Grice, nos operadores de argumentação, marcadores de pressuposição, marcadores conversacionais e traços de polidez.

## 2. DIMENSÃO INTERACIONAL DO TEXTO FALADO

O homem, ao produzir um discurso, apropria-se da língua não apenas como meio de transmitir mensagens, mas também com o objetivo de interagir socialmente. Estabelece-se, portanto, o jogo de representações e imagens entre o locutor e o interlocutor. Esse fenômeno é observado na análise do processo interacional, dentro da análise da conversação, considerando as características e as estratégias utilizadas pelos participantes durante a interação do diálogo.

Segundo Brait (2003, p.220), apesar dos interactantes terem a mesma condição de poder, com princípio de igualdade de condições, e de que as pessoas poderem opinar livremente,

[...] apesar desse ponto de partida ideal, dessa aparente simetria de característica e de papéis a serem desempenhados no diálogo, uma leitura um pouco mais detida do texto poderá demonstrar que a interação não implica somente cumplicidade e solidariedade, mas também um certo tipo de embate, de disputa, na medida em que os interlocutores são parceiros de um jogo: o jogo da linguagem.

A interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas e interpretadas. Numa abordagem interacional de um texto, observamos as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pelo modo como o evento conversacional está organizado. E, nesse contexto, recursos implícitos, como entonação, gestualidade, expressão facial entre outros, nos permitem a leitura dos pressupostos. Nesse sentido, a interação revela-se como um jogo de subjetividades e representações em que o conhecimento acontece pelo processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões.

A partir do momento em que se tem o espaço para analisar as especificidades do texto oral, diferentes teorias “dialogam” entre si para explicar como que a interação acontece. Um dos pioneiros desse novo olhar é Bakhtin (2003), que diz: “a interação verbal é a realidade fundamental da linguagem”. O estudo da língua em uso nas comunidades de fala assinala que a atenção está voltada para um tipo de investigação que correlaciona aspectos dos sistemas linguísticos e aspectos dos sistemas sociais.

Um dos aspectos destacados por essa nova postura perante a linguagem são as marcas interacionais presentes no texto escrito, pois os falantes de uma língua não são competentes apenas de um ponto de vista linguístico, isto é, no sentido de que dominam os signos e as possibilidades previstas por um sistema verbal, mas têm também competência comunicativa e textual. Essa premissa é referendada por Kerbrat-Orecchioni (1990): “a competência aparece como um dispositivo complexo de aptidões, onde os saberes linguísticos e os saberes socioculturais estão inexplicavelmente combinados”. Isso significa que os falantes de uma língua combinam a competência linguística com outras competências, habilitando-se a utilizar as formas linguísticas em diferentes contextos, em diferentes situações de comunicação, com diferentes finalidades.

O fato é que é impossível desvincular a língua de sua função sociointeracional, já que os falantes constroem juntos o texto, não apenas trocando informações durante o diálogo; cada um desempenha um papel fundamental, como num jogo de futebol, que visa à atuação de um sobre o outro.

Como objeto de investigação interdisciplinar, a dimensão interacional, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focaliza os empregos concretos da língua, conseqüentemente a heterogeneidade linguística. Não é raro encontrar-se mais de uma forma equivalendo a um mesmo significado, seja no nível do vocabulário, da morfossintaxe, da semântica ou da fonética ou da fonologia de uma língua. Isso é o que se denomina de variável linguística. Em outras palavras, são duas ou mais formas distintas de transmitir um conteúdo informativo. Já as formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de variantes linguísticas, que são idênticas quanto à referência, mas opostas em sua significação social.

Pode-se observar esse fenômeno quando a intenção do locutor, muitas vezes, não se dá de forma clara, podendo ser julgada como um artifício que resulta em uma estratégia para alcançar um fim pretendido. Segundo Koch (1997, p. 30):

Estratégias interacionais são estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. Entre elas, podem-se mencionar, além daquelas relativas à realização dos diversos tipos de atos de fala, as estratégias de preservação das faces (“facework”) e/ou de representação positiva do “self”, que envolvem o uso das formas de atenuação, as estratégias

de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal-entendidos, entre outras.

Por se tratar de uma atividade na qual se instituem constantes negociações entre os interactantes, a conversação propõe, geralmente, uma ameaça potencial à face dos participantes. Marcuschi (1989) afirma que todo indivíduo possui uma face positiva e outra negativa. A primeira seria a busca de assentimento e aceitação de sua personalidade e desejos. A segunda, por sua vez, corresponde ao âmbito pessoal e deve ser protegida. Como o interesse de preservação da face é mútuo, cada pessoa funda estratégias que buscam reduzir os riscos de ameaças à face.

Tendo em vista que os recursos de preservação da face – entre os quais se salientam as formas de polidez, os marcadores de atenuação, entre outros – são frequentemente de caráter verbal, o princípio de defesa da autoimagem pública incide, pois, sobre as formas interacionais e também sobre as formas gramaticais. Dessa forma, procedimentos que ameaçam a face positiva (por exemplo, insultos, acusações e outros) ou a face negativa do ouvinte (no caso de ordens, pedidos e outros) são regidos por alguma marca prosódica ou verbal, vinculada ao efeito ou objetivo que o locutor pretende atingir. Essas marcas aparecem nos procedimentos que ameaçam a face positiva (auto-humilhação, autoconfissão) ou negativa do falante (agradecimentos, desculpas, etc).

Koch (1997, p.31) explica que:

A estratégia de preservação das faces manifesta-se linguisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e dos marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

Marcuschi (1989, p. 285) assinala que, mesmo que tal princípio esteja relacionado a um conjunto parcial de marcadores conversacionais, com funções específicas, como a polidez e a atenuação, sua atuação pode ser vista de maneira mais extensa. O autor então sugere a hipótese de que “a noção de polidez pode ser tomada num sentido mais amplo de englobar, por exemplo, a própria noção de função fática ou

de contato, já que o simples fato de marcar presença ou marcar atenção é um sinal de polidez.”.

Caracterizar a interação como um fenômeno que inclui aspectos sociais, culturais, discursivos e linguísticos, e o que representa um processo essencial na organização do texto oral e nos sentidos e efeitos de sentido construídos. Pois o fato de ser uma atividade cooperativa que envolve pelos menos dois participantes numa situação específica, mesmo em contextos informais, podemos observar que há manifestações de poder nas diferentes formas de interação.

A conversação e a interação são dois conceitos relacionados, em que os participantes do ato conversacional engajam-se na conversação porque tem o propósito de interagir, reciprocamente. É no decorrer da conversação que possibilita a continuidade da interação. Então a conversação se aproxima da interação, pois uma completa a outra.

Após essa exposição pode-se concluir que não basta estudar a língua como um código (conjunto de signos), pelo qual um emissor transmite mensagens a um receptor; nem como um sistema formal abstrato, de relações entre elementos de vários níveis que permitem estruturar as frases de uma língua, nem como um conjunto de enunciados virtuais cujo significado é determinado fora de contexto.

Nesse sentido, é preciso pensar na linguagem humana como “lugar” de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, portanto, de coenunciação. É preciso olhar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas, como forma de interação social.

## **2.1 Organização geral da conversação**

Conforme postula Koch (2010, p. 80) “a conversação se organiza em turnos, que consistem em cada intervenção de um dos participantes no decorrer da interação”. Diferente das entrevistas, consultas, palestras, entre outras, em que apenas uma pessoa tem o poder da palavra e a distribui de acordo com sua vontade (interações assimétricas), observamos que, no dia a dia, as interações normalmente são simétricas,

pois todos os participantes têm igualdade de direito no uso da palavra, ocorrendo de maneira natural, conforme explica Rodrigues (2003, p. 21):

A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar ideias sobre determinado assunto. Conversação natural, que ocorre espontaneamente no dia a dia, dá-se face a face, presentes os dois falantes, ao mesmo tempo, num mesmo espaço.

Dessa forma, na situação de diálogo, os interlocutores alternam os seus papéis de falante e ouvinte, construindo uma atividade a “quatro mãos” ou em “duas vozes”, resultando no texto conversacional elaborado em uma determinada situação conversacional. Pode-se concluir que todo evento de fala acontece num contexto situacional específico, num ambiente extralinguístico (na situação imediata, no momento e na circunstância) em que se consideram as características individuais e possíveis relacionamentos que unam os participantes, como: entre familiares, colegas de trabalho, professor e aluno em outros.

Segundo Rodrigues (2003), a conversação é iniciada por algum tópico que motivou a interação, mesmo que, durante a conversa, o assunto seja mudado e depois retomado num outro momento. Pelo fato de a interação ser espontânea e planejada localmente (simultaneamente à execução), conseqüentemente só poderá ser mantida se houver um tópico conversacional, assim como a disponibilidade dos interlocutores para o diálogo. O tópico conversacional é entendido como aquilo acerca do que se fala. Associando a ideia de tópico com planejamento discursivo, é possível dizer que a dimensão do processo de planejamento discursivo envolve, também, o planejamento temático. A conversa gira sempre em torno do assunto ou tema, condição indispensável para a coerência do texto conversacional.

Para Urbano (1990), na conversação espontânea, o tema pode sugerir algum grau de planejamento. Dificilmente se pode falar em formulação verbal planejada, pois é um trabalho de cooperação entre os interlocutores, que se vão compondo na medida em que a conversa se realiza. Então, o planejamento e a realização do discurso coincidem no eixo temporal; são praticamente concomitantes. Conseqüentemente, “cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso” (Marcuschi, 1986), e marcas do processo de planejamento ou replanejamento podem ser detectadas no texto falado.

À medida que ocorre o envolvimento entre os interlocutores com o assunto da conversa, o próprio processo de elaboração do texto conversacional é o resultado de um trabalho cooperativo, ou de “duas vozes”. Como os falantes se encontram em situação de interação face a face com seus interlocutores, podemos falar em mais outros tipos de envolvimento, segundo Chafe (1985): o do falante que consegue o egoenvolvimento e o do falante com o ouvinte, relacionando-se com a dinâmica da interação com outra pessoa.

Explica Rodrigues (2003, p. 28) que:

no decorrer do diálogo, os falantes estão sempre demonstrando que compreendem a fala do seu interlocutor, assinalando que pode continuar falando como até então vinha fazendo porque o ouvinte se sente em sintonia com o que está ouvindo. São sinais de entendimento expressões como: certo, lógico, ah sim, entre outros, conhecidos como marcadores conversacionais. (RODRIGUES, 2003 p. 28)

Essas constatações confirmam ser o envolvimento uma das características da estrutura da conversação.

Outro elemento da fala é o turno conversacional, podemos adotar a regra de ouro da interação simétrica, qual seja: cada um fala na sua vez. Os interlocutores podem assumir os turnos nos “espaços de transição”, caracterizados por marcas como: silêncio ou pausa mais alongada, entonação característica, gestos, olhar, sinais de entrega do turno (então?, que acha?, de acordo? etc.). Esse sistema é adotado de modo natural e, quando outro participante quer obter a palavra, ocorre a sobreposição de vozes.

Nos pares adjacentes, a constituição se concretiza com os conjuntos de dois turnos em que a produção do primeiro membro acarreta a do segundo, ou seja, o primeiro condiciona a realização do segundo (pergunta-resposta, saudação-saudação, despedida-despedida, cumprimento-agradecimento, convite-aceitação ou recusa, pedido-concordância ou recusa).

## **2.2 Organização tópica da conversação**

Na conversação, o tópico é desenvolvido pelos participantes do diálogo, e como é uma atividade cooperativa, podem ocorrer algumas alterações durante o percurso. Essas interrupções são de naturezas diversas e motivadas por algum dos participantes, caracterizadas como a mudança de tópico ou um desvio (ou quebra), que poderá ser espontânea ou intencional.

O tópico é entendido como assunto ou tema da conversação, ou seja, o foco da conversação. Uma vez que os participantes de uma conversa reconhecem a regularidade ou a relevância dos elementos que mantêm uma conversa, os enunciados podem ser ajustados de acordo com o sentido do tema desenvolvido. Isso constitui a topicalidade, que são os procedimentos que os participantes utilizam para revelar a compreensão e realizar a mudança do tópico (como uma solução para as falhas entre as transições dos falantes).

Com a responsabilidade de manter a linha conversacional, cabe aos participantes desenvolver um tópico. Por meio do tópico da conversa, a interação entre os falantes é sinalizada com perguntas ou outros gestos de assertividade entre os interlocutores. Durante a interação conversacional, quando um dos participantes assume o tópico conversacional, os outros procuram fornecer elocuições mínimas ou outros tipos de solicitações que garantam a continuidade da conversa, pois a falta dessas elocuições sinaliza que poderá ocorrer mudança do tópico.

Marcuschi (1986, p. 77) afirma que é possível descrever a organização tópica, já que, de algum modo, ele é estruturado. Para isso, o autor lembra que:

as conversações iniciam-se com o tópico que motivou o encontro[ ...] uma conversação fluente é aquela em que a passagem de um tópico a outro se dá com naturalidade, mas que é muito comum que a passagem de um tópico a outro seja marcada.

A mudança entre um tópico a outro pode ser realizada por marcadores que anunciam uma digressão (os quais provocam uma mudança relativa no desenvolvimento do assunto) e pelos que retomam um tópico que fora interrompido. Para retomar o assunto já abordado, as mudanças de tópico podem acontecer sem que haja aviso prévio.

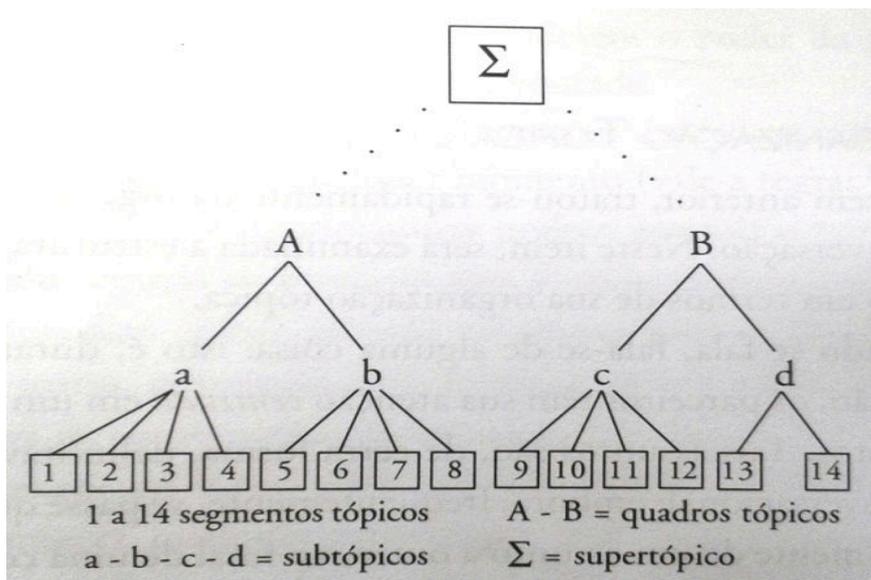
Essa quebra pode ser ocasionada pela chegada de outra pessoa ou algum fato que interfira na conversação, ou mesmo a associação de algum outro fato, entre outros. Desse modo, a quebra do tópico pode ocorrer sem que a coerência entre os turnos seja afetada e sem que a continuidade do turno seja desfeita, pois a coerência conversacional existe em relação aos tópicos.

Na estrutura da conversação, em termos da organização tópica, tópico é aquilo que se fala e que poderá ser subdividido em fragmentos de um mesmo tópico em vários níveis. Explica Koch (2003, p. 81) que:

quando se fala, fala de alguma coisa: isto é, durante uma interação, os parceiros têm sua atenção centrada em um ou vários assuntos. Tais assuntos são, de certa forma, delimitáveis no texto conversacional: embora, frequentemente, se passe quase insensivelmente de um assunto a outro, ao final de uma conversa, se for perguntado aos participantes sobre o que eles falaram, provavelmente eles serão capazes de enunciar os principais “tópicos” abordados.

Para evitar mal-entendidos, podemos denominar os fragmentos em níveis mais altos e baixos de *segmentos tópicos*. O conjunto desses segmentos tópicos formará *subtópico* e os diversos *subtópicos* constituirão um *quadro tópico*. Havendo, ainda, um tópico superior que englobe vários tópicos, ter-se-á um *supertópico*. Observe o diagrama abaixo:

**Quadro 5. Diagrama sobre organização tópica**



Fonte: Koch (2003, p.82)

O tópico pode seguir vários caminhos e constituir-se de vários outros assuntos, mas, naturalmente, os interactantes retornam ao tópico inicial (o supertópico) para concluir o diálogo.

O tópico conversacional é um verdadeiro quadro constituído de elementos afins chamados “frames”, e esse fenômeno ocorre sempre que um novo dado ocorre na conversa. Então, durante uma conversa, vários “frames” podem ser construídos. Numa interação conversacional, pode-se desenvolver um único tópico ou vários tópicos, dependendo do interesse entre os participantes.

### 2.3 O turno conversacional

A alternância de papéis entre falante e ouvinte é outra característica presente na conversação. Essa troca é comumente chamada, entre os analistas da conversação, de “turno conversacional”. O turno é a participação dos interlocutores em um processo de interação, ou seja, é a alternância de tomadas de palavras de forma coordenada entre os falantes, se constituindo em unidades organizadoras da conversação. Nas palavras de Marcuschi (2006, p. 18), o turno é “aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”.

As expressões não linguísticas que compõem os turnos são regidas por uma convenção social que orienta a ação dos interactantes. Os turnos linguísticos são considerados por Galembeck (2003, p. 71) como:

todas as intervenções dos interlocutores, tanto aquelas que possuem valor referencial ou informativo (ou seja, que desenvolvem o assunto tratado num fragmento do diálogo), como aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está ‘seguindo’ ou ‘acompanhando’ as palavras do seu parceiro conversacional.

O autor classifica o turno em duas modalidades: o turno nuclear, que veicula informações e desenvolve o tópico em andamento, e o turno inserido, que, apesar de não possuir um valor referencial, tem como função principal indicar que um dos interlocutores monitora o que seu parceiro está dizendo. O monitoramento pode ser feito por meio de recursos paralinguísticos, como gestos, expressões faciais, olhares ou sinais de continuidade, como: *ahn; uhnuhn; sei; exato; certo*, que indicam ao interlocutor que o locutor está prestando atenção e que ele pode prosseguir com seu raciocínio.

O turno tem início quando o interlocutor passa de ouvinte a falante e é essa alternância que sustenta a conversação. O desenvolvimento do processo conversacional ocorre quando os falantes procuram respeitar o turno do outro, falando um de cada vez e revezando nas distribuições deles. Quando há uma disputa pelo turno ocorre uma sobreposição de vozes que, segundo o pesquisador (GALEMBECK, 2003, p. 92), não implica necessariamente falta de polidez, pois as falas simultâneas indicam “o desejo acalorado de participar e o envolvimento na consecução de uma tarefa comum”.

As execuções simultâneas interrompem o turno do falante, porém nem sempre provocam a interrupção do discurso de quem estava com a palavra. Castilho (2000, p.39) cita Preti (1998) ao destacar as situações em que há execuções linguísticas simultâneas:

Preti (1998) estudou a sobreposição de vozes [...] concluindo que as execuções linguísticas simultâneas são comuns nas seguintes situações: após uma pausa de cerca de sete segundos, após a produção de um segmento sintaticamente completo, após um fático interrogativo (quando o locutor supõe que o interlocutor tinha terminado sua intervenção), nos assaltos de turno, ou finalmente, quando um locutor quer colaborar com o

outro, acrescentando segmentos, corrigindo, discordando, duvidando, perguntando ou respondendo.

Ao tratar dos processos que controlam o turno, o autor ressalta três estratégias utilizadas pelos interlocutores: a manutenção do turno, o assalto ao turno e a passagem consentida de turno. (CASTILHO, 2000, p. 37-41).

Para o autor, a manutenção do turno é um recurso utilizado por quem está falando para evitar a tomada do turno. Para isso, os falantes preenchem as pausas prolongadas com o alongamento de vogais e consoantes, bem como com a utilização de expressões fáticas, pois o silêncio assinala a possibilidade de ceder o turno. A autocorreção é outro recurso utilizado para evitar o assalto ao turno.

O assalto ao turno configura-se como uma interrupção direta do interlocutor antes do término do falante. A interrupção antes do momento apropriado gera, na maioria das vezes, uma sobreposição de vozes. Já na passagem consentida de turno, a transição da fala pode ocorrer por meio de outros mecanismos além do linguístico. O olhar, os gestos e o silêncio também consentem a troca do turno, o que é transmitido com certa sistematicidade recorrente no momento da passagem.

A disposição dos turnos em uma interação conversacional varia de acordo com as diferenças culturais, socioeconômicas, de status, de conhecimento e de personalidade, bem como as expectativas e interesses dos interlocutores. As diferenças dos falantes determinarão, por exemplo, o sistema de tomadas de turno, que poderá ou não funcionar de forma flexível, havendo interrupções, intromissões, falas simultâneas, disputas e tomadas frequentes. Essas diferenças interferem diretamente na condição de participação do falante, tornando a conversação mais simétrica ou assimétrica.

As divergências da comunidade discursiva não são os únicos fatores que determinam a simetria em um evento interacional. Devemos considerar, também, o controle de alocação de turnos que, normalmente, pertence a um dos participantes de uma interação, como ocorre no caso das entrevistas. A entrevista é um exemplo de diálogo assimétrico, pois compete a um dos participantes, na maioria dos casos, o entrevistador, a tarefa de alocar os turnos, iniciar, orientar, redigir e concluir a interação.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 75), nas entrevistas:

o entrevistador exerce sua autoridade sobre a estruturação da interação (que ele “conduz”, tomando a maioria das “iniciativas”), mas, por outro lado, abdica de um outro privilégio, já que seu papel é menos o de falar que o de suscitar a fala do outro, a quem delega a tarefa de fornecer o essencial da matéria conversacional, e a quem coloca em evidência.

Podemos observar que tanto entrevistador quanto entrevistado possuem o que Andrade e Fávero (1998, p. 162) denominam de papéis sociais. Para as autoras, o conceito de assimetria interacional não está ligado somente “às funções dos interlocutores na situação comunicativa, mas principalmente a seus papéis sociais e suas características individuais”, ou seja: os interlocutores possuem deveres e direitos comunicativos que devem ser usados de acordo com o contexto específico e sua identidade social dentro da comunidade.

De acordo com as autoras, a importância social desempenhada pelo entrevistado ou entrevistador pode interferir, muitas vezes, na simetria da entrevista. Em certas entrevistas, há uma inversão de papéis e o entrevistado acaba selecionando os tópicos e conduzindo as passagens. Por outro lado, há também entrevistadores que dominam toda a entrevista e não cedem ao entrevistado os turnos que lhes são devidos. Os distintos papéis discursivos desempenhados pelos interlocutores, independentemente de ser o entrevistador ou entrevistado quem domina a interação na entrevista, podem determinar o caráter assimétrico do evento conversacional.

Em interações que possuem um número maior de participantes, a negociação de turnos será mais complexa, uma vez que a assimetria pode ser ocasionada por papéis sociais desiguais. No caso dos debates políticos, em que existem normalmente três ou mais interlocutores, a tomada e manutenção de turno são determinadas por um acordo prévio, ou seja, nesse tipo de situação, temos papéis discursivos bem definidos e orientados. Enquanto o mediador cumpre a função de direcionar a conversação, fazer a escolha dos tópicos e distribuir os turnos, os debatedores devem responder ao que foi solicitado tendo em vista o tempo estabelecido para responder, dar réplicas e tréplicas, sem ultrapassar o tempo ou assaltar o turno na hora em que quiser.

Diante disso, em uma situação de debate, um contrato das condições para a realização da interação verbal é estabelecido pelos interlocutores. Esse acordo tácito determinará os papéis sociais e discursivos, o propósito e a finalidade do encontro social

e as escolhas discursivas dos falantes durante a interação. Mesmo sendo a tomada de turno regida por um esquema estabelecido, é durante a conversação que essa negociação ocorre.

Para a efetivação de uma conversação, é necessária a ocorrência de, no mínimo, dois turnos coordenados e cooperativos. A soma desses turnos é considerada por alguns autores como a unidade fundamental mínima para a concretização da conversação. Essa unidade fundamental foi denominada por Schegloff e Sacks de “par adjacente” ou “par conversacional” (MARCUSCHI, 2006, p. 35).

## **2.4 O par adjacente**

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999, p. 49-50), o par adjacente desempenha as funções de organizar os diálogos localmente, direcionar a fala, obter respostas, ajustar a participação dos falantes, ter o controle do encadeamento de ações e, inclusive, ser um elemento introdutório do tópico discursivo.

Marcuschi (2006, p. 35) descreve os principais pares adjacentes que compõem a sequência de turnos: pergunta-resposta; ordem-execução; convite-aceitação/recusa; cumprimento-cumprimento; xingamento-defesa/revide; acusação-defesa/justificativa; pedido de desculpa-perdão. A partir da definição de Schegloff e Sacks, o autor elenca as principais características dos pares conversacionais: extensão de dois turnos, posição adjacente, produção sucessiva por falantes diversos, ordenação consequência predeterminada, composição de uma primeira e de uma segunda parte, pois a primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação, assim como, coloca o ponto relevante para a transição de turno.

No processo interacional, locutor e interlocutor constroem, de modo alternado, a conversação em uma sequência temporal. Para que os pares adjacentes ocorram de forma organizada e cooperativa, é necessário que os interactantes partilhem de conhecimentos, aptidão linguística, envolvimento cultural e situações sociais. Após a contribuição do locutor, espera-se que o interlocutor produza a segunda parte do par, que será orientada pelo o que acabou de ser dito. Caso isso não ocorra, o locutor

possivelmente dará continuidade à interação promovendo inferências sobre a ausência de seu interactante.

Goffman (1980, p. 5) assinala a grande probabilidade de usar perguntas e respostas para a construção dos diálogos. De acordo com Fávero e Aquino (1996), perguntas e respostas podem agrupar-se em dois grandes tipos: perguntas fechadas (ou de sim/não) e perguntas abertas (ou acerca de algo). Os interactantes podem utilizar essas estratégias para introduzir, continuar, redirecionar ou mudar um tópico. Nem sempre uma pergunta será seguida de uma resposta, pois isso dependerá do contexto, do conhecimento compartilhado entre os participantes e da própria vontade de manter a interação verbal.

O par adjacente é uma noção importante no que se refere às características das entrevistas e debates. Em entrevistas televisivas, que são eventos tipicamente desenvolvidos por meio de perguntas e respostas, tanto entrevistador quanto entrevistado criam situações que podem interferir na condução da entrevista. O bom desenvolvimento de uma entrevista depende da troca entre entrevistador e entrevistado; ambos constroem o texto que irá atender às expectativas dos ouvintes. Para isso, o entrevistador precisa estar bem informado sobre seu entrevistado e o interesse de seu público sobre ele. Por sua vez, o entrevistado contribui com o desenvolvimento da entrevista fornecendo respostas objetivas, sem ignorar ou fugir das perguntas elaboradas. Questionamentos constrangedores podem não ser respondidos pelo entrevistado, e, nesse caso, o sucesso da entrevista dependerá de como os interactantes irão lidar com a ausência de respostas.

Muitas vezes, por conhecer o posicionamento de seu interlocutor (entrevistado), o falante introduz um forte argumento na tentativa de criar uma situação embaraçosa. Por sua vez, o entrevistado, ciente dessa situação, também pode lançar mão desse expediente na construção de suas respostas, manipulando as informações que são transmitidas ao ouvinte, o que torna as respostas mais complexas do que normalmente seriam em uma conversação espontânea.

## **2.5 Marcadores Conversacionais**

Marcadores Conversacionais, doravante MCs, são elementos discursivos frequentes nos textos falados, que fornecem pistas importantes para os interlocutores. Alguns funcionam como sinais do falante e outros como sinais do ouvinte. Há marcadores típicos de progressão da narrativa. Segundo Koch, 2010, 123), alguns desses marcadores sinalizam:

1. início e final de segmentos tópicos, subtópicos ou quadro tópicos:
    - início: aí, então, depois, aí então, depois então, agora, veja, etc.
    - fim: percebeu?,entendeu?, viu?, né?, que tal?, que acha? E você? Etc
  2. concordância, discordância, dúvida:
    - concordância: tá, está bem, OK, certo, claro, evidente, sem dúvida, etc.
    - discordância: não, isso não, assim também não, não é bem assim, etc.
    - dúvida: será?,é mesmo?, tem certeza?
  3. hesitação: ah, eh, é..., uhn... etc
  4. início e fim de uma digressão.
    - início: fazendo um parênteses, desculpe interromper, mas...antes que esqueça, a propósito, etc
    - fim: voltando ao assunto, fechando os parênteses, voltando ao que eu (você) dizendo, etc
- e. sequência da narrativa: aí, então, aí então, depois, depois então, daí, etc.

Os exemplos acima citados ilustram o quanto esses elementos se fazem presentes no texto falado.

Segundo Marcuschi (2003, p. 61):

Parece claro que na análise da conversação não se pode empregar as mesmas unidades sintáticas que para a língua escrita. Tudo indica que as unidades, na conversação, devem obedecer a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos. Existem relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversação em turnos (marcados pela troca de falantes) e a ligação interna em unidades constitutivas de turnos. Isto sugere que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas.

Esses recursos podem ser subdivididos em três tipos de evidências: verbais, não verbais e suprasegmentais. Esses sinais orientam tanto o falante como o ouvinte se a conversação está fazendo sentido para ambos. Podem ser percebidos em várias posições: na troca de falante, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares e “podem operar como *iniciadores* (de turno ou unidade comunicativa) ou *finalizadores*” (MARCUSCHI, 2003, p. 61)

Em relação aos fatos gramaticais, esses sinais são marcados por: elipse, anacoluto, parênteses, entre outros que são de suma importância na motivação comunicativa. Assim como a unidade comunicativa é marcada por pausas, entonação, por alguns elementos lexicais, ou paralexiais,

cuja premissa é a de que tanto na produção oral como na escrita o sistema linguístico é o mesmo para a construção das frases, mas as regras de sua efetivação bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos linguísticos diferenciados. (R.Rath, 1979, *apud* MARCUSCHI, 2003, p. 62)

Os MCs são incorporados pelos interlocutores, uma vez que assumem as informações e os conceitos e também os incorporam como as próprias palavras para assinalar os procedimentos para preservação da autoimagem positiva.

Segundo Benveniste (1976), a enunciação é a atividade linguística daquele que fala no momento em que fala, de tal modo que é possível identificar em cada enunciado pistas ou marcas linguísticas que evidenciem o sujeito. Por marcador conversacional, entende-se uma expressão que serve de elo entre unidades comunicativas e que torna a linguagem falada dinâmica e expressiva.

Percebemos que os autores aqui citados dialogam sobre a articulação dos MCs, que cooperam como elementos coesivos no texto. Marcuschi (1989, p. 282) salienta que os MCs têm várias funções, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória. São elementos discursivos muito frequentes nos textos falados, que fornecem pistas importantes para os interlocutores, como se “pontuassem” o texto.

Essa denominação foi também ressaltada por Castilho (1989, p. 273-274), que admite que todos os MCs (por ele denominados marcadores discursivos) exercem uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto.

Para Urbano (1993), os MCs ajudam a estabelecer a coesão e a coerência do texto falado, funcionando como articuladores não só das unidades cognitivo-informacionais do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, constituem sinais que amarram o texto enquanto estrutura de interação interpessoal e asseguram o desenvolvimento continuado do diálogo.

Em textos conversacionais, o emprego dos MCs de opinião é frequente, pois há a necessidade de cada interlocutor marcar a própria presença (autoenvolvimento) nas situações de interação face a face (GALEMBECK, 1998).

Nesse sentido, os MCs podem ser classificados como recursos verbais, não verbais e suprasegmentais. Os recursos verbais são expressões estereotipadas de grande ocorrência ou recorrência que não contribuem com informações novas para o desenvolvimento do tópico, mas situam-no no contexto geral. Alguns não são lexicalizados, como: “mm”, “aha”, “ué”, “hum”, entre outros.

Segundo o autor, os recursos não verbais ou paralinguísticos, tais como: olhar, riso, meneio de cabeça, gesticulação, são importantes na interação face a face. Eles estabelecem, mantêm e regulam o contato: uma palmadinha com a mão durante o turno, um olhar incisivo ou um locutor que nunca enfrenta significa muito numa interação conversacional. (GALEMBECK, 1998).

Os recursos suprasegmentais são de natureza linguística, mas não de caráter verbal, como as pausas e o tom de voz. As pausas podem ser curtas (micropausas), médias ou longas e constituem um fator decisivo na organização do texto

conversacional. Podem ser percebidas no final de unidades comunicativas, geralmente concorrendo com outros marcadores, mas também podem aparecer no início de unidades, caracterizadas pelas hesitações (ou pausas preenchidas). Em conversações informais, as pausas propiciam a mudança de turno.

O quadro a seguir, adaptado de Galembeck e Carvalho (1997, p.840-843) ilustra a visão geral da conversação, seja numa conferência, numa sala de aula, numa entrevista, numa conversação formal ou informal, entre pessoas de mesma condição social ou não, entre outros eventos comunicativos. Os marcadores conversacionais de função interacional distribuem-se em vários subtipos, em conformidade com a função que exercem:

**Quadro 6. Subtipos de Marcadores Conversacionais de função interacional \***

MARCADORES CONVERSACIONAIS DE ENVOLVIMENTO DO OUVINTE	MARCADORES CONVERSACIONAIS DE SUSTENTAÇÃO DO TURNO	MARCADORES CONVERSACIONAIS DE MANIFESTAÇÃO DE OPINIÃO
Representados pelas Expressões: veja, você veja, olha, você sabe, você repara, você imagina, você pode ver e demais locuções assemelhadas, usadas para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio.	O texto falado é planejado Localmente; nele, o Planejamento ocorre com a execução. Por isso, são frequentes os silêncios, hesitações ou dificuldades na construção da frase ou do texto. Nesse caso, o silêncio (pausas não preenchidas) deixa vulnerável a posição do locutor, já que permite que o turno seja ocupado pelo outro interlocutor. Dessa forma, o falante acaba por preencher as pausas, empregando determinados marcadores não lexicalizados (ahn, uhn, eh, ah) e de alongamento,	Representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução, esses marcadores podem ser divididos em dois grupos: ■ os que indicam que o locutor assume explicitamente as opiniões ou conceitos emitidos (creio que, acredito que, tenho certeza [de] que); ■ e aqueles por meio dos quais o locutor manifesta falta de certeza ou convicção (eu acho que, na minha opinião).

	como: certo::, ahn::.	
--	-----------------------	--

\* Fonte: Adaptado de Galembeck e Carvalho (1997, p.840-843).

Para os autores, a “posição dos marcadores não é fixa” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p. 833). O mesmo marcador pode ser usado em posições distintas, como no caso do “eu acho que”, o qual ocupa a posição inicial, mas também pode aparecer em posição medial. Isso demonstra as propriedades que resultam do caráter multifuncional dos MCs.

Além desses mecanismos que acabamos de descrever, constitutivos de qualquer texto conversacional, outros elementos também são imprescindíveis a uma análise da conversação, sobretudo quando essa análise incide sobre um *cópus* constituído por entrevistas apresentadas na mídia, em situações formais de enunciação, como é o caso da proposta desta dissertação. Referimo-nos às estratégias de preservação da face, em que se inclui a polidez, cerne do trabalho, que serão objeto de descrição no próximo item e respectivos subitens.

## 2.6 “Face” em AC: do conceito às estratégias de preservação de imagem

A questão da imagem foi abordada por diferentes estudiosos desde a Antiguidade. Aristóteles já havia ressaltado que a prova mais importante do discurso refere-se ao *ethos* (caráter) que, conforme mencionamos, diz respeito à imagem construída pelo orador mediante seu discurso. Em meados da década de 1960, os trabalhos relativos à imagem dos sujeitos em situação de interação face a face ganharam importância com os estudos do sociólogo Erving Goffman (1970, em seu trabalho intitulado *Ritual de La Interação*, em que designa a imagem dos sujeitos como “face”. De acordo com Goffman (1970), em toda interação há um trabalho de representação dos sujeitos na tentativa de preservar sua autoimagem pública e vê-la valorizada e bem aceita em sociedade, bem como o desejo de que seu território pessoal não seja invadido pelo outro.

Ao discutir o conceito de “face” elaborado por Goffman, Oliveira (1981, p. 85) afirma que pode ser compreendido como “o valor social positivo que uma pessoa

efetivamente reclama para si mesmo daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um tempo específico”. Portanto, a manutenção da face não é o objetivo primordial da interação, e sim uma condição, ou seja: um dos interactantes pode assumir práticas defensivas, para defender a própria face, ou protecionistas, quando pretende proteger a face do outro. Na face negativa, preserva-se a própria liberdade diante da imposição na relação com o outro, enquanto na face positiva há um movimento para a aprovação da imagem que se quer mostrar. Segundo Goffman (*apud* ROSA, 1992, p. 19), dentro do quadro da interação face a face (perspectiva etnometodológica):

o simples fato de entrar em contato com os outros na sociedade rompe um equilíbrio ritual preexistente e ameaça potencialmente a autoimagem pública construída pelos integrantes. A essa expressão social do eu individual Goffman chamou face; e aos procedimentos destinados a neutralizar a face dos participantes da interação Goffman chamou *face-work*, ou processo de figuração.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 14-15), as regras são flexíveis à medida que a interação acontece e são adquiridas progressivamente desde o nascimento, variando de acordo com a sociedade e cultura em que estão inseridas. Durante uma interação conversacional, os falantes deixam expostos aos seus interlocutores o que mais os valoriza e escondem o que os enfraquece. Essa omissão é necessária para o resguardo das faces de ambos os interactantes. O grau de exposição varia de acordo com os laços de convivência entre os participantes. Ao interagir, o locutor já inicia a ameaça da sua face pelo interlocutor, pois se expõe ao juízo alheio.

Nesse sentido, segundo Preti (2001), a conversação é um “evento comunicativo dinâmico que tem por características básicas a alternância entre papéis de falante e ouvinte”. Por conseguinte, uma das finalidades do locutor é persuadir seu ouvinte, de modo que elabora o discurso mediante a observação constante de seu interlocutor na interação, uma vez que os interactantes constroem sua imagem conforme o juízo de valor atribuído pelos outros a essa imagem.

De maneira geral, os participantes tendem a alcançar uma situação de equilíbrio entre eles. O sucesso de uma interação está diretamente ligado à preocupação do locutor em evitar confrontos com seus interlocutores. A ausência de conflitos é resultante da

intenção dos participantes, que buscam, a todo instante, não desrespeitar sua própria imagem nem a imagem representada pelo ouvinte, porque perder a face significa uma falha simbólica que tentamos evitar (tanto a nossa como a dos outros).

Em consonância com Goffman (1980, p.81), o *autorrespeito* (o desejo ou necessidade de preservação da própria imagem ou face) e a *consideração ao próximo* (a preocupação com a face do outro) são fundamentais para que se construam relações pessoais entre os interactantes. Na visão do autor:

da mesma forma que se espera que qualquer membro de um grupo tenha autorrespeito [ou amor-próprio], espera-se que ele sustente um padrão de consideração; espera-se um certo esforço de sua parte para salvar os sentimentos e a face de outros presentes, e que o faça voluntária e espontaneamente... .

Ao iniciar um evento conversacional, cada interactante possui uma imagem positiva de si mesmo e de seu lugar na sociedade. Durante o desenvolvimento do processo de interação, os participantes esperam que sua autoimagem seja preservada da mesma forma que contribuem para a preservação da autoimagem do outro. Evidenciam-se, então, duas posturas que devem ser assumidas pelos interactantes para a manutenção da interação: uma defensiva, na qual o falante precisa preservar a sua própria face, e outra protetora, em que ele deve, ao mesmo tempo, preservar a face do seu interlocutor.

Posterior a essa conceituação de Goffman, Brown e Levinson (1978) descrevem dois aspectos complementares da autoimagem construída socialmente: a face positiva (desejo de aprovação e reconhecimento) e a face negativa (referente ao desejo de não imposição, ou à reserva do território pessoal). Nesse sentido, a construção da imagem na vida social é contínua e está em constante ameaça. Na interação social, o indivíduo tenta resguardar ao máximo sua face apresentando *performance* positiva de acordo com as regras convencionadas àquela sociedade em que se está inserido.

Como na interação ocorre a junção das duas ações, cada interlocutor terá o interesse em resguardar o que lhe for mais conveniente, evitando situações ameaçadoras. Conforme Fiorin (2005, p.175) esclarece:

Na interação social, o indivíduo procura salvar sua face. Por outro lado, cada um dos interlocutores tem interesse em manter a face do outro, para não pôr em perigo sua face. No entanto, há atos ameaçadores da face negativa do interlocutor, porque

tentam invadir seu território (por exemplo, a ordem, o conselho, a ameaça) e atos ameaçadores da sua face positiva, porque podem ser vistos com uma tentativa de destruir a imagem do outro (por exemplo, a reprimenda, a refutação, a crítica). Há também comportamentos ameaçadores da face negativa do falante, porque podem ser considerados uma maneira de obrigar o falante a se expor (por exemplo, a promessa, a garantia, o juramento) e atos ameaçadores da sua face positiva, porque destroem a sua imagem (por exemplo, confissão, pedido de perdão, autocrítica)

A partir do conceito de face, surgem as noções de *face want* (desejo de preservação das faces) e *face work* (construção da face) propostas por Goffman (1967), pressupondo que, ao mesmo tempo em que os interlocutores desejam construir uma boa imagem de si e do outro, há o empenho de ambos em mantê-las, evitando a *perda das faces*, seja por atos verbais ou não verbais.

O conceito de “face” foi retomado e completado por Brown e Levinson (1978) em seu trabalho intitulado *Poliness: someuniversals for language usage*. Os autores redefinem as noções de “face” e de “território” propostas por Goffman, designando-as de face positiva e face negativa. Segundo Kerbrat-Orecchione (2006), a face negativa corresponde ao que Goffman chama de “territórios do eu” (corporal, espacial ou temporal, bens materiais ou saberes secretos), enquanto a face positiva, ao narcisismo e ao conjunto de imagens valorizantes que os interlocutores constroem de si e que tentam impor na interação.

Os interlocutores, ao se expressarem, podem denunciar as intenções e os desejos dos interlocutores. Brown e Levinson (1978) postulam o conceito de *Face Threatening Act (FTA)* para designar os “atos que ameaçam as faces” e descrevem inúmeros procedimentos linguísticos-discursivos que ameaçam a face dos interlocutores. Para os autores, o fato de as pessoas se exporem em uma situação de interação já configura uma situação de vulnerabilidade das faces. Na perspectiva de Brown e Levinson (*apud KERBRAT-ORECCHIONE, 2006, p.79*), os atos de fala ameaçadores se dividem em quatro categorias:

1) **Atos que ameaçam a face negativa do emissor:** por exemplo, o caso da oferta ou da promessa, pelas quais se propõe ou se compromete a efetuar um ato suscetível de lesar seu próprio território, num futuro próximo ou distante.

2) **Atos que ameaçam a face positiva do emissor:** a confissão, a desculpa, a autocrítica e outros comportamentos “autodegradantes”.

3) **Atos que ameaçam a face negativa do receptor:** as violações territoriais de natureza não verbal são numerosas (ofensas proxêmicas, contatos corporais inadequados, agressões visuais, sonoras ou olfativas, infiltração por invasão nas “reservas” do outro etc.) Mas as ameaças territoriais também podem ser de natureza verbal: é isso que ocorre nas chamadas perguntas “indiscretas”; e no conjunto dos atos que são, em alguma medida, inoportunos ou “diretivos”, como a ordem, a interpelação, a proibição ou o conselho.

4) **Atos que ameaçam a face positiva do receptor:** são todos aqueles que colocam em risco o narcisismo do outro, como a crítica, a refutação, a reprovação, o insulto e a injúria, a chacota e o sarcasmo...

Um mesmo ato pode apresentar-se em várias categorias simultaneamente, mas com valor dominante aparente. Por exemplo: um que ameaça a face negativa do ouvinte ao mesmo tempo pode estar ameaçando a face positiva do falante.

Vale ressaltar que, na noção de *face want*, os atos efetuados por ambas as partes ao longo da interação podem ser ameaçadores aos interactantes, uma vez que, quando se perde a face, há uma falha simbólica que se tenta evitar. Recorre-se, assim, à máxima “uns e outros, sejam cuidadosos”, pois o desejo de preservação da face é contraditório, alvo permanente e objeto de preservação.

Do mesmo modo, na noção de *face work*, salientam-se os mecanismos a que uma pessoa pretende recorrer para que suas ações não impliquem perda da face diante de ninguém, incluindo a si mesma. Para Brown e Levinson (1978), esses recursos são estratégias de polidez. Nesse sentido, “a polidez parece como um meio de conciliar o mútuo desejo de preservação das faces, com o fato de que a maioria dos atos de fala são

potencialmente ameaçadores para uma dessas faces”. (KERBRAT-ORECCHIONE, 2006, p.81)

Pensar, descrever e inventariar as diferentes estratégias postas a serviço da polidez são uma das muitas contribuições de Brown e Levinson, que apontam três fatores: o grau de gravidade do FTA; a “distância social” (D) entre os interlocutores (relação horizontal) e a relação de “poder” (P) (relação vertical). A ideia é que a polidez de um enunciado seja construída e que D, P e o peso do FTA cresçam juntos. Apesar de o modelo apresentado pelos autores ser muito produtivo, ainda cabem aperfeiçoamentos.

No modelo do aperfeiçoamento, podemos observar que, na noção de “anti- FTA” (ou FFA”) desenvolvida por Brown e Levinson, a face negativa é marcada por certo exagero; a polidez se apresenta na sua forma negativa “representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob a ameaça permanente de FTAs de todo gênero, e passando seu tempo a montar guarda em torno de seu território e de sua face”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 81).

A autora amplia esse modelo apresentando a noção de “antiFTAs” e afirma que, ao contrário dos FTAs, há alguns atos que podem ser valorizantes, como o elogio e o agradecimento, a que denominou de FFAs (*Face Flattering Acts*): “o conjunto de atos de fala se divide, então, em duas grandes famílias, conforme produzam efeitos essencialmente *negativos* para as faces (como a ordem ou a crítica), ou essencialmente positivos (como elogios e o agradecimento)”. (KERBRAT-ORECCHIONE, 2006, p.82)

Sobre os conceitos de “polidez negativa” e “polidez positiva”, acrescenta a pesquisadora:

**A polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória:** ela consiste em evitar produzir um FTA, ou em abrandar, por meio de algum procedimento, sua realização – quer esse FTA se refira à face negativa (ex.: ordem) ou à face positiva (crítica) do destinatário.

**A polidez positiva é, ao contrário, de natureza produtiva:** ela consiste em efetuar algum FTA para a face negativa (ex.: presente) ou positiva (ex.: elogio) do destinatário.

**A polidez positiva ocupa, de direito, no sistema global, um lugar tão importante quanto a polidez negativa:** mostrar-se polido na interação é produzir FFAs tanto quanto abrandar a expressão dos FTAs – e até mais que isso: nas representações prototípicas, a lisonja passa como sendo “ainda mais polida” que a atenuação de uma crítica. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.82-83).

Ao considerar que os interactantes desejam manter-se conectados durante todo o evento comunicativo, reconhece que procuram utilizar procedimentos linguístico-discursivos que mantenham o equilíbrio e propiciem o encadeamento do diálogo, para que haja troca produtiva e proveitosa para ambos, mesmo que por um tempo limitado e restrito ao evento. Assim, evitam danos à imagem de um e de outro, procurando manobras que propiciem uma troca amistosa e consensual.

### 2.6.1 Face positiva e face negativa

No conceito de “face” estabelecido inicialmente por Goffmane reelaborado e aprofundado por Brown e Levinson (1978), distinguem-se dois aspectos complementares da autoimagem construída socialmente: a *face positiva* (desejo de aprovação e reconhecimento) e a *face negativa* (desejo de não imposição, ou reserva do território pessoal).

A partir da constatação de que alguns atos de linguagem ameaçam a face tanto negativa como positiva, Brown e Levinson (1978) começam a identificar as estratégias de polidez utilizadas pelos interlocutores para manter sua face protegida: *bald-on* (modo disfarçado), *on record* (modo claro com elementos atenuadores) e *off record* (modo implícito). Para os autores, os elementos atenuadores são vistos como conjunto de procedimentos que resultam na atenuação da face ameaçada.

A partir do estabelecimento do conceito de FTAs (apresentada no item anterior), podemos compreender melhor as estratégias destinadas à manutenção da face dos interlocutores. Os autores propõem uma hierarquia de estratégias ao realizar os atos ameaçadores da face. De acordo com o esquema traçado por eles, são cinco as possibilidades de se executar um FTA. Ao classificá-los, eles utilizam uma escala que vai de 1 a 5 e, quanto maior o número, mais indireta e mais atenuada será a realização, a saber:

1. **diretamente e sem ação compensatória (*on record*):** nesse caso, não há esforço algum para reduzir o impacto do FTA; o falante deixa claro que não há intenção de amenizar o dano potencial a face. É geralmente utilizada por amigos, familiares ou pessoas que se conhecem bem.
2. **diretamente, com ação compensatória e polidez positiva:** o locutor realiza o FTA, porém com ação reparadora. Nesse caso, procura-se minimizar a face positiva do ouvinte, não deixando que sua ação afete

a relação entre ambos. Caracteriza-se pela produção de atos de caráter antiameaçador, como o elogio, a manifestação de acordo e o agradecimento.

3. **diretamente, com ação compensatória e polidez negativa:** nesse caso, o FTA é realizado explicitamente, assim como a ação reparadora que ocorre na tentativa de mitigar os efeitos negativos. Nessa estratégia, enfatiza-se o respeito à face negativa do interlocutor. São alguns exemplos: “eu não quero lhe interromper, mas...”; “sei que você está sem muito dinheiro, mas poderia me emprestar...”; “me desculpe, mas...”.
4. **indiretamente (*off record*):** o falante realiza o FTA implicitamente, sem assumir a responsabilidade, utilizando a linguagem indireta, como no caso: “está frio aqui”, esperando que o(s) ouvinte(s) feche(m) a janela ou ligue(m) o aquecedor.
5. **não realiza o FTA:** nesse caso, o falante opta por não realizar o FTA, por ser ameaçador demais ou por não haver condições de se atenuar os danos potenciais à interação. (BROWN E LEVINSON, 1978, p. 60).

A partir dessa classificação, Kerbrat-Orecchioni (2006) redimensiona a noção de atos ameaçadores da face ao constatar que muitos deles podem produzir efeitos simultâneos tanto na face positiva quanto na face negativa dos interlocutores. Além disso, a autora admite a existência de atos valorizantes que produzem efeitos positivos sobre as faces dos falantes, chamando-os de atos antiameaçadores (anti-FTAs ou *Face Flattering Acts*). Exemplos deles são o agradecimento, o elogio, um presente, um voto de confiança. Segundo a autora, o modelo proposto por Brown e Levinson é “excessivamente pessimista, e até mesmo ‘paranoide’, da interação - representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob a ameaça permanente de FTAs de todo gênero” Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 81)

Segundo Galembeck (2005, p. 174), “as circunstâncias particulares em que se desenvolvem os diálogos fazem com que neles a preservação da face seja uma necessidade constante”. Uma vez que não é possível prever as ações desenvolvidas pelo outro interlocutor, “o falante adota mecanismos que assegurem o resguardo do que não deseja ver exibido e coloquem em evidência aquilo que desejam ver exibido”.

A ameaça à face leva os interactantes a selecionar, dentre as práticas de salvamento da face constituintes de seu repertório, as mais eficazes para utilizar em uma determinada situação, buscando, assim, neutralizar o ato ofensivo e preservar a face positiva. Conforme Goffman (1980, p.84), “caso se queira lidar bem consigo mesmo e com os outros em todas as contingências, deve-se ter um repertório de práticas salvadoras de face para cada uma dessas possíveis relações com a ameaça”.

Assim, os interactantes realizam esse trabalho de resguardo da face ao utilizarem ações que minimizam ou neutralizam possíveis ameaças à face do locutor ou do interlocutor; representando um esforço para manter as faces e estabelecer um caráter harmonioso nas interações. Há, nesse caso, um empenho do falante para que suas ações não façam ninguém perder a face, incluindo a dele própria. Segundo Preti (2002, p. 54):

Em eventos comunicativos nos quais o falante se expõe de forma mais direta, por exemplo: em que necessita manifestar suas opiniões, atender ou recusar pedidos, responder a perguntas diretas e indiretas é vital a necessidade de salvaguardar a face para a manutenção do diálogo, já que “a perda da face, em geral, pode levar a uma situação tensa e comprometedora da interação”.

A expressão “perder a face” refere-se, a princípio, ao sujeito que está na face errada ou fora dela. Isso acontece quando um falante apresenta um valor social incompatível com a linha de conduta seguida por ele ou pelo grupo em que está inserido. Quando o sujeito percebe que está fora da face ou na face errada, sente-se envergonhado e constrangido “pelo que pode acontecer à sua reputação como participante”. É importante salientar que nem sempre o falante irá demonstrar que está envergonhado, pois muitas pessoas são capazes de ocultar tal reação, ocorrendo o que Goffman (1980,p. 78) denomina de “salvar a face”. Essa expressão refere-se ao processo pelo qual um indivíduo é capaz de dar aos outros a impressão de que não perdeu sua face. Uma pessoa *tem, está em* ou *mantém* uma face quando a linha que segue exprime uma “fachada” de si mesma “internamente consistente, apoiada por julgamentos e evidência transmitidos pelos outros participantes”. Nesses casos, o falante “sente que pode manter a cabeça erguida e apresentar-se abertamente para os outros” (GOFFMAN, 1980, p. 80).

Retomando os estudos de Goffman, Galembeck (2005, p.174) afirma que os processos de representação (*face-work*) são “os procedimentos destinados a neutralizar as ameaças (reais ou potenciais) à face dos interlocutores ou a restaurar a face dos mesmos”. Em outras palavras: a fim de se proteger, de preservar a sua face e a do seu interlocutor, os interactantes, por meio de processos de representação, expõem aquilo que desejam ver desvendado (face positiva) e ocultam aquilo que desejam esconder (face negativa).

Nesse sentido, a necessidade de preservar a face em uma interação é uma constante. Para impedir embaraços e constrangimentos, os sujeitos geralmente usam práticas preventivas e, para compensar ocorrências desfavoráveis que não foram evitadas com sucesso, eles empregam práticas corretivas. De acordo com o autor, quando o indivíduo utiliza estratégias para proteger suas próprias projeções, pode-se considerá-las como práticas defensivas. Já as práticas protetoras ou de diplomacia ocorrem quando um indivíduo utiliza táticas para resguardar a projeção realizada por outro. Os procedimentos utilizados para elaborar, manter ou restaurar mutuamente a face dos participantes são denominados de processos de figuração. Conforme afirma Meireles (1997, p. 34):

Goffman menciona como técnicas de Trabalho da Face os **processos evasivos**, pelos quais temas e situações constrangedoras são evitados totalmente ou apresentados de forma dissimulada ou indireta, e os **processos corretivos**, (nos quais comportamentos ritualísticos são adotados para compensar o dano causado à face de um ou mais participantes), sendo que a intensidade e a duração de tais correções correspondem à intensidade da ameaça.

Algumas dessas técnicas podem ser consideradas defensivas enquanto outras podem ser consideradas protetoras, entretanto ambas podem ocorrer concomitantemente. Os processos evasivos são o modo mais seguro de evitar possíveis ameaças à própria face, uma vez que o objetivo é evitar os contatos que “poderiam levar à expressão de informações inconsistentes com a linha seguida”. É o que leva o falante a manifestar e conduzir o tópico para um “terreno mais seguro”, menos agressivo às faces em interlocução. (GOFFMAN, 1980, p.85).

Os processos corretivos ou reparadores são estratégias que buscam restabelecer o equilíbrio interacional rompido por uma asserção anterior. Trata-se de uma estratégia que visa a reorientar o diálogo em andamento por causa de uma gafe ou um passo em falso dos interactantes. De acordo com Goffman (1980, p.87), ao se encontrar em uma situação de desequilíbrio ou “desgraça ritual”, na qual é impossível ignorar o ato falho, os participantes se esforçam para tentar corrigir ou reparar seus efeitos, “restabelecendo um estado ritual satisfatório”.

Em ambos os processos, os participantes estão dispostos a cooperar na preservação da própria face, no entanto é importante observar que o trabalho de face

pode ser utilizado tanto para um fim harmonizante quanto para um fim agressivo. O locutor pode atacar a face de seu interlocutor em benefício da própria face, não apresentando nenhum tipo de respeito pelos sentimentos do interlocutor, pois, conforme salienta Goffman (1967, p. 24-25), o falante está interessado em obter pontos positivos com a audiência à custa da face dos interlocutores. Ao ameaçarem a face do próximo, os falantes podem, no entanto, também causar uma ameaça à própria face.

## 2.7 Conceito de polidez

Quando se pensa em polidez, o primeiro entendimento que vem à mente é a responsabilidade para com a ordem social. É uma das condições para a cooperação entre os seres humanos, uma vez que o texto falado se constrói de forma cooperativa entre dois interlocutores e, à medida que vão interagindo, o evento comunicativo se realiza. Pode ser compreendida como um conjunto de regras de boas maneiras a serem seguidas para que a pessoa seja caracterizada como educada, polida. Embora o conceito de “polidez” possa variar de acordo com a cultura, em um sentido mais amplo, é considerado um valor universal presente em qualquer sociedade. Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 76), reitera:

Uma das características mais marcantes dos recentes desenvolvimentos da pragmática linguística é o interesse pelo funcionamento da polidez nas interações verbais: hoje se admite que é impossível descrever de modo eficaz o que se passa nas trocas comunicativas sem considerar alguns princípios da polidez, na medida em que tais princípios exercem pressões muito fortes sobre a produção dos enunciados.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 77), a partir do final da década de 1970, a polidez passou a ser objeto de investigação científica, graças aos esforços de pesquisadores como Lakoff, Leech e, em especial, Brown e Levinson. Inúmeras pesquisas, tanto teóricas quanto descritivas, dedicaram-se a investigar qual é o real lugar da polidez e que papel desempenha na interação, surgindo, assim, um interesse em estudar quais e como são empregados os procedimentos responsáveis pela manutenção de um diálogo harmonioso.

Para manter as relações sociais, é importante que haja entre os interactantes uma cooperação: ser amigável, cortês, discreto, solidário e educado. A vida em sociedade impõe à maioria das pessoas a necessidade de permanecer com a face positiva intacta. Essa manutenção implica conhecer as regras sociais e saber agir de acordo com os seus padrões, distinguindo o momento em que a preservação da face é ou não utilizada.

A polidez é entendida aqui não apenas como um conjunto de fórmulas de etiqueta social que causam efeito de requinte, mas também como um leque de procedimentos fundamentais para o bom relacionamento entre os participantes durante um evento conversacional. Assim, o termo “polidez” apresenta um carácter polissêmico: além de significar boa educação ou cortesia, pode atuar, também, como polidez linguística ou ainda se referir ao trabalho de face realizado por meio dela.

Uma das estratégias de polidez na interação são os procedimentos de atenuação dos atos que ameaçam à face. Eles visam a assegurar uma transmissão de informação eficaz e melhorar as relações sociais por meio da satisfação entre os interlocutores envolvidos na interação. É importante ressaltar a dificuldade em diferenciar os conceitos de polidez e atenuação. De acordo com Rosa (1992, p. 28), “o efeito de sentido resultante do enunciado parece apontar para a vinculação funcional do que é polido e do que é atenuado”. De acordo com a autora:

Apesar da dificuldade apontada, a polidez é, sem dúvida, um fenômeno mais vasto que a atenuação, podendo prescindir dos chamados procedimentos ou elementos atenuadores. Embora nem toda estratégia de polidez indique a tentativa de evitar ou diminuir a responsabilidade pelo que é dito, em alguns casos, o simples cuidado que todo locutor apresenta com a própria face sugere tal motivação [...] Evitar responsabilidades pelo que se diz é, assim, parte das preocupações com a face, e pode ser sugerido pelo uso de uma estratégia de polidez com ou sem elementos atenuadores. (ROSA, 1992, p.28-29).

A utilização de polidez e estratégias atenuadoras é considerada vital para o desenvolvimento dos eventos conversacionais. Conforme afirma Galembeck (1999, p.175), “os interlocutores sabem que a manifestação direta de opiniões pode torná-los vulneráveis a críticas e opiniões contrárias”. A atenuação pode ser entendida como procedimentos que têm por objetivo diminuir a força ilocutória dos enunciados e abrandar efeitos de sentido não convenientes aos interesses e propósitos do falante. A diminuição da força ilocutória também ocorre por meio do emprego de verbos na voz

passiva, de verbos e advérbios parentéticos, paráfrases, do uso de justificativas e dos marcadores conversacionais que denotam maior ou menor envolvimento do falante com seu enunciado.

### ***2.7.1 Polidez positiva e polidez negativa***

A polidez positiva abrange um amplo sentido: considera um desejo de manutenção de valores e ações considerados desejáveis para ambos interlocutores e não se refere especificamente a uma face particular atingida por um ato de ameaça à face, como ocorre na polidez negativa.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 91) afirma:

A polidez positiva consiste exatamente em produzir algum ato que tenha um caráter essencialmente “antiameaçador” para seu destinatário: manifestação de acordo, oferta, convite, elogio agradecimento, fórmula votiva ou de boas-vindas, etc. Seu funcionamento é, portanto, muito mais simples que o da polidez negativa. Nós nos contentaremos em assinalar a esse respeito que se os FTAs têm, geralmente, a tendência de ser minimizados na sua verbalização, os FTAs se prestam, ao contrário e de bom grado, à formulação intensiva. Assim o agradecimento se exprime frequentemente sob o modo superlativo: “muito obrigado/Mil vezes obrigado/Obrigado infinitamente” enquanto se poderia considerar como agramaticalmente a sequência “pouco obrigado”.

Na citação acima, podemos verificar que as expressões de polidez positiva são, em vários aspectos, representações de um comportamento esperado entre as pessoas com certa intimidade. Visam, assim, à orientação, à aprovação e ao respeito à personalidade de cada envolvido no evento comunicativo, assim como a preservação dos valores em condição de igualdade ou reciprocidade. Se as pessoas são pertencentes à mesma classe social, compartilham anseios em comum como igualmente importantes. Há uma sintonia entre elas, pois o interlocutor é considerado um parceiro, alguém com os mesmos direitos e valores, razão por que o ato de fala ameaçador produzido não representa uma avaliação negativa à sua personalidade.

Uma das formas de expressão de polidez positiva é a demonstração, pelo falante, de que percebe interesses, necessidades ou desejos do interlocutor e buscará

atendê-los. Do mesmo modo, a expressão exagerada de interesse, de aprovação e de simpatia para com ele é uma forma de manifestação dessa polidez.

Segundo COSTA (2011,p. 23)

Compõe, ainda, esse grupo, o uso de marcadores grupais de identidade; o uso de dialetos ou de linguagem intergrupais e o uso de jargões ou de gírias. A manifestação dessa polidez pode se ocorrer, ainda, pela busca de formas amenas ou adequadas de discordar. Assim, em vez de discordar através de um categórico “não”, o falante buscará primeiramente o ponto consensual.

Uma das formas de manifestação da polidez positiva pode ser observada quando os interlocutores chegam a um consenso sem que tenha tido uma negociação anterior. O fato evidencia a pressuposição do conhecimento comum que ambos compartilham e do tempo ou do esforço despendidos por um falante com um interlocutor sobre assunto avulsos. Notamos o uso de recurso quando há:

piadas e brincadeiras para deixar o interlocutor à vontade; a realização de ofertas e promessas, embora insinceras, indicadoras de que os desejos do interlocutor e do falante são os mesmos e de que este falante ajudará o interlocutor a atingi-los; a implicitação de que falante e interlocutor estão numa atividade cooperativa. (COSTA, 2011, p. 23)

Se o interlocutor e o falante têm os mesmos desejos, constroem laços de cooperação para a realização dos objetivos traçados entre os interactantes em uma atividade comunicacional. Podemos observar a utilização de recursos como: o uso do “nós” (para eu e você) com o intuito de fornecer e fortalecer as explicações que justifiquem o desejo do falante de incluir o interlocutor em seu raciocínio. Nesse sentido, o falante assume a reciprocidade de objetivos, além de partilhar dos mesmos direitos e hábitos.

Pode-se assinalar que uma das características que distinguem as expressões de polidez positiva da linguagem cotidiana entre as pessoas próximas é a dose de exagero,

com o intuito de “suavizar os atos ameaçadores e a reforçar a dos atos valorizantes; a litotizar os enunciados impolidos e hiberbolizar os enunciados polidos”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 91). Na busca de aprovação e preservação, a face positiva do ouvinte fica evidenciada. Desse modo, é na força da expressão linguística que reside a polidez positiva.

A polidez negativa é restrita e focal, cuja função é minimizar em particular, um ato de ameaça à face, como em um ritual de “evitação”. Só para complementar: “a melhor maneira de ser (negativamente) polido é evitar cometer um ato que, aparecendo na interação, correria o risco de ser ameaçador para o destinatário (crítica, recusa, etc)”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 84).

COSTA (2011, p. 24) explica que

a polidez negativa pode ser expressa pelo uso de termos ou de palavras que mudem a força do enunciado, tornando-o vago, impreciso ou parcial; também, por circunlóquios; pela violação das máximas de Grice (1975); através da prosódia e da cinésica; através da expressão explícita de dúvida sobre o resultado do ato de fala do locutor, dada a condição de pertinência de produção desse ato.

Uma das formas de manifestação de polidez negativa é a demonstração de deferência, sinalizando o reconhecimento do interlocutor à relativa imunização e à inexistência de condição/direitos do locutor de coagir seu interlocutor. Dentre as várias estratégias de polidez, o pedido de desculpas se apresenta como um ato de fala ameaçador (FTA). Podemos observar que o uso da hesitação é mais constante nessa produção do que a admissão imediata e sem rodeios da ofensa ou a relutância de um pedido pela apresentação de motivos superiores.

A impersonalização é outra forma de expressão da polidez negativa, representada pelo uso do pronome de 2ª pessoa de plural “vocês” para fazer referência a um único destinatário. Uso comum em várias línguas e culturas, indica poder ou distância e pode representar o ato de fala ameaçador (FTA) como se fosse decorrente de uma regra social geral, de regulamento ou obrigação, o que permite ao interlocutor dissociar-se da imposição específica expressa.

Cabe citar também a distinção realizada entre o sujeito e sua profissão, cargo ou ofício que exerce. Quando é trocado o presente pelo passado e o locutor se autodistancia do “aqui” e do “agora”, manipulando o tempo, manifesta-se também a polidez negativa. Assim como, o uso de formas passivas como meio de evitar a referência às pessoas envolvidas na produção do ato de fala ameaçador (FTA) também pode provocar efeitos negativos.

Por ser a imagem social vulnerável, consideramos pertinente exemplificar algumas estratégias de modelo de polidez positiva, negativa e de indiretividade, explanada como estratégia de mitigação dos riscos envolvidos na interação.

**Quadro 7. Estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson (1978)**

<b>Estratégias de polidez</b>	
<b>polidez positiva</b>	1. Perceba o outro. Mostre-se interessado pelos desejos e necessidades do outro. 2. Exagere o interesse, a aprovação e a simpatia pelo outro. 3. Intensifique o interesse pelo outro. 4. Use marcas de identidade de grupo. 5. Procure acordo. 6. Evite desacordo. 7. Pressuponha, declare pontos em comum. 8. Faça piadas. 9. Explícite e pressuponha os conhecimentos sobre os desejos do outro. 10. Ofereça, prometa. 11. Seja otimista. 12. Inclua o ouvinte na atividade. 13. Dê ou peça razões, explicações. 14. Simule ou explícite reciprocidade. 15. Dê presentes.
<b>polidez negativa</b>	1. Seja convencionalmente indireto. 2. Questione, seja evasivo. 3. Seja pessimista. 4. Minimize a imposição. 5. Mostre respeito. 6. Peça desculpas. 7. Impessoalize o falante e o ouvinte. Evite os pronomes "eu" e "você". 8. Declare o FTA como uma regra geral. 9. Nominaliza. 10. Va diretamente como se estivesse assumindo o débito, ou como se não estivesse endividando o ouvinte.
<b>Indiretividade</b>	1. Dê pistas. 2. Dê chaves de associação. 3. Pressuponha. 4. Diminua a importância. 5. Exagere, aumente a importância. 6. Use tautologias. 7. Use contradições. 8. Seja irônico. 9. Use metáforas. 10. Faça perguntas retóricas. 11. Seja ambíguo. 12. Seja vago. 13. Hipergeneralize. 14. Desloque o ouvinte. 15. Seja incompleto, use elipse.

Os recursos acima citados foram nomeados de estratégias de polidez positiva e de polidez negativa e de indiretividade, e o uso dessas estratégias é proporcional à dimensão da ameaça da face de cada falante no ato conversacional.

### 3. ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O DISCURSO RELIGIOSO

A crença religiosa sempre desempenhou funções sociais fundamentais para coesão das sociedades, fornecendo uma série de conhecimentos sobre a realidade e possibilitando várias visões de mundo. Com a responsabilidade de ser portadora de sentido, deveria criar códigos morais e éticos, ou até mesmo legais, para regulamentar o comportamento dos indivíduos e da sociedade, segundo Orland (1996).

Os sistemas religiosos desempenham um lugar central na configuração da realidade, tanto coletiva como individual, fornecendo explicações sobre questões essenciais, sobre preocupações latentes no homem de todas as épocas, como vida, morte, doença, infelicidade, sofrimento, vida eterna, entre outras.

O discurso religioso configura-se como uma prática sociodiscursiva, pois envolve a transmissão dos sistemas de crenças sobre as relações do homem com a divindade. Com a mediação feita pela organização religiosa, que as institucionaliza e as reproduz por meio dos discursos, tanto orais quanto escritos, essas crenças são aceitas como sagradas e verdadeiras. O discurso religioso pode ser caracterizado como uma prática discursiva que expressa e difunde um sistema de crenças, valores éticos e morais, constituídos como práticas sociais.

Segundo Orlandi (1996, p. 246-250), o discurso religioso “é aquele que faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, padre, pastor)”, sua principal característica, e “aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado”, configurado como mais informal, fazendo um contraponto com o discurso teológico, que se realiza de modo formal. Acrescenta a autora que o discurso religioso é o lugar em que a mediação entre a alma religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática das verdades religiosas, ao passo que o teológico “aparece como aquele que faz a relação entre os dois mundos: o mundo hebraico e o mundo cristão”.

Orlandi (1996, p. 246-250) apresenta algumas características do discurso religioso:

1. Desnivelamento: percebido “pela assimetria na relação entre o locutor e o ouvinte – o locutor está no plano espiritual (Deus), e o ouvinte está no plano temporal (os adoradores). As duas ordens de mundo são totalmente diferentes para os sujeitos, e essa ordem é afetada por um valor hierárquico, por uma

desigualdade”: Deus, o locutor, é imortal, eterno, onipotente, onisciente, em resumo, o todo-poderoso; os seres humanos, os ouvintes, são mortais, efêmeros e finitos;

2. O representante no discurso religioso está na voz do padre, pastor ou profeta, que é uma forma de relação simbólica. Essa apropriação ocorre sem explicitar os mecanismos de incorporação da voz, aspectos que caracterizam a mistificação;
3. O ideal do discurso religioso é que o “representante”, o que se apropria do discurso de Deus, não o modifique. Deve seguir as palavras restritas e reguladas pelo texto sagrado, mantendo a distância entre “o dito de Deus” e o dito “do homem”;
4. A interpretação da palavra de Deus é regulada, de modo que “os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende a ser fortemente afetado pela monossemia”;
5. Dualismo, as formas da ilusão da reversibilidade<sup>5</sup>: plano humano e plano divino; ordem temporal e ordem espiritual; sujeito e Sujeito; homem e Deus. A ilusão, segundo Orlandi (1996), ocorre na passagem de um plano para o outro e pode ter duas direções: de cima para baixo, ou seja, de Deus para os homens, no momento em que Ele compartilha suas propriedades (quando se ministram sacramentos, bênçãos); e de baixo para cima, quando o homem se lança a Deus, sobretudo através da visão, da profecia. Uma das formas de ‘ultrapassagem’;
6. No escopo do discurso religioso, a fé separa fiéis dos não fiéis, “os convictos dos não convictos”, tornando-se parâmetro pelo qual se delimitam a comunidade e o escopo em suas duas formações características: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa; para os que não creem, uma ameaça.

O discurso religioso apresenta-se com estruturas rígidas quanto aos papéis dos interlocutores (a divindade e os seres humanos). “Os dogmas sagrados, por exemplo, fé

---

5.Reversibilidade. “Troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui”. “Em minha perspectiva, esses polos, esses lugares (do locutor e do ouvinte), não se definem em sua essência, mas quando referimos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade” (ORLANDI, 1996, p. 239)

e Deus, são intocáveis” (SETZER, 1987, p.91). Althusser (1996, p. 241), por seu turno, afirma: “Deus define-se [...] a si mesmo como sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (Sou aquele que É) e aquele que interpela seu sujeito(...) eis quem tu és: é Pedro”.

Ainda podemos apontar algumas outras características do discurso religioso, como:

1. A intertextualidade manifestada por um comentário a um texto de origem, um dizer já dito, um redizer de significação divina. “O discurso teológico é um discurso sobre outro discurso” (ORLANDI, 1996, p.259). E “todo discurso religioso (pela sua natureza) tem a ver com outro discurso religioso” (CASTRO, 1987, p.31);
2. A homogeneidade ideológica, segundo Gramsci (1996, p.248): “sob a homogeneidade ideológica, existe na religião – enquanto conjunto cultural – uma subdivisão paralela aos grupos sociais afetados”, como mulheres, intelectuais e camponeses. Nesse campo de heterogeneidade social e ideológica, surgem os aspectos teológicos e os de “religião popular” dentro da mesma religião;
3. O discurso profético na exploração das dimensões espaço e tempo “dissimulação da sua [discurso profético] relação com o momento histórico como possibilidade mesma de constituir-se” (CASTRO, 1987, p.30).

Em suma, o discurso religioso caracteriza-se por três fatores: a assimetria entre os planos temporal e espiritual e a não reversibilidade; o emprego de antítese; e o mecanismo da negação.

Parece-nos pertinente conceituar melhor algumas características do discurso religioso, como a assimetria, recurso à autoridade, a não reversibilidade e a intertextualidade.

### **3.1 Assimetria**

O discurso religioso possui uma característica básica: estabelece uma distinção radical entre a dimensão do sagrado e a do profano, os lugares de Deus e o do homem.

Segundo Orlandi (1987, p.253), as relações entre locutor e leitor se estabelecem a partir de planos distintos: o de Deus, na ordem espiritual, e o dos homens, no plano temporal. E essa relação contém a reversibilidade pelo próprio dizer único e inquestionável, sustentado desde o início pela desigualdade de papéis e lugares entre o divino e o humano. Na prática discursiva religiosa, essa característica reveste-se de primordial importância, visto que a assimetria é o cerne das práticas sociais no interior das instituições religiosas: assimetria entre emissor e receptor, o lugar de Deus é revestido de autoridade e o do homem, de subordinação.

### **3.2 Recurso à autoridade**

Identificada a fonte do discurso como proveniente de Deus, esse discurso se reveste de uma autoridade divina e apela à autoridade de Deus. Fala sempre em nome de Deus, suas palavras se encorajam dessa mesma autoridade, de onde provêm a força discursiva e a capacidade de convencimento. Esse elemento ancora a ênfase retórica para o discurso religioso conseguir os efeitos de sentido desejados pelos pregadores na transmissão de sua mensagem ao público escolhido. Nesse apelo à autoridade, usa a Bíblia como suporte, caracterizada como palavra de Deus, como base da pregação religiosa e sua fonte de autoridade.

### **3.3 Não reversibilidade**

O discurso religioso, como já foi apresentado, é assimétrico e usa o recurso da autoridade de Deus, o que parece garantir sua validade e eficácia, segundo Wilson (2003). Dessa assimetria original, decorrem várias outras, cuja base, sempre dicotômica (imortalidade/mortalidade; onipotência/submissão; criador/criatura), estimula e engendra a carência humana, como a necessidade de salvação para a vida eterna. Portanto não resta alternativa para a salvação, senão pela fé.

Para Orlandi (1987, p. 250), um dos parâmetros em que se assenta esse discurso é o princípio da exclusão. Para os que crêem, há salvação e conforto; para os que não crêem, restam a condenação e o abandono.

Ora, se a fé funciona paradoxalmente como princípio de exclusão, é nela que se fundamenta, se institui e se legitima a assimetria na troca entre os interlocutores, de onde advém outro princípio: o da não reversibilidade, que se configura por meio de fórmulas religiosas usadas performativamente.

Esse recurso é utilizado como ação sobre o outro e por meio da intertextualidade de que o autor lança mão. O princípio da não reversibilidade aprisiona o sentido do discurso pelo próprio dizer: é apresentado como único e, sobretudo, como inquestionável.

### **3.4 Intertextualidade**

O conceito de intertextualidade usado por Fairclough (2001) advém de Foucault (1972): “não pode haver enunciado que de uma maneira ou outra não reatualiza outros”<sup>6</sup>. Para Bakhtin (1997), todos enunciados são reorientados para enunciados antecipados de outros.

Fairclough (2001, p.134) entende que o conceito de intertextualidade implica “uma inserção da história em um texto”: o texto responde, reacentua e retrabalha textos passados. Ajuda a fazer a história e contribui para processos de mudanças mais amplos, antecipando e tentando moldar textos subsequentes. Por outro lado, sugere que a intertextualidade deve ser um foco principal nas análises do discurso para a compreensão da rápida transformação e reestruturação de “tradições textuais e ordens” como fenômeno contemporâneo. (FAIRCLOUGH, 2001, p.135)

A intertextualidade é um dos recursos mais usados no discurso religioso, pois este remete sempre a outro texto, de onde provêm a sua assimetria e a sua autoridade.

---

<sup>6</sup> O termo provém de Foucault (1972) e foi cunhado por Kristeva (1986) no contexto de suas apresentações, no Ocidente, dos trabalhos de Bakhtin (1997)

Por esse recurso, busca-se garantir a legitimidade e aprovação do discurso religioso, mediante confirmação das palavras de Deus.

Em suma, a intertextualidade é a garantia de legitimidade e com ela se busca a eficácia discursiva para obter os efeitos de sentido desejados junto ao público a quem se destina a mensagem retórica religiosa.

### 3.5 A subjetividade no discurso religioso

Ao consideramos que o discurso religioso cristão, historicamente, exerce influência sobre várias culturas e pode ser determinado por atos de fala<sup>7</sup>, alguns princípios precisam ser analisados.

A religião, seja ela qual for, é um conjunto de crenças, leis, ritos que visam pôr o homem em contato com um poder maior que considera supremo, do qual se julga dependente e do qual espera poder receber alguns favores.

Como forma de conhecimento que parte da singularidade para a pluralidade dos fatos, o que é evidente no discurso religioso cristão é a “Palavra”, a “Escritura Sagrada”, em que se ancora.

O discurso religioso cristão é um fenômeno que deve ser apreendido em sua singularidade: deixa-se marcar ou constituir por uma linguagem que pretende ser objetiva e imparcial e, para isso, buscaria eliminar a subjetividade na enunciação, causando um efeito de sentido de verdade atemporal, absoluta. Faz parte da estratégia discursiva o “fazer crer”, sustentado pelo uso de formas ou fórmulas padronizadas e difundidas pelos manuais de cada religião, o que, por si, já indica a presença de subjetividades. O próprio falar em nome de Deus dá margem para a subjetividade , (Brandão, 1998 p.37)

---

<sup>7</sup> Em *How to do things with words*– “dizer é fazer” –, Austin defende a tese de que, quando alguém diz algo, o faz para agir sobre o outro e sobre o mundo, e não apenas para informar. O filósofo queria refutar a tese de que as condições de verdade eram essenciais para a compreensão e explicação da língua. Sem conseguir levantar argumentos ou critérios objetivos que ancorassem a oposição constativos (enunciados que dizem algo) *versus* performativos (enunciados que fazem algo), o pensador propôs uma primeira distinção entre atos de fala locutórios e atos de fala ilocutórios, a que acrescentou os atos de fala perlocutórios, que se distinguem dos demais porque, ao contrário dos dois primeiros, que completam a ação por si mesmos e neles mesmos, sem que seja preciso esperar alguma consequência ou alguma finalidade extralinguística, produz efeitos (esperados ou não pelo falante, intencionais ou não).

Segundo Maingueneau (1997, p. 29): “Em uma perspectiva pragmática, a linguagem é uma forma de ação em que cada ato de fala é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado.” No caso específico do discurso religioso, as fórmulas religiosas só adquirem validade se as condições exigidas estiverem efetivamente apropriadas e configuradas. Logo, para a realização desses atos, o sujeito segue um ritual da linguagem religiosa.

### 3.6 Ideologia e constituição do sujeito no discurso religioso

Para Althusser (2001, p. 99), a estrutura formal de qualquer ideologia é igual. Para exemplificar o que afirma, cita um fragmento católico:

Dirijo-me a ti, indivíduo humano chamado Pedro (todo indivíduo é chamado por seu nome, no sentido passivo, não é nunca ele que se dá um nome) para dizer que Deus existe, e que tu deves lhe prestar contas. Ele acrescenta: é Deus que quem se dirige a ti pela minha voz...Eis o que tu deves fazer! Se o fizeres, observando o “mandamento do amor”, tu serás salvo, tu, Pedro, e farás parte do Glorioso Corpo de Cristo!

Na teoria de Althusser, o elemento central e decisivo é o sujeito, que está inserido em uma ideologia. Nesse sentido, uma ideologia só se configura como ideologia se for de sujeito para sujeito. No fragmento acima, o filósofo assevera que todo procedimento de ordem religiosa cristã origina sujeitos cristãos, porém, para que tais sujeitos existam, é necessário estar sob a condição de existência de um Outro Sujeito, que deve ser Único e absoluto, ou seja, Deus.

Para o autor, Deus se define a si mesmo e por isso é Único e Absoluto, indicando que indivíduos comuns são submetidos a Ele. Essa submissão causa um efeito de reconhecimento, uma vez que os sujeitos se reconhecem como sujeitos pertencentes a Deus: são interlocutores-interpelados. Pode-se concluir que Deus precisa dos homens para se tornar Sujeito e os homens precisam de Deus para tornarem-se sujeitos.

Há um desdobramento do Sujeito (Deus) em sujeito (homem) e, com isso, o autor pretende demonstrar como a estrutura da ideologia duplicada cristã assegura a dependência de um sujeito em relação a outro. Aponta o pensador os seguintes aspectos:

1. a interpelação dos indivíduos como sujeito;

2. sua submissão ao Sujeito;
3. o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, entre os próprios sujeitos e, finalmente, o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo;
4. a garantia absoluta de que tudo está bem assim, e sob a condição de que, se os sujeitos se reconhecem e se conduzem de acordo, tudo ocorrerá bem: “assim seja”.

As reflexões realizadas por Althusser (2001) em torno da palavra “sujeito” evidenciam a ambiguidade e a acepção do termo, que “deveria” corresponder a: um indivíduo livre e responsável pelos seus atos; um ser submetido a uma autoridade superior e conseqüentemente sem liberdade, a não ser aceitar a própria submissão. A ambiguidade do termo conduz a outros sentidos da palavra: coerção, repressão, exploração.

A religião é domínio privilegiado para se observar o funcionamento da ideologia - entre outras coisas, o poder atribuído à “Palavra”. (ORLANDI, 1996, p. 242). Pelo discurso religioso, podemos observar as várias maneiras que o homem cria para se comunicar com o transcendental.

Na caracterização de que o discurso religioso fala na/pela voz de Deus, percebe-se um notável desnivelamento entre o locutor, Deus, e o ouvinte, o homem. Uma vez que pertencem a mundos diferentes, o espiritual e o temporal, prevalece o valor hierárquico, que se constitui através da desigualdade. O mundo espiritual é aquele que domina o mundo temporal e Deus é o seu locutor. Para os que seguem a fé cristã, Deus é imortal, infalível, infinito e também o Todo-Poderoso. Já os ouvintes e, no caso, os humanos, são mortais, falíveis, finitos e dotados de poder relativo, o que demonstra o poder de Deus sobre o homem.

Alguns fatores também são decorrentes dessa assimetria, como: mortalidade/imortalidade, bem/mal, infinito/finito, profano/sagrado, e entre eles há uma conscientização do homem para a vida e para a morte, para a salvação eterna e o caminho da fé. Com isso, é fixada a desigualdade entre homem e Deus, portanto o homem não ocupa o espaço que pertence a Deus, que é o único e verdadeiro locutor. Mesmo que o eu-cristão fale com Deus, este poder falar não muda a posição de submissão do homem perante Deus. Nesse sentido, essa fala com Deus é efetivada por

meio de rituais e fórmulas, que se concretizam em orações ou em expressões como: “Se Deus quiser”. A qualidade do discurso permanece: de um lado, está Deus, dotado de onipotência; do outro, o homem, com sua submissão.

### 3.7 Religiosidade e o discurso religioso

Cabe discorrer sobre a religiosidade e o contexto histórico no Brasil para situar o desenvolvimento do campo religioso e descrever alguns aspectos da formação discursiva. Desde os tempos da Colônia, imperou, no Brasil, o discurso religioso monopolizado pela igreja Católica, considerado o discurso oficial do Estado até os tempos atuais. Hoje, esse campo discursivo fragmenta-se numa diversidade de discursos confessionais, com destaque para os grupos neopentecostais, com novas modalidades dos conteúdos e significados simbólicos da mensagem cristã.

Segundo Paz (1982), a história do homem poderia reduzir-se à história das relações entre palavras e o pensamento. Podemos observar que todo período de crise se inicia ou coincide com uma crítica da linguagem. Todas as sociedades passam por essa crise de suas bases, sobretudo nos sentidos de algumas palavras. O autor nos lembra de como todas as outras criações humanas, do império e dos Estados, são feitas de palavras: são fitos verbais, o que corresponde a afirmar que o mundo é construído pela palavra: *In principio erat verbum [...] (Jo 1:1)*.

É pertinente analisar o discurso religioso como atividade social e, como tal, espaço em que se articulam e se manifestam as funções comunicativas da linguagem, campo de investigação linguística. Ao considerar o texto religioso como um vasto texto comunicativo que desempenha diversas funções sociais, como o papel de transformação do campo religioso e da própria sociedade, Bakhtin traz a interdiscursividade dos textos religiosos como perspectiva válida para a análise discursiva, que deve incidir sobre “o modo como os textos e os enunciados são moldados por textos anteriores aos quais estão respondendo e por textos subsequentes que eles antecipam”. (BAKHTIN, 1997, p. 134-135)

Para o pensador russo, cada enunciado se constitui como um elo na cadeia da comunicação humana e, portanto todos enunciados são povoados por outros: “Nossa fala é preenchida com palavras de outros. Essas palavras de outros carregam com elas

suas próprias expressões, ou seu próprio tom avaliativo, o qual nós assimilamos, reatualizamos e reafirmamos.” (BAKHTIN, 1997, p. 89)

As mudanças discursivas em curso na sociedade moderna devem ser consideradas também no campo religioso, onde as práticas discursivas são consagradas para funções que atendam a determinadas necessidades, convencionadas. Segundo Fairclough (2001, p. 135), “a rápida transformação e reestruturação de tradições textuais e ordens do discurso é um extraordinário fenômeno contemporâneo, o qual sugere que a intertextualidade deve ser um foco principal na análise de discurso”.

#### 4. EM CENA, OS INTERACTANTES

Julgamos relevante reiterar que, fundamentadas numa perspectiva textual interativa, presente nos trabalhos de Marcuschi (1989), Galembeck (1999), Urbano (1999), Preti (2002) e na noção de “face” dos estudos de Goffman (1967), Brown e Levinson (1978), as análises aqui realizadas representam o pendor qualitativo da pesquisa e a natureza descritiva dos procedimentos empregados para abordar procedimentos discursivos de controle da imagem pública em situações de entrevista televisiva.

Na Análise da Conversação e nos Estudos Interacionais da língua falada, parte-se de dados empíricos em situações reais de conversação. Algumas características do texto conversacional, como a fluidez e a inexistência de planejamento local, demandam a utilização desse método empírico, pois não existem modelos determinados. Assim, a primazia do empírico propicia análises nas quais podem prevalecer as descrições. De acordo com Galembeck (1999, p. 111), “os dados coletados excluem, por si, o uso de um modelo formal estabelecido previamente, a partir de hipóteses formuladas aprioristicamente e de intuições sem correspondência com a realidade”.

Embora as emissoras sigam um determinado roteiro para as entrevistas e os debates, o material analisado foi obtido de forma espontânea, ou seja, as respostas dos entrevistados não foram lidas. Os registros obtidos em situações em que não há o planejamento requerem uma metodologia específica, que englobem os fenômenos peculiares da flexibilidade da língua falada. Dessa forma, o método adotado segue o modelo de transcrição utilizado nas normas da Análise da Conversação definida pelo Projeto NURC - Projeto de Norma Urbana Falada Culta. São pontos relevantes nas transcrições realizadas: as pausas, as sobreposições, os alongamentos de vogais, as ênfases, os segmentos incompreensíveis, os comentários do pesquisador, os cortes de segmentos da fala, a grafia das palavras e a indicação dos sujeitos.

Cabe ressaltar que são analisados fragmentos de perguntas e respostas, recortados das entrevistas transcritas.

#### 4.1 Na Rede Globo, o Papa Francisco

O primeiro conjunto de recortes para análise pertence à entrevista com o Papa Francisco em visita ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro/RJ. Essa entrevista foi concedida ao repórter Gerson Camarotti e veiculada pelo programa da Rede Globo, o “Fantástico”.

No programa, em que parte do planejamento conversacional é local (concomitante com sua execução), estratégias de interação e argumentação são empregadas visando à monitoração da imagem positiva e à diminuição da força ilocutória dos enunciados.

Inicialmente, cabe dizer que, como costuma ocorrer em toda entrevista formal, percebemos que os interlocutores cooperam com o máximo de respeito, tranquilidade e cordialidade, mesmo em questões polêmicas. Há, entre o entrevistador e o entrevistado, durante a interação face a face, um posicionamento de respeito tão profundo, que acaba por construir, ao longo da entrevista, uma imagem pública de respeito mútuo, como de pai e filho.

Esse fenômeno pode ser percebido ao longo de toda a interação, pois não há sobreposições de vozes, assalto ao turno (o turno é sempre concedido), mesmo quando a face do entrevistado está em eminente ameaça.

A primeira “categoria” analisada é a imagem que o Papa Francisco deseja construir perante o público, quer quando se posiciona como Santidade, quer como representante da congregação Franciscana, quer como homem comum.

##### Recorte 1:

Gerson Camarotti Tarde de quinta feira Residência Assunção Morro do Sumaré O Papa Francisco que ficou hospedado aqui durante a Jornada Mundial da Juventude abriu mão do descanso depois do almoço para receber a nossa equipe... Como de hábito estava bem humorado... Ao final da entrevista ganhou uma camisa do Flamengo do Padre Alexandre... escolhido pelo próprio Papa para ser o seu secretário particular no Brasil.( )E um pouco antes brincou com o frio e a chuva que acompanhava a Jornada Mundial da Juventude.

... O senhor nuuum..sentiu...esperava um pouco ma::is quente o Brasil?

Papa Francisco ... não...não ...( ) sei talvez um pouco mais de calor (...) mas Não senti frio (...)para mim não...,sou de um país um pouco mais abaixo (risos) conheço o frio de Bue::no Aires, (risos)é uma temperatura de outono norm::AL

Nota-se que o repórter, ao fazer a primeira pergunta, faz uma comparação entre os países em relação ao clima, e o Papa deixa o clima descontraído para dar prosseguimento à entrevista, até com algumas brincadeiras. É frequente, no decorrer da entrevista, a ocorrência de pausas. Nesses casos, as pausas terão a função de operadores argumentativos e assim procuram não violar as máximas conversacionais de Grice.

Gerson Camaroti      Papa Francisco o Senhoor chega ao Brasil é:: com uma receptividade muito calorosa dos brasileiros há uma rivalidade histórica Brasil e Argentina pelo menos no futebol como é... que o senhor recebeu esse gesto de afeto dos brasileiros?

Papa Francisco      ...eu me senti... recebido com muito afeto... que não pronuncia muito calidamente ... todo brasileiro tem um grande coração...que a rivalidade... creio já está superada totalmente... porque... nos negociamos bem... e o Papa é argentino e Deus é brasileiro (risos)

O princípio básico que rege a comunicação humana é “seja cooperativo”: quando duas pessoas se propõem interagir verbalmente, normalmente irão cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada. Tanto isso é verdade, que o Papa utiliza um ditado popular *Papa é argentino e Deus é brasileiro*, para afirmar que, na fé, não pode haver rivalidades, de que deriva um efeito de sentido de que o povo brasileiro é espontaneamente caloroso.

Na resposta dada ao repórter Gerson, em que são usados, o tempo todo, o pronome *eu* e verbos na primeira pessoa, produz-se o sentido de que o Papa está confiante, pois responde à pergunta tentando não arranhar a face e preservando as quatro máximas conversacionais de Grice: responde apenas o necessário, o que é verdadeiro, relevante e sem obscuridade, deixando nítida a imagem de representante da Santa Sé. Esse posicionamento foi percebido através dos Postulados Conversacionais de Grice, evidenciados nas leituras de Preti (1999), Galembeck (2005) e Koch (2012).

## Recorte 2

GersonCamarotti Santo Padre é.....no:: Brasil o senhor utilizou ao chegar... e continuou utilizando um carro de um modelo muito simples....é há notícias que o senhor inclusive é ...condenou padres que usavam carros de luxo é::pelo mundo:: eu queria saber o senhor inclusive optou é ...por morar na casa Santa Marta essa... é uma:: essa sua simplicidade, é uma determinação a ser seguida por padres,por bispos e por cardeais?

Papa Francisco é: ... é o auto que uso aqui é muito parecido que tenho usado em Roma...simples...real ...normal ...e ni::sso sinto que... devemos dar testemunho de certa simplicidade... inclusive de pobre::za... nosso povo exige... pobreza ah...do sacerdotes... exige no bom sentido... não pedem isso... nosso povo lhe...lhe... ofende muito coração... quando... é que... nós estamos consagrados... estamos apegados ao dinheiro... isso é mal... é rea::lmente não é um bom exemplo... que... que um... que um... sacerdote tenha um auto de último mode::lo::... de mar::ca ...hum...eu creio que... se o digo para os párocos ...de Bueno Aires...dizia sempre... é neceSSÀrio... que o:: a cúria tenha na mão uma máquina... um carro...um carro... um auto... é necessário...porque na paróquia tem mil coiSAS... que... tem que mover-se...pelo que sei um..auTOMÓveis modestos... isso requer a autos(...) A respeito que..que vir a Santa Marta... não foi tanto por RAzões de... simplicidade porque é...o apartamento papal é grande...é muito luxuoso...a meu exemplo... ficar no Santa Marta... foi tanto minha decisão de ficar em Santa Marta por... por meu modo de ser... não posso viver só... não posso viver encerrado... eu necessito de contato com a gente...então... eu precisava... explicar assim... só me querer em Santa Marta... por razões psiquiátricas...(risos) para não temer... que estar sofrendo essa solidão não ia ser bem... e também por razões de pobreza POR que... se não eu teria que pagar... psiquiatra muito caro... então... isso não é bom...não é por...por estar com a gente...Santa Marta é uma casa... muito grande... vivem umas quarenta pessoas entre bispos e sacerdotes que trabalham na Santa Sé...tem cento e TRInta peças mais ou menos e sacerdotes... bispos... cardeais... e leigos por exemplo... que habitam aí... eu como... eu como...no refeitório comum de todos ...desjejum...almoço ...e ceia no que tem hoje onde... eu... sempre encontro gente distinta e isso me faz bem (risos) ...essa que são as razões...e agora a regra geral ...creio que... Deus nos PEde neste momento... maior simplicidade... Algo assim... interior da igreja... nos pede.

No primeiro momento da resposta do Papa (é: ... é o auto que uso aqui é muito parecido que tenho usado em Roma...simples .(...)) porque na paróquia tem mil coiSAS... que... tem que mover-se...pelo que sei um..auTOMÓveis modestos... isso requer a autos), existem marcas de específicas de primeira pessoa (verbos e pronomes), evidenciando a sua opinião e seu ponto de vista como pessoa. Registra-se o componente interpessoal da linguagem, que tem uma importância particular nos textos conversacionais, construindo uma relação simétrica entre os interactantes.

Por esse motivo, as marcas de impessoalidade (adjetivos, usos de aspas e o uso inadequado do tempo verbal) constituem um traço intrínseco dessa modalidade de texto

e, assim, não necessitam ser assinaladas por expressões conversacionais e recorrentes, como é o caso dos marcadores conversacionais, podendo ser lexicais e proposicionais, denotam subjetividade, trazendo marcas específicas de pessoa.

Nesse sentido, o entrevistado deixa bem clara a sua opinião sobre ostentar a riqueza e o poder: as paróquias devem ter carros para um único fim, a locomoção. Como Santidade, diz que é o comportamento que o povo espera de um representante da igreja, mas que cada pessoa tem o livre arbítrio de escolha. E essa atitude é a esperada, já que, na ordenação como padre, um dos votos consagrados é o da pobreza.

Quando vai se referir ao local da hospedagem, até brinca, dizendo que é questão de saúde mental. Para salientar essa imagem pública, são recorrentes as marcas de subjetividade e intersubjetividade produzidas pelo próprio falante, já que quem detém o turno é o responsável pela formulação do enunciado e pelo desenvolvimento do tópico. As marcas de pessoalidade participam da construção do texto conversacional, ao lado do desenvolvimento do tópico, dos procedimentos de contextualização e dos elementos coesivos.

Na segunda parte da resposta, quando o Papa relata a preferência por se hospedar no Morro Santa Marta, reafirma seu voto de simplicidade e explica o motivo não ficaria em outro local, pois se este já é preparado para hospedar pessoas do Vaticano.

Assim, cria um reforço para suavizar os recursos metacomunicativos mitigatórios. Tais resultados mitigadores adicionais, por sua vez, definem as relações e são instrumentos para moldar as imagens tanto do falante quanto do interlocutor. O uso de diferentes recursos mitigadores pode ser indicador do nível de apreço do falante para com o interlocutor, do cuidado que ele tem de manutenção da imagem positiva deste, podendo ser revelador do seu cuidado para com o caráter relacional da interação.

### Recorte 3:

Gerson Camarotti O... O Santo Padre é ... QUA::ndo o senhor cheg::ou... no Rio de Janeiro houve falhas na segurança... inclusive ali o seNHOR... seu carro... foi ali leVAdo para o meio da multidão... o Papa Francisco... fiCOU... com me::do... qual foi o seu sentimen::to naquele momento.

Papa Francico Eu não tenho medo... sou inconsciente... não tenho medo... sei que ninguém morre de véspera ...quando me toca... que Deus permita...será... pelo... antes de viajar... fui ver papa móvel... que temia... que temia... cá...estava... com vidros... se você

vá... na verdade que querem MUI::tos amigos... que querem comunicar-se ...você vai visitar ...dentro de uma caixa de vidro... isso não pode acontecer... com esse povo que tem um grande coração... detrás de uma caixa de vidro... e nem um auto... quando vou e passo abaixo... o vidro... pra poder sacar... a mão e sauda ...e SEMprecom... toda pessoa(humana)... é tudo ou nada... ou viaja... como tem que ser... com comunicação humana...como assim... pela comunicação média... não faz bem... EU agradeço... e tenho que ser nesse PONto ser muito claro... AGRAdêço a segurança do Vaticano... com o preparo... peloZElo... que tem... e agradeço ...a segurança do Brasil... AGRAdêçomuTUissimo... porque cá... me também cuidam de mim ...e querem que...que... não haja uma coisa... desagrada::vel... Pode suceder...pode suceder... que alguém ...me dê... uma trombada... pode suceder... as duas seguranças... trabalham muito bem... para as duas sabem.. que eu sou INdisciplinado...nesse aspecto,( por não por fato fantarico como um menino levado)... mas sim porque simplesmente vim visitar... gente ...e quero tratá-LA como gente... tocá-la.

Percebe-se que, nesse trecho, o entrevistado mantém, ou tenta manter, a imagem positiva de sua personalidade (preservação da face, na concepção de Goffman). Ao responder à pergunta feita por Gerson “.houve falhas na segurança... inclusive ali o seNHOR... seu carro... foi ali leVAdo para o meio da multidão.. ”, ele se utiliza da máxima de quantidade, não falando além do necessário para não comprometer a sua postura de responsabilidade e comprometimento com o que se propõe fazer, deixando claras suas qualidades e ao mesmo tempo assumindo-se como entusiasta.

Nesse mesmo trecho, é possível perceber os índices de polifonia, pois o entrevistado supõe tanto o que a população quanto os seguranças pensam sobre ele“...Eu não tenho medo... sou inconsciente... não tenho medo... sei que ninguém morre de véspera ...quando me toca... que Deus permita ..”. E, ao introduzi palavras de outro – Deus –, adiciona maior valor de verdade ao que é dito, buscando obter maior credibilidade. De acordo com Brown e Levinson (1987), todo indivíduo possui o desejo de ser admirado, apreciado e imitado pelos outros, o que o leva a usar estratégias que não prejudiquem sua imagem.

Nota-se que há um ato perlocucionário (KOCH, 2010, p. 18) que é destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor; no caso, o Papa se apropria do operador de pressuposição argumentativo “se”, com valor causal, para explicitar o lado positivo de ser querido pelo povo e evitar qualquer aliança negativa entre ele e o povo, que está subentendida na fala do apresentador, ratificada pelos operadores argumentativos

“muitíssimo” e “é tudo ou nada”. Com isso, procura extinguir qualquer dúvida que possa pairar dentro do contexto visita ao Brasil e sua aproximação com o povo.

É conveniente ressaltar que todo ato de fala é, ao mesmo tempo, ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário; caso contrário, não seria um ato de fala. Todo enunciado linguístico proferido é dotado de certa força, que irá produzir no interlocutor determinados efeitos, mesmo que distintos dos esperados pelo locutor, Burgo (2011).

#### Recorte 4:

Gerson Camarotti Nas última duas DÉ::cadas houve uma redução de quase vinte pontos pecentuais no número de católicos no Brasil ... no mesmo período... a população evan::gética aumentou... Papa Francisco seu..grande amigo... Cardeal Claudio Hummes é:: aqui do Bra::sil... ele... me falou ALgumas vezes já... da preocupação dele...com a invasão... COM a... perda de fiéis católicos aqui... no continente aqui no Bra::sil especificamente... para outras religiões... principa::lmente para religiões evangélicas... Eu lhe pergun::to é ::porque acontece ISSO? é:: que pode ser feito?

Papa Francisco ...eu não conheço as causas... e tão pouco conheço porcenta::gens... não conheço... não conheço ...a vida do Brasil ... para dar uma... resposta...certo... que EU acredito...que... o Cardeal Hummes... foi um dos que proprio nota é seguro... no Brasil e voce diz que falou... ele sabe :: não saberia explicá-lo... e( mento) uma coisa... para mim é fundamental ...da acerca bem... da igreja... que a igreja MÃE... E nem você... e nem eu... conhecemos uma mãe por correspondência... UMA mãe... dá carinho... toca... beija... ama... Quando a igreja...ocupada... com mil coisa...se descuida... acerca dessa... descuida e... Sò ::se comunicacom somente por documentos... é como a mãe... que se comunica com... seu filho por cartas... NÃO sei se isso passou no Brasil... NÃO SEI... pelo sei que...em algum lugar da Argentina... que conheço... sim passou isso... E:: a falta de:: proximidade... de sacerdote...faltam sacerdotes ...então... se deixa o povo sem sacerDO::te... e ...então a gente busca tem a necessida::de do evangelho... Conta um sacerdote ...que... foi como um missionário... em uma cidade no Sul da Argentina... onde que quase vinte anos... que não teria sacerdo::te... evidentemente que... a gente vai buscar pastor... porquenecessiTAvam escutar a palavra... de Deus... QUANdo ele foi... umasenho::ra... muito culta... disse a ele... TENHO raiva da igreja porque... nos abandonou...agora vou ao culto todos os domingos... para escutar o pastor... sequer foi quem nos alimentou nossa fé durante todo esse tempo...Essa falta dessa( proximidade)... igual... falamos disso...o sacerdote ouviu muito bem... escutou tudo... quando já se ia para saudá-la... ela disse... padre um momento... vem cá... o levou até um armár::io...abriu o armá::rio... e tem nele a imagem da VIRgem... e disse ao padre... eu tenho a escondida... para que o pastor não a veja... ESSA mulher... ia ao pastor ...e respeitava o pastor...o pastor falava de Deus... e ela aceitava... porque não teria... um ministro esse... NAS raízes da FÈ que a consagrou...ela A conservou escondidas ...num roupeiro... mas... estavam lá... ESSE fenômeno para mim... o mais sério...Este episódio... me...demonstra muitas vezes... é:: o drama... da fuga.. destamudan::ça... falta de

proximidade...VOU repetir esta imagem ... A mãe faz assim (abraça)como o filho:: cuida...o beija... o acaricia e ...o alimenta... NÃO por correspondência...

Observa-se que o marcador de opinião “eu acredito que” tem por objetivo maior chamar a atenção do ouvinte para enaltecer as suas qualidades de articulador de conflitos quando forem pertinentes, para marcar uma apreciação pessoal, para marcar positivamente sua personalidade. O entrevistado apodera-se da crítica do entrevistador de que a igreja católica estaria perdendo fiéis para outras religiões, por não crerem nos dogmas da Santa Sé.

No exemplo citado, o apresentador trata de um tema que pode provocar polêmicas e objeções (à personalidade do entrevistado), por isso, em suas respostas, o Papa opta por empregar esse tipo de expressão (eu conheço, eu sei) como um recurso que atenua a força ilocutória dos enunciados e, assim, preserva a face do enunciador diante de possíveis objeções.(GALEMBECK; CARVALHO, 1998).

Para recuperar a memória do interlocutor acerca da afirmação de que os movimentos evangélicos ganharam força perante a população, especialmente na Argentina, o Papa recorre à informação de que a igreja se afastou do povo e ficou preocupada apenas com o papel burocrático, evocando um já dito que circula há séculos no imaginário coletivo e reformulando-o pela metáfora: a comparação com o amor de uma mãe (a Igreja) para com o filho (os fiéis): se ela não estiver presente o tempo todo, o filho não aprenderá a amá-la, porém, se um dia a criança sentiu o amor de mãe, nunca se esquecerá.

Assim, ele admite como verdadeiro o argumento do entrevistador, mas desmonta-o, com polidez positiva, sugerindo que os “filhos” voltarão para a mãe, que está ali representada por ele, o Papa, que veio ao Brasil para (re)acolhê-los.

### **Recorte 5:**

Gerson Camarotti O Papa Bento dezesseis renunciou em fevereiro... num momento em que...a cúria romana... um organismo que administra a igreja... era alvo de uma SÉRIE de escândalos... lavagem de Dinheiro no banco do Vaticano::no... ovazamento de documentos sigilosos... conhecidos como...PatiLix.. e no mundo havia também muitos casos de... pedofilia... envolvendo muitos países... ASSIM que assumiu ...o Papa Francisco iniciou uma série de mudanças... criou uma comissão para reformar a Curia... e alterou um código penal do Vaticano... parapuNIR com mais rigor... os abusos sexuais contra crianças... crimes financeiros... e vazamentos de documentos...recentemente depois que o Papa nomeou uma comissão para fiscalizar o BANCO do Vaticano...investigações sobre lavagem de

dinheiro... levaram a prisão do Monsenhor Nunzio Scaram... acusados de levar VINTE milhões de Euros da Suíça para a Itália... em jatinho privado... Nesse trecho da entrevista eu pedi para que ele falasse especificamente dos escândalos que envolvem a cúria... Papa Francisco quando o senhor foi escolhido... do novo papa... a cúria romana... especificamente era alvo de... críticas... inclusive críticas internas... de vários cardeais... e o sentimento que eu percebi... pelo menos com os cardeais que eu conversei... era um sentimento de mudança... esse sentimento está correto?

Papa Francisco ...Tenho razões...abrir... um parênteses... quando fui eleito... tinha ao meu lado meu amigo... o cardeal Hummes... porQUE em ordem de vida... cada...de cada... vicaria... estava um atrás do outro... E... foi ele que me disse essa frase que... me faz tanto bem NÃO SE ESQUEÇA DOS POBRES ...é lindo... agora a cúria romana... para a cúria romana SEMpre foi criticada... mais ou menos... sempre... se presta a críticas... como tem que resolver muitas coisas... algumas coisas as pessoas gostam... outras não gostam...alguns transmitidos estão bem calçados...outros estão mal enfocados...mal calçados... como em toda Organização... eu diria isto:... a cúria romana... É... muito santos...cardeais santos... bispos santos...sacerdotes... religiosa laico... santo... gente de Deus.. que ama a igreja... isso não se vê... faz mais ruído... uma árvore que cai... do que um bosque que cresce... se... escuta os ruídos... dos escândalos. agora estamos com um... escândalo de transferência de dez milhões de dólares ou vinte milhões de dólares de um monsenhor... bonito favor presta a igreja esse senhor... NÃO?... pena não conhecer-lo... que ele agiu MAL...e a igreja tem que DAR a ele a sanção que ele merece... Agiu mal...se há casos desses tipos... no momento de:... conclave...antes temos o que chamamos ...congregações gerais... uma semana ...de reuniões... dos cardeais...E AÍ...se fala ...claramente dos problemas... todos...se fala de todos... porque estamos sozinho... e... para... saber...como está... a realidade e::traçar o perfil do próximo Papa...e:: Ai saem problemas sérios...derivados... parte do que já conhecem do vatileaks... e toda essa coisa, não... havia problemas de escândalos...sim não... pelos santos se ia tentando...não...esses homens...que... que... deram suas vidas pela igreja...de maneira silenciosa... no conselho apostólico... também se falou... de certas reformas funcionais que tinham que ser...Isso é verdade...e isso foi pedido ao novo papa... que tratar uma comissão de fora... para estudar... os problemas de organização... da cúria romana...HÁ UM MES da minha eleição...eu nomei essa comissão... de oito cardeais...um de cada continente... para a América dois... um da América do norte e outro da América do sul...com um coordenador que também é latino-americano... e ...um secretário que é italiano... E JÁ... chegaram muitos documentos... que estas comissões ...tem obtido ...e não passamos para os outros...teremos nossa primeira reunião oficial... nos dias um dois e três de outubro...E ai receberão uma pauta... eu só não creio que ...saia DAÍ uma coisa definitiva porque... a reforma da cúria... é.. muito séria... E... as propostas...e as propostas são muito sérias ...que tem que madurar... não... Calculo que... sejam necessárias outras reuniões mais...antes que se note alguma reforma... por outro lado... ai ...os teólogos dizem...não sei desde... a idade média...em latim, dizem ...QUE IGREJA SEMPRE REFORMA... que a igreja SEMpre tem que se

reformatar... senão seguir atrás... isto também não é só:: que... pelos escândalos dos valileaks... conhecidos por todo o mundo...SENão porque... a igreja sempre precisa ser reformada... há coisa que serviam para século passado... há coisas que servia... para outras épocas... outros pontos de vista... e que agora não serve mais E QUE tem que reacomoda-la.. assim a igreja é diNÂMica... e responde ...as coisa da vida...não...e tudo isso se pediu nas reuniões dos cardeais...s prévias...

Diante da pergunta embaraçosa feita pelo entrevistador, o entrevistado utiliza recorrentemente os MCs pausas e silêncio com função de envolvimento do ouvinte,. Com o intuito de prender mais a atenção do(s)interlocutor(es) e suavizar a intensidade do que vai dizer, cria um clima de suspense. No recorte “NÃO SE ESQUEÇA DOS POBRES ...é lindo... agora a cúria romana... para a cúria romana SEMpre foi criticada... mais ou menos... sempre... se presta a criticas... como tem que resolver muitas coisas... algumas coisas as pessoas gostam... outras não gostam...alguns transmitos estão bem calçados...outros estão mal enfocados...mal calçados... como em toda ORganização... eu diria isto::... a cúria romana...”, observa-se a imagem de um governante comedido, equilibrado, que não julga, nem age sem conhecimento da verdade dos fatos. O falante passa a ideia de que tem a obrigação de ser o exemplo aos fiéis, demonstrando ter princípios, sensatez e prudência.

No trecho a seguir, constrói a imagem positiva da Igreja, que, apesar de ter pessoas que não estão preocupadas, também é constituída por muitos homens de bem e que devem ser considerados “É... muito santos...cardeais santos... bispos santos...sacerdote... religiosa laico... santo... gente de Deus.. que ama a igreja... isso não se vê... faz mais ruído... uma árvore que cai... do que um bosque que cresce... se... escuta os ruídos... dos escândalos. agora estamos com um... escândalo de transferência de dez milhões de dólares ou vinte milhões de dólares de um monsenhor... bonito favor presta a igreja esse senhor... NÃO?... pena não conhecer-lo... que ele agiu MAL...e a igreja tem que dAR a ele a sanção que ele merece.”. O papa deixa bem claro que todo mau passo será julgado e, como um representante da Cúria, demonstra que não faz julgamento precipitado, imponderado. Visando a fortalecer seu discurso, ele usa a paráfrase “que ele agiu MAL...e a igreja tem que dAR a ele a sanção que ele merece”

Nesse sentido, orienta a interpretação do ouvinte para o que melhor lhe convém: não tomar como certa a culpa da Cúria ou de alguns membros do Vaticano, já que não

houve, ainda, a prova disso, pois estão sendo investigados. O emprego do verbo “*nomeei*” já denota um tom apelativo: nada ficará escondido ou protegido.

Dessa forma, o entrevistado lança mão de várias pausas para tornar seu discurso mais sólido, ou seja, naquilo que depender das autoridades competentes para julgar os casos (e só depende delas mesmo), o julgamento será o mais severo possível. Portanto, ele intenciona reforçar, de maneira veemente, que ninguém terá dúvida alguma a respeito desse assunto. Essa veemência é atenuada justamente por explicitar quem faz parte do “*todos santos*”, aproximando-se da linguagem coloquial e preservando sua imagem de ser uma pessoa do povo.

### **Recorte 6**

Nesse recorte o Papa é convidado a opinar sobre a questão das manifestações que estão ocorrendo no Brasil por conta da insatisfação com o governo. É conveniente salientar sobre a manifestação direta de opiniões do falante pode deixá-lo em situação delicada frente a seus interlocutores, visto que estes podem criticá-lo ou manifestar opiniões opostas. Para evitar a vulnerabilidade do locutor, é preciso promover o “*apagamento da instância da enunciação no enunciado*”. Isso é alcançado por meio de recursos como, por exemplo, impessoalidade (parece que, parece e é possível que) e indeterminação do sujeito do enunciado (diz que, dizem que, diz-se e variações dessas formas, como dizem até e diziam que). (ROSA, 1992, p. 41-42). Como afirma Galembeck (1999), a utilização dos procedimentos de indeterminação do sujeito, por não sinalizar responsabilidade pelo que diz, apresenta-se como um recurso que marca um afastamento acentuado do falante acerca das ideias expressas. O emprego dos procedimentos de impessoalidade, por sua vez, mostra o afastamento em menor grau, pois neles a ideia de apreciação e julgamento fica implícita.

Gerson Camarotti	Nesse momento o senhor che::ga quereria saber... da sua menSAgem ...aos jovens brasileiros que estão na jor::NAda mundial da juVENtude... sua mensagem no momento em que... os jovens... estão nas ruas... do Brasil protestando... demonstrando inSATisfação...infatisfação de uma forma muito ampla... EU queria saber... qual a menSAgem pra esses jovens?
Papa	...Em primeiro lugar....que... preciso ser muito claro ...que não conheço... os motivos dos protestos dos jovens...se... si...jo /...eu digo algo sim a respeito... ( )...porque na minha opinião sem conhecer...né... com toda franqueza que digo a você... eu conheço BEM ... o porque os jovens...protestam... ponto...SEGUNdo... que não proteste... porque... jovens deveriam saber de uma coisa ... e sem ofender... tem gente que busca.. a cada jovens... manipulando ...esta ilusão... este inconformismo que há... e depois arruinam a vida dos jovens...Então...

CUIDado com a manipulação... dos jovens... jovens sempre querem ouvi-los ... cuidado...uma família... um pai... uma mãe... que não escutam filhos jovem ...o isolam... causam TRISTEZA geral na alma... e não sabe de seus desejos...

Gerson  
Camarotti na sequencia o papa abordou um assunto sobre o qual ele havia FALAdo no encontro com os fieis na Argentinos... na catedral metropolitana do Rio...na mesma quinta-feira... o dinheiro

Papa Este mundo... atual que estamos vivendo... havia caído ...na FERROZ idolatria ao dinheiro ...e ...se DÀ... uma política mundial... mundial muito IMPREGnada... pelo protagonismo do dinheiro... Quem manda HOje é esse o dinheiro... isso significa... uma... politica mundial... tipo economicista... sem ética ...pelo controle... um economicismo autossuficiente... e que vai... aruinando ... a pertinencia social de acordo com essa ...conveniencia... Que acontece... então? QUANdo reina esse mundo... da feroz... idolatria... de dinheiro... se concentra muito no centro...e na ponta... das sociedade os extremos... SÃO mal atendidos... SÃO descuidados e... SÃO desCARTavel... Até agora ...vimos claro... como... se descartam os anciões...certo... Há toda uma filosofia... para descartar os anciões... Não servem... não produzem... Os jovens tão pouco não produzem muito... porque é uma carga que tem que formar... agora estão vendo... que a outra ponta a dos jovens... estão em processo de descarte... alta porcentagem ...de desocupação ...do jovens na Europa é alarmante...NÓS encontramos um fenomeno... de jovens descartados ...ENTÃO reparar neste modelo politico mundial... descartamos... os extremos... CURIOSamente o que são promessas para o futuro... por que futuro ...quem nos vai dar... são os jovens por que seguirão adiante... e os filhos que tem que TRANSferir... o certo transvazamento de sabeDoria aos jovens... descartaram os dois... o MUNdo cai... hoje em dia... HA crianças que não tem o que comer... no mundo... crianças que morrem de fome... de subalimentação (desnutrição)... basta ver as fotografias... de alguns lugares do mundo... Há enfermo que não tem acesso... a saúde.. há homens e mulheres que são mendigos de rua... e morrem de frio no inverno. Há ...CRIANÇas que não tem educação...tudo... isso... não é...notícia... BASTa três ou quatro pontos... da bolsa de alguma capital... e que grande catastrophe mundial...Entende? /Hum... Esse ser o drama deste HUMANismoDESUmano que estamos vivendo... por isso ai é preciso recuperar os extremos... as crianças ...e os jovens e nunca é... numa globalização... PELA indifeRENÇA... em dois extremos que são o futuro de um povo... Perdão... se eu fui/se falei demais...Pelo que.. aquilo eu vivi... meu ponto de vista... o que passa com os jovens aqui no Brasil não sei... Peço por favor ...que não manipulem ...escutem los... e que é um fenomeno mundial... MUIto mais alem do Brasil.

Observa-se, no segmento acima, o emprego de “eu”, para efetuar sua opinião sem agredir o interlocutor que tem um pensamento contrário ao seu. Pois as pessoas, principalmente os jovens, não gostam de se sentir manipulados. Trata-se de um “eu” poderoso que, vindo de um chefe de Estado, portanto afasta a ideia de uma subjetividade que poderia soar como arrogância se tivesse dito, por exemplo: “*preciso ser muito claro ...que não conheço... os motivos dos protestos dos jovens*”. No dizer de

Fiorin (1996, p. 96), “o eu dilui-se no anonimato do nós ou é amplificado. Quando aparece em alocações solenes, que emanam de altíssimas autoridades civis (chefes de governo e de Estado)”, o plural é majestático.

Esse procedimento serve para distanciar o falante em relação ao enunciado, apontando para uma coletividade, um trabalho de equipe que abranda uma possível interpretação ligada à soberba. O uso do pronome “nós” ajuda a criar um efeito de sentido ligado a um trabalho em equipe, coletivo, afastando, assim, a ideia de uma responsabilidade direta e única sobre certos contratempos. Com efeito, é uma maneira bastante conveniente para a preservação da própria imagem ou a de seu grupo, e trata-se, portanto, de um recurso de natureza sociodiscursiva. Percebe-se, ainda, que o Papa ele se vale do pressuposto de que existiram problemas desse tipo antes, e essa não é a primeira e nem a última, manifestação pública de repúdio ao governo em que os jovens participam.

Fica implícita a ideia da existência de manipuladores em “... *tem gente que busca.. a cada jovens... manipulando ...esta ilusão... este inconformismo que há... e depois arruinam a vida dos jovens*”. É interessante salientar que o entrevistado não menciona abertamente as pessoas que estão por trás das manifestações, mas se refere a eles por meio da expressão “*tem gente*”. Essa afirmativa, no entanto, poderia soar muito incisiva, por isso uma expressão mais amena ajudaria o falante em seu propósito, ou seja, recorrendo a uma estratégia de atenuação, ele pode dizer o que pretende sem se indispor diretamente com os interlocutores.

Quando o Papa Francisco elenca os motivos aos quais os jovens não se devem deixar levar pelas emoções, pelo entusiasmo. Utiliza de argumentos que solidificam sua asserção e pontuando as questões para fortalecer seu discurso, o qual se baseia no senso comum (primeiro, segundo). Esse procedimento legitima sua afirmação, e, assim, reverte-se o quadro negativo, pois, de outra forma, estaria colocando em xeque a credibilidade de suas ideias e ficando exposto a críticas e não aceitação.

Nesse recorte, o Papa é convidado a opinar sobre as manifestações que estavam ocorrendo no Brasil por insatisfação com o governo. É conveniente salientar que a manifestação direta de opiniões do falante pode deixá-lo em situação delicada diante de seus interlocutores, visto que estes podem criticá-lo ou manifestar opiniões opostas.

Para evitar a vulnerabilidade do locutor, é preciso promover o “apagamento da instância da enunciação no enunciado”. Isso é alcançado por meio de recursos como, por exemplo, impessoalidade (“parece que”, “parece”, “é possível que”) e indeterminação do sujeito do enunciado (“diz que”, “dizem que”, “diz-se” e variações dessas formas, como “dizem até” e “diziam que”). (ROSA, 1992, p. 41-42).

Como afirma Galembeck (1999), a utilização dos procedimentos de indeterminação do sujeito, por não sinalizar responsabilidade pelo que se diz, apresenta-se como um recurso que marca um afastamento acentuado do falante acerca das ideias expressas. O emprego dos procedimentos de impessoalidade, por sua vez, mostra o afastamento em menor grau, pois neles a ideia de apreciação e julgamento fica implícita.

Observa-se também, no segmento acima, um deslocamento do emprego de “eu” para “nós”: *NÓS encontramos um fenômeno... de jovens descartados*. Trata-se de um “eu/nós” com um grande valor de verdade que, vindo de um chefe de Estado, afasta a ideia de uma subjetividade que poderia soar como arrogância. No dizer de Fiorin (1996, p. 96), “o eu dilui-se no anonimato do nós ou é amplificado. Quando aparece em alocuções solenes, que emanam de altíssimas autoridades civis (chefes de governo e de Estado)”, o plural é majestático”. Esse procedimento serve para distanciar o falante em relação ao enunciado, apontando para uma coletividade, um trabalho de equipe que abranda uma possível interpretação ligada à soberba. O uso do pronome “nós” ajuda a criar um efeito de sentido ligado a um trabalho em equipe, coletivo, afastando, assim, a ideia de uma responsabilidade direta e única sobre certos contratempos. Com efeito, é uma maneira bastante conveniente para a preservação da própria imagem ou a de seu grupo, e trata-se, portanto, de um recurso de natureza sociodiscursiva.

Percebe-se, ainda, que o Papa se vale do pressuposto de que problemas desse tipo já existiam, e essa não é a primeira manifestação pública de repúdio ao governo em que os jovens participam. Fica implícita a ideia da existência de manipuladores em... *tem gente que busca.. a cada jovens... manipulando ...esta ilusão... este inconformismo que há... e depois arruinam a vida dos jovens..* É interessante salientar que o entrevistado não menciona abertamente as pessoas que estão por trás das manifestações, mas se refere a elas por meio da expressão *tem gente*. Essa afirmativa poderia soar, no entanto, muito incisiva, por isso uma expressão mais amena ajudaria o falante em seu propósito, ou

seja, recorrendo a uma estratégia de atenuação, ele pode dizer o que pretende sem se indispor diretamente com os interlocutores.

Quando o Papa Francisco elenca os motivos por que os jovens não se devem deixar levar pelas emoções, pelo entusiasmo, utiliza argumentos que solidificam sua asserção e destaca as questões para fortalecer seu discurso, o qual se baseia no senso comum (primeiro, segundo). Esse procedimento legitima sua afirmação, e, assim, reverte-se o quadro negativo, pois, de outra forma, estaria colocando em xeque a credibilidade de suas ideias e ficando exposto a críticas e não aceitação.

## 4.2 “De frente com Gabi”, o Pastor Silas Malafaia

A entrevista com o Pastor Silas Malafaia, feita pela apresentadora Marília Gabriela, do SBT, está em modelo de *talk show*, em que o entrevistado adota uma postura de defesa e o entrevistador uma postura investigativa e polêmica diante dos fatos apresentados durante a conversa simétrica: os dois interactantes estão em condições de igualdade na defesa de sua imagem pública. Trata-se de um cenário diferente do que foi pano de fundo da entrevista com o Papa Francisco, que, apesar de também ser simétrica, apresentava um respeito muito além da preservação da face, dadas as diferentes condições de produção. A entrevistadora não se importa em ferir a face do entrevistado, pois busca a veracidade dos fatos de qualquer modo.

Já na apresentação do entrevistado, a apresentadora contextualiza o evento, ou seja, apresenta as razões por que ele será entrevistado. Ao fazê-lo, arranha-lhe a face, pois expõe sua vida pessoal, sua situação financeira: “um dos pastores mais ricos e polêmicos”. A conversa desenvolve-se em tom amistoso, mas com algumas alfinetadas.

### Recorte 1 A:

Marília Gabriela Tô de frente hoje com o pA::storeVANgéllico um dos MAIS conhecidos e polêmicos do Brasil, Silas Malafaia carioca de nascimento..., mas abraçou uma fé que ultrapassa frontei::ras... MalaFAIA tem o dom da palavra, po::der que ele exerce quase trinta a::nos em programas de televisão transmitidos aqui... nos Estados Unidos.. Europa ...e ÁFRICA... é líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo... ecomba::te aber::tamente a homoSSEaxualida::de e o abor::to... Silas trouxe esse sistemas para as últimas campanhas eleitoRAIS... o que lhe rendeu alguns processos e muita publicidade reCENTemente ele foi citado pela

revista americana For::bes como um dos pastores mais Ricos do Brasil... não deixou por menos e disse que vai FERRAR A FO::BES. Pastor antes de mais nada...(risos) muito obrigada pela prese::nça aqui nos nossos estú::dios

Silas Malafaia : Eu que agradeço  
Malafaia

Marília Gabriela Vamos começa... pelo assunto mais atual... pela For::bes

Silas si::m  
Malafaia

Marília Gabriela que a recentíssima revista publicou... que o senhor está em terceiro lugar entre os pastores evangélicos mais Ricos do Brasil com uma fortuna pessoal avaliada em cento e cinquenta milhões de dólares que dá em nú::MErosbra::sSILEI::ros trezentos milhões de reais e o senhor contestou essa informação?

Silas Malafaia Sim. É:: deixa eu ti fala Gabi... é:: safado, sem vergo::nha, bandido..caluniador tem em tudo que é lugar pastor,..padre.. jornalista em tudo que é lugar...quando a For::bes faz uma declaração dessa... não é uma declaração::zinha qual::quer...eu vivo de que... eu... vi::vo... DE::que pessoas que acreditem em mim.. pra darem a ofer::ta..na verDAde sou um pouco diferente de outros PAstores... as ofertas que eu recebo é mais de gente que não é da minha igreja eu sou pastor de igreja dois anos e meio...Então...há trinta anos sou conferencista e tenho programa de TV e... reCE::bo verbas de pessoas que não me conhecem de perto... oitenta por cento são evangélicos e vinte por cento é gente de tudo que é religião então quando eles falam isso.. o que que subentende o ser humano.. é um ser inteliGEN..te que RACIOcina que pen(sa) perai esse cara que tem trezentos milhões tá roubando de gen::te

Observa-se que o marcador de opinião “sim”, o uso de verbos no presente do indicativo, com efeito de verdades atemporais, da locução temporal de valor durativo “há trinta anos” e a qualificação positiva dos “doadores” (“inteligente”, “que raciocina”) chamam a atenção do ouvinte para as suas qualidades de pastor e de provocador de conflitos (quando forem pertinentes), marcando uma apreciação pessoal positiva de seu *ethos*, de sua personalidade. O entrevistado apropria-se da crítica da entrevistadora, que

o (des)qualifica como uma pessoa bem posta financeiramente e que não quer explicar a origem de sua fortuna.

No exemplo citado, a apresentadora trata de um tema que pode provocar polêmicas e objeções (a fortuna que a revista americana Forbes declara), por isso, em suas respostas, o entrevistado procura reverter a situação a seu favor, recorrendo a operadores de certeza, de convicção, de “verdade” como “então”, “isso”, preserva sua face diante de possíveis objeções. (GALEMBECK; CARVALHO, 1998).

Ao recorrer a um linguajar popular, ao mencionar diferentes categorias de profissionais (não o povo), incluindo jornalistas (como é o caso da entrevistadora), em sua lista de “:: safado, sem vergo::nha, bandido..caluniador”, e ao generalizar (“tem em tudo que é lugar”), visa aproximar-se do ouvinte, na tentativa de que ele se identifique com o problema apresentado, demonstrando indignação a respeito da reportagem. Portanto, uma linguagem que conota atitude, assim como acontece com os apresentadores de programas populares de televisão, os quais são bem aceitos pela população.

Nesse sentido, observamos que o Pastor Silas apropria-se do pronome EU para instaurar uma coenunciação em que ele apareça injustiçado para o ouvinte e recuperar, na memória do interlocutor, o fato de que faz um trabalho para Deus. Dessa forma recorre a uma verdade indutiva, que preserva sua imagem e exalta sua competência, sem que isso se configure como soberba à população, já que ele é “diferente” de outros pastores. No recorte, procura mostrar o quanto é correto e capaz de discernir entre o certo e o errado, pressupondo, assim, que não haverá polêmica entre os ouvintes, pois procurou evitar uma exposição direta de sua imagem. Observe-se que ele ainda recorre ao MC “na verdade”, empregado estrategicamente para abrandar as situações ameaçadoras à face.

## Recorte 2

Silas  
Malafaia      Tá metendo a mão::... mama... eu::eu.. guardo seu... desculpa eu sou muito franco esse cara tá com essa grana é porque tá metendo a mão em alguma coisa aí vamo lá onde é que tá a mentira e a SAFAdeza, primeiro... na minha declaração do imposto de renda... eu vou fazer porque você tem CREdibilidadeto sendo honesto... se eu tivesse outro programa... o outro jornalista... MAS como você é uma uma jornalista de muita credibilidade... en::tão exCLU sivamen::te aqui... pra você aqui e no meu de TV porque eu

num devo NAdanum tenho nada a TEmer eu tenho aqui o espelho do meu imposto de renda tá aqui coisa SIGI::losa que ninguém dá... que ninguém abre... eu to aqui com ele... MEU imposto de renda você pode olhar o final::... onde diz sobre o patrimônio que eu tenho é quatro milhões de reais... NESSES quatro milhões de reais tem dois milhões do capital da editora central gospel que voce é obrigado a declara... né... o capital quando você abre uma emPREsa qual o capital dessa empresa...então isso entra no imposto de renda... então... eu tenho uma casa... seis apartamentos...três meus filhos moram... três eu comprei em comoDATO de construção que faltam trinta prestações em Vila Velha... que é de um construtor evangélico... eu tenho um apartamento em Boca Raton... que tá na declaração de bens do banco CENTRAL ...ela tá aqui... comprei por... cento e quarenta mil dólares para paga em trinta ANOS se eu pega esse patrimônioatuALIZADOpoRque você na declaração do imposto de renda você põe do dia que você comprou... mas se eu pega isso e ATUALIZA... o valor que vale a minha ca::sa.. que aqui tá oitocentos mil porque foi por quanto EU comprei Eu vou ter aqui... de patrimônio ATUALIZADO de valores de hoje quatro milhões e meio...OK... aqui tem quatro milhões porque tem dois... milhões dá.... dá minha PARTicipação da minha empresa... então se eu tira isso e atualiza então o que a Forbes está falando primeiro é mentira... o jornalista... o correspon/acho que vai perder o emprego porque eu vou processar a Forbes nos Estados Unidos... eu não vou processar aqui... aqui não tem graça...EU vou fazer doer LÁ... por::que eu acho uma safa::deza... você denegri porque se eu tivesse eu também diria porque há vinte e cinco anos eu não tenho salário de pastor... eu sou pastor há trinta anos...tive salário por cinco anos... não que seja pecado/errado é bíblico... a bíblia fala até que o pastor tem que ganha muito bem...pela bíblia...que tem que ser muito bem tratado...MAS HÁ vin::te e cin::co anos eu não tenho salário de pastor...há vinte e cinco anos eu vivo de que como conferencista...eu talvez seja o pastor que mais oferta ganha quando prega fora porque to na televisão porque essa coisa toda por minha própria escolha... para você ter uma ideia nos últimos cinco anos eu vendi mais de um milhão de livros meus por anos ...mais de um milhão eu sou o pastor que mais vendo livro... sou o pastor que mais vendo palestra em DVD... e em CD...então eu não posso aceita que uns cara me acusam de uma coisa... com um objetivo que esse...é o objetivo que é colocar um bloqueio na sociedade... que tudo que é pastor... o que ele tem é...ou foi...ou foi... roubado dos fiéis que é um bando de... desculpa a expressão de otário...certo...então...eu fiquei nervoso com esse negócio...

Marília  
Gabriela

...eu vou contestar um pouco...a revista Forbes é uma revista que trata basicamente de fortunas... não é no::vo associado a::...a... religião... todas as religiões...digamos... não to isentando a católica...as religiões são associados a fortunas...no caso da evangélicas...associados ao dizimo pagos pelos fiéis... e... aí levanta-se ...outras questões... tem

...sempre...tem sempre esse mistério... do dinheiro em torno da religião evangélica....que vem do dízimo...etc e tal que...sustenta as igreja

Silas [ O católico  
Malafaia ]

tambÉM vive do dizimo

Marília é::...também... tô dizendo não é estranho...não é obrigatório  
Gabriela [ ]  
Silas não é obrigatório  
Malafaia ]

Marília mas tem...não é ... esse interesse por essas fortunas eh... e que aparecem  
Gabriela eh... nas pessoas associadas a religião porque... não seria do interesse da Forbes...ela trata disso de outras fortunas...ela trata de fortunas de muita gente...ela cita o Eike como... o Eike Batista...cita todo mundo...porque ela não citaria os...os brasileiros associados a religião e mais... eles...ah...ah...a revista se defendeu citando fontes...ela disse ministério...público...

Silas [ ]  
Malafaia mentira

Marília ...polícia federal  
Gabriela [ ]  
Silas mentira  
Malafaia ]

No início da conversa, o entrevistado procura mostrar a sua indignação e quanto a sinceridade faz parte da sua personalidade (autoelogio):*Tá metendo a mão::... mama... eu::eu.. guardo seu... desculpa eu sou muito franco esse cara tá com essa grana é porque tá metendo a mão em alguma coisa aí vamo lá onde é que tá a mentira e a SAFAdeza, primeiro... na minha declaração do imposto de renda. Através da depreciação a Revista Forbes, mediante uso de palavras bem fortes, e tenta se justificar e declara que não é rico. Ganha a vida como qualquer pessoa modesta, apresentando cópia da sua declaração de renda, além de explicar que as doações são feitas por qualquer pessoa que simpatize com suas ações.*

Nesse recorte, o entrevistado continua indignado com os números apresentados pela Forbes sobre seus rendimentos e recorre aos MC de atenuação (mas, então, ok) enumerando vários motivos para que sua face seja protegida.

Percebemos, também, o uso dos elogios tanto para a entrevistadora quanto para o seu programa. Parece que o pastor Silas Malafaia recorre à cortesia e ao elogio para com a interlocutora, com o intuito de ganhar tempo para elaborar melhor sua resposta e

justificativa sobre o assunto em pauta, “o enriquecimento advindo das doações dos fiéis” na igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Vale salientar que recorreremos ao significado da cortesia, no dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975), “cortesia”<sup>8</sup>. O homem civilizado é cortês, educado, refinado, entende o próximo e procura, sempre que possível, demonstrar deferência e cuidado com seus interlocutores<sup>9</sup>. Para explicitar a postura adotada pelo entrevistado, que se apresenta nesse momento nada cortes.

Podemos citar, a indicação de Rodriguez & Lara (2008, p. 15), que dentro da interação verbal, o princípio discursivo básico é o da cortesia, que se manifesta por meio da amabilidade, em fazer que o interlocutor se sinta prestigiado e valorizado durante o processo discursivo. Isso significa que há um compromisso velado, em primeira instância, em construir uma imagem social, por meio de comportamentos aceitos social e interlocutivamente:

além de propiciar a construção de uma imagem de refinamento para o locutor, conferindo-lhe uma determinada posição de superioridade sociocultural (posição de pessoa cortês, distinta), a cortesia linguística pode também ser uma espécie de ‘exibição de afeto e/ou gentileza’ por parte do locutor que procura mostrar respeito por uma suposta delicadeza emocional do interlocutor e, ao mesmo tempo, o seu próprio conhecimento, sensibilidade, refinamento (Villaça; Bentes, 2008, p.20).

Ainda nesse trecho, podemos observar que o entrevistado infringe as máximas conversacionais de Grice: a máxima de qualidade (que não responde o que lhe foi inquirido, desviando para os elogios ) e a máxima de modo ( de ser breve, faz vários rodeios para conseguir preservar a sua face)

Ele utiliza um conceito óbvio— *é o objetivo que é colocar um bloqueio na sociedade... que tudo que é pastor... o que ele tem é...ou foi...ou foi... roubado dos fiéis que é um bando de... desculpa a expressão de otário...certo...então...eu fiquei nervoso com esse negócio...* – acerca de punição àqueles que estão o caluniando publicamente, o que pode contribuir, positivamente, com seus argumentos, pois isso gera a imagem de

---

<sup>8</sup> significa “maneiras de homem da corte”, delicadeza, amabilidade, urbanidade”, ligando-se em primeira instância a um modo “fino” de expressão, apurado, apontando para o domínio dos rituais próprios de hierarquização social.(FERREIRA,1975)

Concordamos com Villaça & Bentes (2008), quando afirmam que: “a cortesia, bem como a polidez, dentre outros fenômenos, são forjados em meio às práticas sociais, isto é, são fenômenos constitutivamente culturais. Estão, pois, vinculados a determinadas formas de representação da estrutura e do funcionamento dos regimes simbólicos da interação social”.

um pastor implacável na questão da justiça. Ele se refugia no senso comum (se publicou tem que provar), para atenuar o que diz e ganhar a adesão da plateia. Isso colabora para que transpareça a imagem de ser um grande pastor sem interesse qualquer em bens capitais, pois até renunciou ao salário de pastor. E por este motivo resolveu conceder a entrevista a Marília Gabriela: por considerá-la séria e competente. O pastor faz uso de um discurso presente no “subconsciente coletivo”, visando à aproximação com a população.

Pois à medida que aumenta a influência sobre inconsciente coletivo, a consciência perde seu poder de liderança. E imperceptivelmente, vai sendo dirigida, enquanto o processo inconsciente e impessoal toma o controle. Assim, pois, sem que o perceba, a personalidade consciente, como se fora uma peça entre outras num tabuleiro de xadrez, é movida por um jogador invisível. É este quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções. É claro, então, que o apelo ao inconsciente coletivo diminui a força do consciente e do pessoal. Com o ouvinte mais vulnerável, o entrevistado pode influenciá-lo, e assim, pode transformá-lo em uma peça facilmente manipulável, e que venha a aprovar suas atitudes. A ideia de que é desprovido de interesse financeiro, mas, sim, de trabalho por vocação é bem aceita pela sociedade, o que corrobora a preservação da face positiva do entrevistado.

Há o emprego do pronome pessoal reto “eu”, com função pragmático-interacional de emolduramento, caracterizado como um marcador de opinião, com valor atenuativo. Ele colabora para atenuar a discordância de opinião que o interlocutor possa manifestar, indicando a forma como o entrevistado deseja ser interpretado. O papel de emolduramento, no dizer de Rosa (1992, p. 65), “[...] evidencia a intenção do locutor enunciador de orientar seu interlocutor sobre como interpretar o discurso em desenvolvimento”. Seu emprego visa, ainda, “a afastar possíveis tipificações negativas (como os *disclaimers*) e atos ameaçadores à face do interlocutor”.

O entrevistado se diz indignado pelo conteúdo da reportagem publicada pela revista e explica de onde provém seu capital, buscando preservar sua face: *da editora central gospel; que você é obrigado a declara... né...; eu tenho uma casa... seis apartamentos... três meus filhos moram... três eu comprei em como DATO de construção que faltam trinta prestações em Vila Velha... que é de um construtor evangélico...; um*

*apartamento em Boca Raton... que tá na declaração de bens do banco CENTRAL ...; de patrimônio ATUALIZADO de valores de hoje quatro milhões e meio...OK... aqui tem quatro milhões porque tem dois... milhões dá... dá minha PARTICIPAÇÃO da minha empresa...; há vinte e cinco anos eu não tenho salário de pastor... eu sou pastor há trinta anos...tive salário por cinco anos... não que seja pecado/errado é bíblico...*

No caso acima, o entrevistado recorre aos marcadores “OK” e “NÉ”, no sentido de mostrar que não se sente ameaçado com tal reportagem e ainda faz ameaças à revista. Ao mesmo tempo, pretende uma interação amigável com a intenção de que a entrevistadora se comova com a sua situação de injustiçado e que seja sua aliada para defender a sua imagem. Vê-se, ainda, que ele não responde diretamente à pergunta feita pela entrevistadora; ele não diz “sim” ou “não”, exatamente para atenuar uma situação tensa e comprometedora e, assim, não expor sua face. O entrevistado emprega um procedimento que o distancia de uma posição vulnerável, que possa suscitar opiniões contrárias.

Então, prefere esquivar-se da pergunta: responde o que lhe convém, recorrendo ao autoelogio. O efeito de resignação é construído pelo anúncio *por::que eu acho uma safa::deza... você denegri porque se eu tivesse eu também diria porque há vinte e cinco anos eu não tenho salário de pastor... eu sou pastor há trinta anos...tive salário por cinco anos... não que seja pecado/errado é bíblico...* Em: *MAS HÁ vin::te e cin::co anos eu não tenho salário de pastor...há vinte e cinco anos eu vivo de que como conferencista,* convida, como uso de “você”, o ouvinte a ponderar (veja: marcador de envolvimento do ouvinte) e, em última instância, concordar com o que diz, auxiliado pela repetição de como se considera em relação ao assunto. Tem-se a ocorrência da paráfrase realizada pelo uso do “então”, com valor conclusivo: *então eu não posso aceitá que uns cara me acusam de uma coisa e então...eu fiquei nervoso com esse negócio...* Por meio desses enunciados, o entrevistado reforça sua imagem de pai que se doa a igreja em que congrega e que merece que seus feitos sejam valorizados, independente de outros que não honraram esse comprometimento e coloca como exemplo outros pastores e padres. Assim, ele se previne de objeções, preservando sua face.

No trecho *é o objetivo que é colocar um bloqueio na sociedade... que tudo que é pastor... o que ele tem é...ou foi...ou foi... roubado dos fiéis que é um bando de... desculpa a expressão de otário...certo...então...eu fiquei nervoso com esse negócio...*, vê-se a utilização das pausas como um expediente que serve para que o entrevistado pense naquilo que irá dizer. Elas são muito úteis quando não se pretende declarar algo que possa prejudicar o falante, por isso, ele opta por não preencher sua fala com alguma assertiva que possa arranhar a face de determinados interlocutores(e, por conseguinte, sua própria face). No conjunto dos procedimentos acima mencionados, percebemos que o pastor se põe como o juiz desse caso, justamente para dar ênfase ao acontecido.

Baseia sua resposta em uma conclusão assertiva, afastando sua responsabilidade sobre a sua fortuna mencionada pela revista Forbes, *então se eu tira isso e atualiza então o que a Forbes está falando primeiro é mentira... o jornalista... ocorrespon/acho que vai perder o emprego porque eu vou processar a Forbes nos Estados Unidos... eu não vou processar aqui... aqui não tem graça...EU vou fazer doer LÁ... por::que eu acho uma safá::deza...*, e afirma que irá processar a revista e o repórter que fez a matéria. Há, ainda, a ocorrência dos marcadores prefaciadores de opinião “eu acho que” e “pra mim”. Analisando o emprego de “eu acho que”, temos o conceito de Vogt (1989), que distingue dois verbos “achar” em português: o primeiro manifesta um palpite (na acepção de crer ou supor), quando o falante está arriscando uma afirmação da qual desconhece o valor da verdade; o segundo é empregado na acepção de considerar, julgar, e indica que está sendo feita uma apreciação subjetiva acerca de um objeto ou situação.

No caso acima, pode-se dizer que essa marca linguística vai muito além de um mero “achismo”, julgamento ou opinião própria apenas; é um elemento atenuador, que auxilia a compor o arquétipo do injustiçado, que, no inconsciente coletivo, seria a pessoa traída que não quer saber ou não pode revelar quem o traiu para não expor mais a imagem construída e que deseja ver preservada. O operador “pra mim”, por sua vez, assume a função de marcador que prefacia uma opinião, revestida de uma conclusão exclusivamente pessoal, mas que tende a atrair a aceitação popular por meio da identificação com as mazelas e percalços vividos.

### **Recorte 3**

Marília ...e imprensa  
 Gabriela [  
 Silas mentira primeiro/nunca ...não tem um dado na imprensa seja jornais ou  
 Malafaia revista não tem um dado...um dado pra ele declarar que eu tenho  
 trezentos milhões... dois...a policia federal e o ministério público federal  
 que são instituições...de muita CRedibilidade...legal::mente...eles não tem  
 a autoridade de falar nada de ninguém...se eu tenho um órgão receita  
 federal e:::que pra falar do que eu tenho...um juiz autoriza...que sigilo  
 fiscal...sigilo de patrimônio ...sigilos bancários...só um juiz pode  
 quebrar...então digo/pra você a Forbes pode fala da fortunas de qualquer  
 um...MAS fale dos que tem...quando ele diz que eu tenho trezentos  
 milhões de reais...O QUE...que a pessoa vai associa...o ser humano...o  
 célebro humano...o ser humano...é um ser que diferencia dos  
 animais...porque que ele tem inteligência...e percepção...ele faz  
 associações...ENTÃO... ele diz assim...pô... esse malandro aí...esse  
 vagabundo aí...tem trezentos milhões porque roubou os fiéis...ENTÃO essa  
 é a ide::ia... e eu não vou recebe fama daquilo que eu não tenho...por::que  
 pra um milionário Gabi...pro/pro empresário...saiu eu estou entre...os cem  
 mais ricos do mundo...isso dá até credito pro cara...os bancos...pô esse  
 cara aqui tem/entre os milionários...pra mim é ao contrário  
 o...efeito...é...negativo..

Marília [  
 Gabriela . ...mas... oh...oh...pastor você não devia estar fazendo esse  
 tipo ...de ...não defesa da teo/teologia da prosperidade

Silas [  
 Malafaia não é diferente aí vem cá...que te disse...existe uma coisa...existe o  
 BESteinol da teologia da prosperidade e existe a teologia da  
 prosperidade...da bíblia...

Marília [  
 Gabriela então.explica...

Silas besteiro da teoria da prosperidade... OLHA vem pra Deus que vo::cê vai  
 Malafaia ficar rico...vem pra DEus que se você...que vo::cê tem um emprego...  
 vo::cê vai ser patrão...venha pra Deus que você vai ter um monte de  
 casa...então isso é o besteiro da teologia da prosperidade...agora  
 prosperidade tem em toda a bíblia...e o cerne...da prosperidade...se diga  
 bem...pastor uma coisa que a bíblia mo::stra... que a pessoa pode ser  
 próspera...ou..então o que faz uma pessoa ser próspera a luz da bíblia...a  
 bíblia diz... que prosperidade...é obedecer as leis de Deus...Tem um  
 salmo...que é o salmo cento e doze que diz assim ..."bem aventurado o  
 homem em que teme ao senhor e que obedece ao senhor e seus  
 mandamentos (hum) a sua geração será poderosa a sua descendência será  
 grande na Terra fazenda e riqueza haverá na sua casa e a tua  
 descendência permanece para sempre"... o salmo primeiro...é um salmo  
 muito lindo... que diz..."aquele que medita dia e noite na lei do Senhor"

olha como diz o salmo é muito interessante/é muito interessante é:... como árvore plantada juntos a ribeiros... que dá o seu fruto... na estação própria...cujas as folhas não caem... e TU-DO quanto fizer prosperara...EU sou favor da prosperidade... eu PREGO prosperidade...não prego besteiro!...porque prosperidade não é só finanças...prosperidade envolve bem estar...prosperidade é você viver bem tem um monte de coisa junto

No final do primeiro bloco, a entrevista vai transcorrer em forma de diálogo, havendo assaltos ao turno, que é a forma encontrada pela entrevistadora para conseguir fazer perguntas ao entrevistado. Modo recorrente em toda a entrevista. Primeiramente, é preciso considerar que a entrevistadora comete um ato ameaçador à face do entrevistado, por fazer declarações bastante incisivas e comprometedoras. O entrevistado, então, admite que adquiriu alguns bens por meio de seu trabalho, mostrando concordância e parecendo indignado, o que gera uma identificação com o povo. Embora a admissão da riqueza corresponda a um ato que causa um dano direto à face positiva, ele o faz de forma a atribuir que é bíblico que todo pastor acumule riqueza. Como não vê maneira de negar o que todos estão percebendo, o mais apropriado é que tente afastar sua responsabilidade, mesmo que seja necessário comprometer a comunidade evangélica. No subconsciente coletivo, o fato de assumir que tem certa estabilidade financeira, representa que o indivíduo tem hombridade e, nesse caso, ocorre o mesmo efeito de sentido: buscar identificação com o ouvinte.

O entrevistado tenta, com isso, passar a imagem de ser uma pessoa que possui princípios e caráter. Trata-se de uma estratégia que visa a proteger sua face, pois não deseja que sua imagem seja arranhada e, por isso, transfere a culpa a outros. Tem-se, portanto, um procedimento que envolve a polidez positiva. Schneider (1998.p.55) postula que “esta polidez é baseada em abordagem; ela ‘abençoa’ o rosto do endereçado pela indicação de que, de alguma forma, o falante compartilha dos desejos do ouvinte”. Há, nesse segmento, uma oposição semântica: riqueza x credibilidade. Para manter ou resguardar sua imagem perante os ouvintes, o entrevistado recorre a outra estratégia: falar sobre credibilidade para abrandar a situação.

Cabe também acrescentar que, ao enunciar *quea policia federal e o ministério público federal que são instituições...de muita CREDibilidade*, o entrevistado se vale do

coletivo, da generalização, como suporte para enfatizar a credibilidade já obtida e que deseja manter, apesar de tudo (veja-se a ênfase em “CREdibilidade”). Esses procedimentos combinados nos remetem à ideia de injustiça, isto é, todos os bens adquiridos por eles são procedentes de seu trabalho, pois é pastor há mais de 25 anos. Apela para o senso de justiça da população, que deve ponderar os argumentos expostos. Existe, ainda, a presença da repetição, do alongamento e das pausas, com função de planejamento verbal que denota hesitação. Como podemos observar, o entrevistado visa a encontrar uma explicação adequada para o que lhe foi colocado. Como não se pode negar a pequena fortuna acumulada, tenta uma saída mais conveniente e branda para não ofender seus colaboradores e os interlocutores.

Encontra-se, no caso acima, o uso dos marcadores de opinião “então” e “mas”, que constituem marcas da enunciação no enunciado. Apesar de apresentarem algum grau de conclusão e contrariedade, nesse caso eles não manifestam o efeito de dúvida.

No primeiro exemplo, o marcador “então” ocupa a função de emolduramento, pois, como afirma Rosa (1992, p. 46), ele “instrui a audiência sobre como interpretar adequadamente o enunciado”. A autora expõe: As pequenas frases que constituem prefácios e posfácios de opinião colocam, também, em evidência o modo pelo qual o locutor enunciativo deseja ser compreendido pelo interlocutor, orientando a interpretação do enunciado para determinado quadro cognitivo de referência. Podem indicar a incerteza do locutor a respeito do que diz, “mas parecem apontar igualmente para os limites da interpretação que se espera do interlocutor, com base no princípio de preservação das faces”. (ROSA, 1992, p. 47). O segundo marcador (mas) é um caso em que o entrevistado “projeta-se no discurso e marca sua opinião, mas não de modo categórico e definitivo” (URBANO, 1997, p. 93). Além de ser um marcador de função interacional, prefaciador de opinião, “mas” é também um modalizador que apresenta o falante investido de uma imagem, de representante da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, comprometido e dedicado ao desenvolvimento da comunidade religiosa a que pertence.

Admite, portanto, parte da fortuna e, logo após, afirma e justifica a sua procedência: *MAS fale dos que tem...quando ele diz que eu tenho trezentos milhões de reais...O QUE...que a pessoa vai associa...o ser humano...o cerebro humano...o ser humano...é um ser que diferencia dos animais...porque que ele tem inteligência...e*

*percepção...ele faz associações...* Para tanto, apresenta quatro argumentos que solidificam sua asserção e aponta as questões para fortalecer seu discurso, o qual se baseia no senso comum: o ser humano dotado de inteligência e discernimento. Esse procedimento legitima sua afirmação, e, assim, reverte-se o quadro negativo, pois, de outra forma, estaria colocando em xeque a credibilidade de suas ideias e ficando exposto a críticas e não aceitação. Ao enunciar *então o que faz uma pessoa ser prospera a luz da biblia...a biblia diz... que prosperidade...é obedecer as leis de Deus...Tem um salmo...que é o salmo cento e doze que diz assim ..."bem aventurado o homem em que teme ao senhor e que obedece ao senhor e seus mandamentos (hum) a sua geração será poderosa a sua descendência será grande na Terra fazenda e riqueza haverá na sua casa e a tua descendência permanece para sempre* e pelo que segue na margem direita da unidade discursiva, o entrevistado afasta de si a responsabilidade de utilizar a boa vontade dos fiéis para angariar riqueza, como afirma a revista Forbes na reportagem veiculada.

Assim, aproxima-se de um papel mais convincente, que é estar próximo dos brasileiros em seus anseios, que é de ser o protetor e encorajador de seus seguidores, de um futuro próspero. Ele utiliza uma afirmação retórica *não é diferente aí vem cá...que te disse...existe uma coisa...existe o BESteinol da teologia da prosperidade e existe a teologia da prosperidade...da bíblia...*(que não exige, necessariamente, resposta), já emitindo sua avaliação acerca do assunto que mais lhe convém. Isso reflete o desejo de não ter sua afirmação contestada: ele já propõe uma resposta e não deixa espaço para questionamentos. É um procedimento argumentativo e, ao mesmo tempo, atenuador, já que o entrevistado reforça seu discurso e diminui a força ilocutória de seu enunciado, caracterizando, assim, um procedimento de preservação da face, visto que o entrevistado não pretende que o interlocutor manifeste opiniões contrárias às suas.

Ao dizermas...*oh...oh...pastor você não devia estar fazendo esse tipo de ...não defesa da teo/teologia da prosperidade*, a entrevistadora objetiva, como um último recurso, questionar o entrevistado acerca de sua posição sobre a teoria da prosperidade, utilizando, para isso, uma réplica, aparentemente desintencionada: *então...explica...* Antes de iniciar sua resposta, o pastor faz uma longa pausa, pois precisa pensar muito bem no que vai dizer para não ser mal interpretado e reafirmar seu posicionamento

sobre a teoria da prosperidade. Após a declaração, recorre a versículos bíblicos para proteger a sua imagem, num claro procedimento de mitigação.

Percebemos que a intenção predominante, no exemplo acima, é a de levar a interação a bom termo, ou seja, atenuar o clima gerado pela pergunta constrangedora. De acordo com Marcuschi (1998), os marcadores não verbais ou paralinguísticos possuem papel crucial na interação face a face; contribuem para estabelecer, manter e regular o contato entre os participantes. Além desse recurso, é utilizado, também, o marcador “hum”, a fim de buscar a aprovação do interlocutor com relação ao que foi dito pelo falante. A volta a uma enunciação anterior tem a finalidade de enfatizar o ponto a ser defendido, mostrando convicção e seriedade por parte do entrevistado, o que, conseqüentemente, afasta a ideia de não estar falando a verdade em relação ao assunto da revista *Forbes*.

No recorte, por meio da expressão *TU-DO*, o falante procura incluir o interlocutor como cúmplice, como alguém que compartilha de uma suposta verdade sustentada por ele. É um artifício que contribui para diminuir a possibilidade de que o entrevistador possa negar ou se manifestar contrariamente ao que foi exposto pelo entrevistado, no entanto, se isso acontecer, quem estará quebrando o acordo tácito de polidez será o entrevistador, e não o entrevistado. Assim, o entrevistado se mantém protegido em seu território. Pode-se apreender, em *EU só favor da prosperidade... eu PREGO prosperidade... não prego besteiro!... porque prosperidade não é só finanças... prosperidade envolve bem estar... prosperidade é você viver bem tem um monte de coisa junto*, o falante cria uma atmosfera mais confortável para poder oferecer aos interlocutores expectativas positivas para o futuro de suas doações e, dessa forma, conferir maior credibilidade e sinceridade à sua imagem. Empenhou-se ao máximo em proteger sua imagem perante a sociedade, sobretudo por se tratar de uma entrevista exibida em rede nacional, em um programa transmitido em canal aberto.

#### **Recorte 4**

Preferimos destacar em duas modos diferentes, o início do diálogo pois o assunto abordado é sobre a teologia da prosperidade.

- Marília ... quando você FA-LA de::ssa...quando você...é ...divaga...em cima dessa  
Gabriela teoria da prosperida::de...VOCê de alguma...maneira não...leva...o povo...o  
fiel...a crer... que dando o dízimo a vida dele vai melhora?
- Silas ...bem deixa eu te dizer...não sou eu que digo isso...é a bíblia(sim mas)...eu  
Malafaia não digo..como qualquer coisa na vida...como qualquer...ideologia ...ou  
re::ligião...você/os comunistas com a ideologia ateísta ele crêm  
naquilo...OK quando você crê...existe um conjunto de crenças e de valores  
que estão arraigados ali(humhum)...então quando eu digo pro meu fiel  
que... ele vai dar dízimo e oferta pra ser rico...eu tô falando uma  
MENTira...mas AGOra...quando eu digo meu fiel que ele tá dando oferta e  
dízimo porque Deus vai abençoá-lo é uma verdade(hum) porque é isso que  
a bíblia aponta...EU NÃO posso declara...nunca declarei isso...não sou  
tolo...EU tenho um certo conhecimento...Eu tenho uma certa formação  
teológica/e vem junto uma família...muito tradicional de formação  
teológica...meus pais são pioneiros no ensino teológico (eu  
sei)...e::...também...gente é::da área
- Marília ...você além do mais é:: é:: formado em psicologia  
Gabriela
- Silas ....sou psicólogo.... então deixa eu fala... se eu chega pro meu fiel...minha  
Malafaia gente da aqui o seu dízimo sua oferta que você vai fica rico....isso é uma  
afronta...Agora quando eu digo pra ele se você for fiel naquilo que a biblia  
diz ... Deus vai te abençoa...porque ai...eu digo assim
- Marília e aí... num tá::...  
Gabriela [  
Silas [  
Malafais num tá, eu te explico porque  
[
- Marília , passando um ideia de:: que os seus desejos serão satisfeitos  
Gabriela [  
Silas não... não escuta bem...a...a...prosperidade...  
Malafaia
- Silas ...é isso que digo...é Gabi...prosperidade...se um pastor falar que  
Malafaia prosperidade é só dinheiro...ela tá incorrendo num...erro  
gravíssimo...prosperidade... eu brinco a igreja sabe o que é prosperidade  
bem simples...em tese...você tá aqui e ganha mil reais o cara da direita  
ganha cinco mil reais...o da esquerda ganha quatro mil...e você vive  
melhor do que eles...você tem paz na sua casa...você tem alegria de  
viver...você tem bem estar...você tem...coisa emocional aqui...equilíbrio  
emocional...você não deve a agiota....ganhando menos do que ele...isso é  
prosperidade...
- Marília [  
Gabriela sim eu sei....mas agora vamos  
Silas [  
Malafaia isso é prosperidade tem quem ensina o povo a isso...

Nesse recorte, podemos perceber que o trabalho de defesa da face está explícito como forma de salvaguardar a própria imagem e a do outro. É importante salientar que o simples contato já envolve, por si, um desequilíbrio das faces, que promove procedimentos para que as faces sejam preservadas no jogo interacional.

Segundo Galembeck (2008, p. 330)

para construir, preservar ou restaurar a própria face e a dos demais participantes, o indivíduo utilize determinados procedimentos, denominados processos de figuração ou de negociação de imagem. Esses processos têm por objetivo mostrar eu os participantes sabem gerenciar relações, isto é, sabem lidar de forma proveitosa consigo mesmo e com os outros. Com esses procedimentos, previnem-se de ameaças potenciais à própria face, numa atitude de resguardo ou defesa.

Ainda cabe reiterar o conceito de face: um conjunto de desejos e valores que podem ou não ser satisfeitos por ações de outros interlocutores. E há um interesse mútuo e natural em manter a face e criar um contato tácito entre os atores: enquanto um interlocutor não ameaçar a face do outro, aquele não ameaça também a sua face. Percebe-se um cuidado constante pra que não haja ameaça involuntária à face do outro, ou a busca de uma saída que não leve à perda da própria face. Segundo Goffman (1970, p. 20-21):

Algumas práticas são principalmente defensivas e outras principalmente protetoras, ainda que, em geral, possa esperar-se que as duas perspectivas sejam tomadas ao mesmo tempo. Ao tratar de salvar a face dos demais, a pessoa deve escolher um caminho que não conduza à perda da sua própria face; ao tratar de salvar a sua própria, deve levar em conta a perda da face que sua ação pode representar para os outros.

Nesse trecho da entrevista, o entrevistado usa, de todas as formas, uma maneira de preservar a face sua negativa, pois tenta evitar situações constrangedoras, por meio de justificativas e até mesmo de correções, como a explicação em torno da teologia da prosperidade, contradizendo a sua fala no recorte anterior. Assim atenua a face negativa, evitando a imposição pela fala da entrevistadora com perguntas em o deixam desnudo nas reservas pessoais; privado de sua liberdade de ação. Na mesma intensidade, emerge o desejo de que os ouvintes aceitem suas explicações.

Em bem deixa eu te dizer...não sou eu que digo isso...é a Biblia(sim mas)...eu não digo..como qualquer coisa na vida...como qualquer...ideologia ...ou re::ligião...você/os comunistas com a ideologia ateísta ele crêem naquilo...OK quando você crê...existe um conjunto de crenças e de valores que estão arraigados ali, o entrevistado opta pela estratégia de “bald on record”, que consiste em falar o que considera necessário sem a preocupação com o modo como será dito. Tem o objetivo de comunicar algo, não dando atenção à forma como é dito, valendo-se dos verbos no presente do indicativo. Podemos notar que há uma preocupação do entrevistado e do entrevistador em transmitir e manter uma boa imagem perante o público. Essa atitude constitui-se em uma maneira de demonstrar a face positiva, que corresponde à fachada social, à imagem valorizada que tentamos apresentar aos outros e que necessita de aprovação e reconhecimento.

Os atos que foram demonstrados nesse recorte, como a retenção do turno, ignorando as tentativas de retomada, reafirmam que o interlocutor compartilha da mesma ideia do locutor. São feitas interrupções abertas e explícitas do turno, com o objetivo claro de boicotar a intervenção do interlocutor e até mesmo de tomar o turno grosseiramente para expor opiniões contrárias ao falante, podendo até mesmo sabotar a progressão do assunto. Nesse sentido, podemos concluir que ambos, tanto o entrevistado “Silas Malafaia” como a entrevistadora “Marília Gabriela”, tiveram a face negativa arranhada por estratégias de “bald on record”, evidenciadas não por apenas um ato mas por vários obtidos no contexto e nas condições em que as falas foram geradas.

Permanecendo nesse recorte, citamos a preservação da face pela rejeição da Teologia da Prosperidade<sup>10</sup>, quando é interpelado pela pergunta da entrevistadora: ... quando você FA-LA de::ssa...quando você...é ...divaga...em cima dessa teoria da prosperida::de...Você de alguma...maneira não...leva...o povo...o fiel...a crer... que dando o dízimo a vida dele vai melhorá?. Ela questiona se a prosperidade é simbolicamente representada pela obediência a Deus e, conseqüentemente, ao dízimo:

---

<sup>10</sup>Baseia seus fundamentos na compreensão de que a prosperidade material (saúde, aquisição de bens financeiros e materiais) é sinal da real presença de Deus na vida de uma pessoa. Nesse sentido, a prosperidade material (“Vida na Benção”) está condicionada à fidelidade material e espiritual a Deus. Nesse caso, os abençoados são os “escolhidos de Deus” e a acumulação de bens materiais é interpretada como as bênçãos para os que passam a ser considerados “filhos do rei” (ou “Príncipes”). (CUNHA et al. (2008, p. 159).

se a pessoa é fiel a Deus, Ele o abençoará com riquezas materiais e espirituais, como boa saúde.

Segundo essa teologia, as bênçãos imateriais e materiais (financeiras) são sinais de Deus aos fiéis, pois Ele deseja que aqueles que nEle creem e seguem seus desígnios alcancem felicidades e prosperidade em todos os campos da vida; portanto é pensar em prosperidade como consequência da fé e obediência a Deus. No fragmento a seguir, percebemos que o falante recorre à negação dessa teoria para preservar sua face e justificar a boa condição financeira: *...mas AGORA...quando eu digo meu fiel que ele tá dando oferta e dizimo porque Deus vai abençoá-lo é uma verdade(hum) porque é isso que a Bíblia aponta...EU NÃO posso declará...nunca declarei isso...não sou tolo...EU tenho um certo conhecimento.* Essa negação é ratificada no trecho a seguir:*não... não escuta bem...a...a...prosperidade ...é isso que digo...é Gabi...prosperidade...se um pastor falar que prosperidade é só dinheiro...ela tá incorrendo num...erro gravíssimo...prosperidade... eu brinco a igreja sabe o que é prosperidade bem simples...em tese...você tá aqui e ganha mil reais o cara da direita ganha cinco mil reais...o da esquerda ganha quatro mil...e você vive melhor do que eles...você tem paz na sua casa...você tem alegria de viver...você tem bem-estar...você tem...coisa emocional aqui...equilíbrio emocional...você não deve a agiota....ganhando menos do que ele...isso é prosperidade...*Sua argumentação procura conduzir para o seguinte “princípio”: todos os bens adquiridos são obtidos com a “permissão de Deus”, e, por esse motivo, os seus seguidores não devem nem pensar que foram lesados e parar de fazer doações nem tão pouco deixar de pagar “devolver” o dízimo

## **Recorte 5**

Para o convencimento e agregar mais simpatizantes ao idealismo do pastor Silas Malafaia, os aspectos interacionais relacionados à preservação da face e à construção e uso das máscaras são muito importantes, pois servem como elementos de reafirmação do indivíduo. Nesse caso, de pastor perante uma comunidade, e como estratégia de convencimento; afinal, os fiéis não criam nos pastores ou padres se fosse diferente. Assim, os elementos corroboram a criação de vínculos entre locutor e alocutário.

“No discurso religioso, há o aspecto implícito de que o homem é a imagem e semelhança de Deus. Logo, os pastores ou padres, como

representantes de Deus na Terra, devem passar uma imagem positiva, limpa, séria e condizente com o seu papel social. Com isso, cria-se e utiliza-se uma máscara de responsabilidade e seriedade, o que colabora para o convencimento de seus seguidores e retoma o discurso de temor e respeito a Deus e a Sua palavra” (Storto, 2015,p176).

Marília  
Gabriela ... agora vamos ser honesto.(sim) ..honestíssimo...o dizimo (hum)...esse dizimo de cada fiel..dito....repetido...repetido...sustenta e muito...bem...as igrejas evangélicas...como também sustenta/e já sustentou melhor igreja católica...mas sustenta...ENTÃO...vamos dizer...que:: essa hã...essa prosperidade chega ma::is para a igreja(risos) do que propriamente para o seu fiel (ai)...vamos dizer... EU ACHO...até um pouco herético...uma heresia...porque parece a afinal que Deus protege mais a igreja do que o fiel dela...

Silas  
Malafia ...existe aí um engano... e esse é o engano...redondo de muitos...EU vou fala de uma igreja que não tenho nada ver com ela...OK...eu tenho muitas discordância... vou usa outra que vai fica mais fácil...que todo mundo percebe... VOcê acha que o...cara que é membro da Universal...tá dando oferta e dizimo...APENAS porque ... um cara muito inteligente e malandro...espetacular...fantástico...fenomenal...consegue persuadi-lo para que durante dez..quinze...vinte...anos o cara dá dizimo...da oferta especiais...e não tem nada de beneficio... DEUS...trabalha com a lei de recompensa...o apóstolo Paulo diz uma coisa linda...ele diz assim olha..."uma coisa eu faço...eu deixo as coisas que para trás ficam e eu prossigo para as que estão na minha frente pelo prêmio"... você sabe que DEUS...ele fala de uma lei de recompensa o tempo todo o ser humano

Marília  
Gabriela [ qual é a recompensa? é o reino do céu  
Silas ...a recompensa eu mostro pra você e você pode ir a qualquer igreja....esse  
malafia é o engano de muita gente...você pode ir em qualquer igeja EU...de-sa-fi-  
oimpresa pode ir comigo

Marília [ o...o...Silas  
Gabriela [ querida desafio  
Silas  
Malafia

Marília ...muita gente...já ...já reclamou e já deu declarações já deu matéria  
Gabriela dizendo que perdeu tudo...

Silas ...você pega de um universo...perai...vamos pra lei da  
 Malafaia probabilidade...então...você tem um grupo...assim que se faz as  
 pesquisas...você tem um grupo de mil pessoas...onde...trinta por  
 cento...não vou ser mais...trinta por cento abandonou a fé... reclamou que  
 perdeu tudo...AGora você tem um grupo...de mil pessoas onde um ou dois  
 estão reclamando... esse grupo...o Gabriela...não é pastores...não somos  
 nós...não mudo vida de ninguém...eu não transformo ninguém...A VERdade  
 é que Deus transforma...tá interessado no bem estar do homem...então o  
 que eu digo pra você o seguinte vai lá:: no po::vo...como é que uma  
 pessoas Marília Gabriela...fica trinta anos numa igreja...quarenta anos  
 numa igreja...dando oferta e dizimo e não tem benefício nenhum...é uma  
 imbecil idiota

...não...não

Silas os maiores beneficiários são as pessoas

Malafaia

[

EU ACHO que encontram um conforto...um tipo de conforto

Marília

[

Gabriela

não....não...encontra MUIToma::is

Silas

Malafaia

Percebemos aqui os contrastes presentes no discurso religioso e muitas vezes expressos pelo uso dos marcadores conversacionais (*então, ok e perai*), que servem como recursos argumentativos de atenuação à medida que recriam no interlocutor o próprio paradoxo da existência humana e dos discursos que têm circulado há anos na sociedade. Quando se refere ao discurso religioso, o entrevistado traz à tona a forte presença de antítese (Deus X Homem) como representatividade desse discurso, que é marcado gramaticalmente pela negação e, semanticamente, pela assimetria entre o plano espiritual, representado por Deus, e pelo plano temporal, representado pelos homens, ou seja, a não reversibilidade.

A dúvida gerada no interlocutor pode funcionar para que ele se aproxime desse contexto, a fim de melhor conhecê-lo. Ou seja: projeta-se a dúvida para que o outro busque, no discurso do locutor, a resposta. Isso também é verificado no intenso jogo de oposições e de perguntas presentes no discurso religioso.

Em algumas partes da entrevista, o pastor Silas Malafaia se mostra doce e sereno, como estratégia de convencimento. Essa imagem pode gerar, no interlocutor, uma inferência: “em uma situação tão conflituosa esse homem apresenta tão

feliz, tranquilo por causa da sua fé, assim, se eu aceitar sua fé, eu posso ser como ele”. Isso porque a felicidade e serenidade para resolver problemas é um dos valores mais procurados pelos homens. Em outros momentos, utiliza recursos de expressões faciais e gestos fortes e evidentes, buscando confirmar ou construir um ambiente persuasivo para manutenção da máscara de homem sério, honesto e temente a Deus: aquele que fala de coisas celestiais, divinas, com toda a seriedade que elas podem exigir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por proposta analisar procedimentos utilizados pelos interlocutores na construção da preservação da face e polidez durante uma interação verbal específica – dois programas televisivos em que dois personagens representantes de igrejas foram entrevistados.

Tendo em vista a situação de interação, os papéis que representam os interlocutores e os propósitos comunicativos que almejam alcançar, procurou-se evidenciar de que forma cada um dos envolvidos na troca tenta monitorar o foco temático no desenrolar do evento conversacional visando a uma boa performance para o público telespectador.

Embora haja um planejamento da pauta da entrevista e a abordagem de alguns tópicos já tenha sido previamente definida, assim como o entrevistado não vai totalmente despreparado para a entrevista, observamos que não há a possibilidade de total controle sobre a conformação do quadro tópico, pois que o texto conversacional comporta uma parcela de imprevisibilidade. Cada um dos interlocutores, de posse da palavra, vai projetando um novo foco temático.

Observamos também um jogo de forças em que cada um dos envolvidos na troca pretendeu administrar a sequência do assunto engendrando seu discurso de forma a privilegiar sua autoimagem pública. Para isso, estratégias interacionais e procedimentos discursivos foram utilizados por ambos os interlocutores, nas duas entrevistas, na tentativa de projetar o tópico seguinte para o assunto que desejavam desenvolver.

Importa mencionar que o entrevistador desempenhou, em ambos os casos, um papel fundamental no direcionamento do quadro tópico, pois estabeleceu condições que viabilizaram o bom relacionamento entre os interlocutores e, assim, promoveu a condução do evento comunicativo de forma produtiva e de acordo com os propósitos pretendidos. Por meio das perguntas, os entrevistadores introduziam ou retomavam alguns tópicos estrategicamente, a fim de que o entrevistado se comportasse de forma

colaborativa, o que se verificou mais explicitamente na segunda entrevista. Em algumas vezes a entrevista se apresentava, no entanto, tão natural, que ambos tiveram a face ameaçada, especialmente, também, na segunda.

Percebemos ainda que algumas perguntas eram utilizadas para simplesmente estabelecer contato (a função fática da linguagem), sobretudo na primeira entrevista, e manter a progressão tópica, ao passo que outras eram mais invasivas e chegavam a expor a imagem dos interlocutores. Em geral, os procedimentos discursivos utilizados pelo entrevistador, como as perguntas, serviram para indicar a orientação argumentativa do texto: dependendo da intencionalidade ou da situacionalidade, ora preservavam a imagem dos interlocutores (entrevista com o Papa), ora a colocavam em situação vulnerável (entrevista com o pastor Silas Malafaia).

Tendo em vista que se tratava de programas de entrevista televisivos, ocorreu um jogo interacional no qual os interesses nem sempre se alinhavam, já que cada um dos “jogadores” tinha seus próprios propósitos, intenções ou idiosincrasias. Como o sucesso da audiência é medido pela engenhosidade do entrevistador nas estratégias utilizadas para a obtenção de respostas que preencham as expectativas, cabe a este mediar a interlocução de modo a preservar a sua própria imagem e a de seus interlocutores (entrevistado e audiência), permitindo, assim, a sustentação do evento conversacional. E isso ocorreu em ambas entrevistas.

Neste trabalho, procuramos evidenciar alguns dos recursos linguísticos utilizados pelos entrevistadores e entrevistados para preservação da face e da polidez, tanto negativa como a positiva. Dessa forma, também se tornaram importantes as análises para avaliar em que medida certas estratégias ou usos contribuíram para a aceitação ou rejeição dos tópicos propostos, e como elas interferiram na dinâmica da relação interpessoal e na construção do quadro tópico.

A análise do contexto onde ocorreram as duas práticas discursivas foi outro dado relevante, pois a compreensão da força ilocucionária do enunciado só ocorre quando são focalizadas as propriedades específicas da situação. Essa compreensão constitui parte de um processo interacional no qual o ouvinte interpreta as ações do falante, que são analisadas com base em comportamentos pré-estabelecidos e em inferências quanto ao conhecimento, aos desejos, às atitudes e sentimentos, enfim à exterioridade. Nesta, estão inclusos o contexto imediato e o contexto amplo: as circunstâncias da enunciação e os

efeitos de sentido derivados da forma de nossa sociedade, com suas instituições, entre as quais, a Igreja.

No contexto imediato, tivemos as duas redes de televisão onde as falas foram produzidas, os sujeitos entrevistados e entrevistadores, o momento da apresentação da mensagem e os temas abordados (bem diversos entre si). Já o contexto amplo trouxe elementos derivados de nossa formação social, como a instituição religiosa, distinguindo o modo de organização de poder e a produção dos acontecimentos que afetariam os sujeitos em suas posições ideológicas, isto é, a intervenção da história produzindo ou transformando os sentidos do discurso.

Todos os atores, de certo modo, planejaram e ajustaram suas falas às condições a que foram submetidos e com as quais concordaram, incorporando também outras vozes: havia sempre um já-dito que não poderia ser modificado, pois é regulado pela Igreja-instituição e seus dogmas, mesmo quando o tema era outro, como foi o caso de Silas Malafaia. Ainda assim, foi a ideologia cristã que definiu a dominância de um sentido sobre outro – porque isso era necessário à preservação da face positiva – passando pelas relações do homem com o poder. Sua competência, no entanto, não é técnica, mas ética, pois que baseada no Evangelho, o que lhes serviu, às vezes, como motivo para avaliar o que é justo ou injusto.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ANDRADE, M.L.C.V.O. O discurso da mídia: interações nas entrevistas de TV. *Linha d'Água*. São Paulo: Humanitas, n. especial, p. 73-77, jan. 2000.
- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; FÁVERO, Leonor Lopes. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In: PRETI, Dino (org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998, p.153-177.
- AQUINO, Z.G.O. *Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. (Tese de doutorado).
- AQUINO, Z. G. O. de. Diálogos da mídia: o debate televisivo. In: PRETI, D. (org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo. Humanitas FFLCH/USP, 2005
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Entrevista: texto e conversação. *Estudos Linguísticos. Anais dos Seminários do GEL*, Franca, v. 20, p. 254-261, 1991.
- \_\_\_\_\_. Procedimentos de reformulação: a correção. In: In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.129- 156. (Projetos Paralelos, 1)
- BENTES, Anna C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 69-99.
- \_\_\_\_\_. LEITE. M.Q. (orgs). *Linguística de textos e análise da consersação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo:Cortez, 2010.
- BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- BRANDÃO,H.H.N. Propagandada Petrobrás. São Paulo.Edusp/Imprensa Oficial, 1998.
- BRITO, E.V. *A interação face a face na TV: a entrevista em revista*. São Paulo: PUC-SP, 1997. (Tese de doutorado)
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness*.Some universals in language usage.2.ed. Cambridge. Cambridge University Press, 1987.
- BROWN, Gillian; YULE, George.*DiscourseAnalysis*.Cambridge: Cambridge University Press. 1983
- BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F. e STORTO, L. J. Atitudes linguísticas na construção da autoimagem positiva. In: \_\_\_\_\_.(Org.) *Análise de textos falados e escritos:aplicando teorias*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011.

CASTILHO, Ataliba T.. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp. 1989. p. 249-280

\_\_\_\_\_. *A língua falada no ensino de português*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

CASTRO, Elias Ribeiro de. O irreversível e o áporo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Ed da Unicamp, 1997, p. 357-366.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Verbena Lúcia Medeiros. A divergência na academia: estratégias discursivas de proteção e preservação das imagens sociais (face-work). *Horizontes de Linguística Aplicada*, ano 10, n.2. jul/dez.2011

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. Oliveira de. Discurso e interação: a reformulação nas entrevistas. *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. esp., p. 91-103. 1998.

\_\_\_\_\_; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_; AQUINO, Zilda G. Oliveira de. As perguntas na organização das entrevistas. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, n. 4, p. 121-135. jan./jun. 1998.

\_\_\_\_\_; AQUINO, Z.O. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do português falado*.v. IV: Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp/ FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_; AQUINO, Zilda Gaspar O. A dinâmica das interações verbais: o trílogo. In: PRETI, Dino (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2002. p. 159-177.

FIORIN, L. F. A linguagem em uso. In: FIORIN, L. F. (Org.) *Introdução à Linguística* In:Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 165-186.

FLORÊNCIO, Ana M. Gama *et al.* *Análise do Discurso: fundamentos & prática*. Maceió: EDUFAL,2009.

FRASER, Bruce. Uma abordagem sobre os marcadores discursivos. *Confluência*. Boletim do Departamento de Linguística. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Assis, SP, ano 2, n. 2, p. 132-160, 1994.

FRASER, B. An account of Discourse Markers.*International Review of Pragmatics*, v.1, n.2,p.293-320, 2009a.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (Org.). *O discurso oral culto*. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2005, p.173-194.

\_\_\_\_\_. Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, Dino. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2002, p. 67-88.

\_\_\_\_\_. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 65-92. (Projetos Paralelos, 1).

\_\_\_\_\_. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogoduplo. In: Preti, Dino (org.). *O discurso oral culto*. 2.ed. São Paulo: HumanitasPublicações FFLCH/USP, 1999, p.173-194. ( Projetos Paralelos, 2)

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Kelly Alessandra. Marcadores de preservação da face na fala culta de São Paulo e Rio de Janeiro. São Paulo, *Intercâmbio*, v.VII, p.155- 165, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor book, 1967.

GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania. 1981.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8. ed. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, S.A. (org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p.76-114. (Série Psicologia e Psicanálise)

GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRICE, H. P.. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. *Fundamentos metodológicos da linguística*. Pragmática.v.IV. Campinas: Unicamp, 1982.

\_\_\_\_\_. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58. Disponível em: <<http://www.wam.umd.edu/~israel/Grice75.pdf>>.

GRIGOLETTO, Evandra. *Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da Renovação Carismática Católica*. PortoAlegre: Editora da UFRGS, 2003.

JUBRAN, C. C. A. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2006. v.1, p.89-132.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les intérations verbales*. Paris: Armand Collin, 1990

\_\_\_\_\_. *Análise da conversação: princípios e métodos*. [Trad.: Carlos Piovezani Filho]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 10 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. *et alii*. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. (org.). *Gramática do português falado* vol. I: A ordem. Campinas: Unicamp/FAPESP, 1996, p. 143-184.

LAKOFF, Robin. The Logic of Politeness: or, minding your P's and Q's. *Papers from the 9th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Chicago: Chicago Linguistic Society, 1973.

LEECH, Geoffrey N. *Principles of pragmatics*. New York: Longman, 1983.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*, vol. 2, no. 2. Universidade Federal do Ceará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Pontes/Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MARCUSCHI, L. Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Análise da conversação*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Campinas: Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10.ed São Paulo: Cortez, 2010.

MEIRELES, Selma M. *A dissensão e as estratégias de trabalho da face em diálogos do alemão*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997. (Tese de Doutorado)

ORLANDI, EniPulcinelli (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, EniPulcinelli (org.). O discurso religioso. In: \_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996, p. 239-262.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* [1a. edição: 1983, Ed. Brasiliense]. 4. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso – princípios e procedimentos*. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.E.P.Orlandi. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

PRETI, Dino. Alguns problemas interacionais da conversação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Interação na fala e na escrita*. Publicação do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto Nurc/SP – Núcleo USP). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p.45-66.

\_\_\_\_\_. (Org.) *Análise de textos orais*. 6.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP. (Projetos Paralelos-NURC/SP). V 1. 2003.

RISSO, Mercedes S.; SILVA, Giselle M. O.; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, Ingedore G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp/FAPESP. V VI. Desenvolvimentos, 1997. p. 21-94.

ROSA, Margaret de Miranda. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992. (Série Repensando a Língua Portuguesa)

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning, and context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi. *The handbook of discourse analysis*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 54-75.

\_\_\_\_\_. Discourse Markers research and theory: revisiting *and*. In: FISCHER, K. (Ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Elsevier, 2006, p.315-338.

SETZER, Rachel. Os homens estão criando um mundo que Deus não quer; contradição e conflito no discurso religioso. In: ORLANDI, EniPulcinelli (org.). *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 91-102.

STORTO, L.J. Discurso religioso midiático: língua falada, argumentação e máscara em pregação religiosa. 2015. 323f. Tese (doutorado em estudos da linguagem). UEL. Londrina/PR, 2015.

TANNEN, Deborah. The oral/literate continuum in discourse. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: N. J. Ablex. 1982. p. 1-16.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias do texto: tipos, gêneros e espécies. *Alfa*, São Paulo, 2007, p. 39-79.

URBANO, Hudinilson. Variedades de planejamento no texto falado e no texto escrito. In: PRETI, Dino. (Org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998, p. 131-152. (Projetos Paralelos, 3).

\_\_\_\_\_. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p.81-101. (Projetos Paralelos, 1)

WEBER, Maria Helena. Visibilidade e credibilidade: tensões da comunicação política. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

YULE, George. *Pragmatics*. Oxford: Oxford University Press. 1996.

ZHANG, W. et al. The Revolution will be networked: the influence of social networking sites on political attitudes and behavior. *Social Science Computer Review*, v. 28, n. 1, p. 75-92, feb. 2010.

**ANEXOS**

## 1 . NA REDE GLOBO, O PAPA FRANCISCO

A entrevista foi transmitida pela Rede Globo de Televisão no programa “Fantástico” em 28/07/2013, concedida ao repórter Gerson Camaroti, com duração aproximada de 20 min e apresentou-se em um único blocos como apontamos na descrição a seguir.

Gerson Camaroti Entrevista do Papa Francisco com o Repórter Gerson Camarotti (contextualização) Tarde de quinta feira Residencia Assunção Morro do Sumaré O Papa Francisco que ficou hospedado aqui durante a Jornada Mundial da Juventude abriu mão do descanso depois do almoço para receber a nossa equipe... como de hábito estava bem humorado... ao final da entrevista ganhou uma camisa do Flamengo do Padre Alexandre... escolhido pelo próprio Papa para ser o seu secretário particular no Brasil.( )E um pouco antes brincou com o frio e a chuva que acompanhava a Jornada Mundial da Juventude.  
Gerson Camarotti: O senhor nuuum..sentiu...esperava um pouco ma::is quente o Brasil?

Papa ... não...não ...( ) sei talvez um pouco mais de calor (...) mas Não senti frio (...)para mim não...,sou de um um pouco mais abaixo (risos) conheço o frio de Bue::no Aires, (risos)é uma temperatura de outono norm::al

Gerson Camaroti meia hora antes a entrevista começava também de forma descontraí::da.

Gerson Camaroti Papa Francisco o Senhooor chega ao Brasil ééééé'com uma receptividade muito calorosa dos brasileiros há uma rivalidade histórica Brasil e Argentina pelo menos no futebol como é... que o senhor recebeu esse gesto de afeto dos brasileiros?

Papa ...eu me senti... rece::bido com muito afeto... que não pronu::ncia muito calidamente ... todo brasileiro tem um grande coração...que a rivalidade... creio já está superada totalmente... porque... nos negociamos bem... e o Papa é argentino e Deus é brasileiro (risos)

Gerson Camarotti Uma grande solução, né Santo Padre

Papa Creio que...sentido muito bem recebido com muito carinho...

Gerson Camarotti Santo Padre é..... nooooo Brasil o senh::or utilizou ao chegar... e continuou utilizando um carro de um modelo muito simples....é há notícias que o senhor inclusive é ...condenou padres que usavam carros de lu::xo é::pelo mundo:: eu queria saber o senhor inclusive optou é ...por morar na casa Santa Marta essa... é uma:: essa sua simplicidade, é uma determina::ção a ser seguida por pa::dres,por bis::pos e por car::deais?

Papa é:: ... é o auto que uso aqui é muito parecido que tenho usado em Roma...simplesl....real ...normal ...e ni::sso sinto que... devemos dar testemunho de certa simplicidade... inclusive de pobre::za... nosso povo exige... pobreza ah...do sacertodes... exige no bom sentido... não pedem isso... nosso povo lhe...lhe... ofende muito coração... quando... é

que... nós estamos consagrados... estamos apegados ao dinheiro... isso é mal... éramos... não é um bom exemplo... que... que um... que um... sacerdote tenha um auto de último modelo... de marca... hum... eu creio que... se o digo para os párocos ...de Buenos Aires...dizia sempre... é necessário... que o cúria tenha na mão uma máquina... um carro...um carro... um auto... é necessário...porque na paróquia tem mil coisas... que... tem que mover-se...pelo que sei um...automóveis modestos... isso requer a autos(...) A respeito que...que vir a Santa Marta... não foi tanto por razões de... simplicidade porque é...o apartamento papal é grande...é muito luxuoso...a meu exemplo... ficar no Santa Marta... foi tanto minha decisão de ficar em Santa Marta por... por meu modo de ser... não posso viver só... não posso viver encerrado... eu necessito de contato com a gente...então... eu precisava... explicar assim... só me querer em Santa Marta... por razões psiquiátricas...(risos) para não temer... que estar sofrendo essa solidão não ia ser bem... e também por razões de pobreza POR que... se não eu teria que pagar... psiquiatra muito caro... então... isso não é bom...não é por...por estar com a gente...Santa Marta é uma casa... muito grande... vivem umas quarenta pessoas entre bispos e sacerdotes que trabalham na Santa Sede...tem cento e trinta peças mais ou menos e sacerdotes... bispos... cardeais... e leigos por exemplo... que habitam aí... eu como... eu como...no refeitório comum de todos ...desjejum...almoço ...e ceia no que tem hoje onde... eu... sempre encontro gente disitnta e isso me faz bem (risos) ...essa que são as razões...e agora a regra geral ...creio que... Deus nos PEde neste momento... maior simplicidade... Algo assim... interior da igreja... nos pede.

Gerson Camarotti O... O Santo Padre é ... QUANDO o senhor chegou...ou... no Rio de Janeiro houve falhas na segurança... inclusive ali o senhor... seu carro... foi ali levado para o meio da multidão... o Papa Francisco... ficou... com medo... qual foi o seu sentimento naquele momento.

Papa Eu não tenho medo... sou inconsciente... não tenho medo... sei que ninguém morre de véspera ...quando me toca... que Deus permita...será... pelo... antes de viajar... fui ver papa móvel... que temia... que temia... cá... estava... com vidros... se voce vá... na verdade que querem MUITOS amigos... que querem comunicar-se ...você vai visitar ...dentro de uma caixa de vidro... isso não pode acontecer... com esse povo que tem um grande coração... detras de uma caixa de vidro... e nem um auto... quando vou e passo abaixo... o vidro... pra poder sacar... a mão e sauda ...e SEMprecom... toda pessoa(humana)... é tudo ou nada... ou viaja... como tem que ser... com comunicação humana...como assim... pela comunicação média... não faz bem... EU agradeço... e tenho que ser nesse PONto ser muito claro... AGRAdeço a segurança do Vaticano... com o preparo... pelo Zelo... que tem... e agradeço ...a segurança do Brasil... AGRAdeçomuTUissimo... porque cá... me também cuidam de mim ...e querem que...que... não haja uma coisa... desagradavel... Pode suceder...pode suceder... que alguém ...me dê... uma trombada... pode suceder... as duas seguranças... trabalham muito bem... para as duas

- sabem.. que eu sou INdisciplinado...nesse aspecto,( por não por fato fanto rico como um menino levado)... mas sim porque simplesmente vim visitar... gente ...e quero trata-LA como gente... tocá-la.
- Gerson  
Camarotti Nas última duas DÉ::cadas houve uma redução de quase vinte pontos pecentuais no número de católicos no Brasil ... no mesmo período... a população evan::gética aumentou... Papa Francisco seu.. grande amigo... Cardeal Claudio Hummes é:: aqui do Bra::sil... ele... me falou ALgumas vezes já... da preocupação dele...com a invasão... COM a... perda de fiéis católicos aqui... no continente aqui no Bra::sil especificamente... para outras religiões... principa::lmente para religiões evangélicas... Eu lhe pergun::to é ::porque acontece ISSO? é:: que pode ser feito?
- Papa ...eu não conheço as causas... e tão pouco conheço porcenta::gens... não conheço... não conheço ...a vida do Brasil ... para dar uma... resposta...certo... que EU acredito...que... o Cardeal Hummes... foi um dos que proprio nota é seguro... no Brasil e voce diz que falou... ele sabe :: não saberia explicá-lo... e( mento) uma coisa... para mim é fundamental ...da acerca bem... da igreja... que a igreja MãE... E nem você... e nem eu... conhecemos uma mãe por correspondência... UMA mãe... dá carinho... toca... beija... ama... Quando a igreja...ocupada... com mil coisA...se descuida... acerca dessa... descuida e...Sò ::se comunicacom somente por documentos... é como a mãe... que se comunica com... seu filho por cartas... NÃO sei se isso passou no Brasil... NÃO SEI... pelo sei que...em algum lugar da Argentina... que conheço... sim passou isso... E:: a falta de:: proximidade... de sacerdote...faltam sacerdotes ...então... se deixa o povo sem sacerDO::te... e ...então a gente busca tem a necessida::de do evangelho... Conta um sacerdote ...que... foi como um missionário... em uma cidade no Sul da Argentina... onde que quase vinte anos... que não teria sacerdo::te... evidentemente que... a gente vai buscar pastor... porque necessiTAvam escutar a palavra... de Deus... QUANdo ele foi... uma senho::ra... muito culta... disse a ele... TENHO raiva da igreja porque... nos abandonou...agora vou ao culto todos os domingos... para escutar o pastor... sequer foi quem nos alimentou nossa fé durante todo esse tempo...Essa falta dessa( proximidade)... igual... falamos disso...o sacerdote ouviu muito bem... escutou tudo... quando já se ia para saudá-la... ela disse... padre um momento... vem cá... o levou até um armár::io...abriu o armá::rio... e tem nele a imagem da VIRgem... e disse ao padre... eu tenho a escondida... para que o pastor não a veja... ESSA mulher... ia ao pastor ...e respeitava o pastor...o pastor falava de Deus... e ela aceitava... porque não teria... um ministro esse... NAS raízes da FÈ que a consagrou...ela A conservou escondidas ...num roupeiro... mas... estavam lá... ESSE fenômeno para mim... o mais sério...Este episódio... me...demonstra muitas vezes... é:: o drama... da fuga.. destamudan::ça... falta de proximidade...VOU repetir esta imagem ... A mãe faz assim (abraça) como o filho:: cuida...o beija... o acaricia e ...o alimenta... NÃO por correspondência...
- Gerson O Papa Bento dezesseis renunciou em fevereiro... num momento em

Camarotti

que...a cúria romana... um organismo que administra a igreja... era alvo de uma SÉRIE de escândalos... lavagem de Dinheiro no banco do Vaticano: no... o vazamento de documentos sigilosos... conhecidos como...PatiLix.. e no mundo havia também muitos casos de... pedofilia... envolvendo muitos países... ASSIM que assumiu ...o Papa Francisco iniciou uma série de mudanças... criou uma comissão para reformar a Curia... e alterou um código penal do Vaticano... para punir com mais rigor... os abusos sexuais contra crianças... crimes financeiros... e vazamentos de documentos...recentemente depois que o Papa nomeou uma comissão para fiscalizar o Banco do Vaticano...investigações sobre lavagem de dinheiro... levaram a prisão do Monsenhor Nunzio Scaram... acusados de levar VINTE milhões de Euros da Suíça para a Itália... em jatinho privado... Nesse trecho da entrevista eu pedi para que ele falasse especificamente dos escândalos que envolvem a cúria... Papa Francisco quando o senhor foi escolhido no conclave ... a cúria romana especificamente era alvo de... críticas...é: inclusive críticas internas... de vários cardeais... e o sentimento que eu percebi... pelo menos com os cardeais que eu conversei...i era um sentimento de mudança... esse sentimento está correto?

Papa

...Tenho razões...abrir... um parêntese... quando fui eleito... tinha ao meu lado ...meu amigo... o cardeal Hummes... porQUE em ordem de vida... cada...de cada... vicanaria... estava um atrás do outro... E... foi ele que me disse essa frase que... me faz tanto bem NÃO SE ESQUEÇA DOS POBRES ...é lindo... agora a cúria romana... para a cúria romana SEMpre foi criticada... mais ou menos... sempre...se presta a críticas... como tem que resolver muitas coisas... algumas coisas as pessoas gostam... outras não gostam...alguns transmitidos estão bem calçados...outros estão mal enfocados...mal calçados... como em toda Organização... eu diria isto:... a cúria romana... É... muito santos...cardeais santos... bispos santos...sacerdote... religiosa laico... santo... gente de Deus.. que ama a igreja... isso não se vê... faz mais ruído... uma árvore que cai... do que um bosque que cresce... se... escuta os ruídos... dos escândalos. agora estamos com um... escândalo de transferência de dez milhões de dólares ou vinte milhões de dólares de um monsenhor... bonito favor presta a igreja esse senhor... NÃO?... pena não conhecer-lo... que ele agiu MAL...e a igreja tem que dar a ele a sanção que ele merece... Agiu mal...se há casos desses tipos... no momento de:... conclave...antes temos o que chamamos ...congregações gerais... uma semana ...de reuniões... dos cardeais...E AÍ...se fala ...claramente dos problemas... todos...se fala de todos... porque estamos sozinho... e... para... saber...como está... a realidade e: traçar o perfil do próximo Papa...e: Ai saem problemas sérios...derivados... parte do que já conhecemos do vatileaks... e toda essa coisa, não... havia problemas de escândalos...sim não... pelos santos se ia tentando...não...esses homens...que... que... deram suas vidas pela igreja...de maneira silenciosa... no conselho apostólico... também se falou... de certas reformas funcionais que tinham que ser...Isso é verdade...e isso foi pedido ao novo papa... que tratar uma comissão de

fora... para estudar... os proble::mas de organização... da cúria romana...HÁ UM MES da minha eleição...eu nom::ei essa comissão... de oito cardeais...um de cada continente... para a América dois... um da américa do norte e outro da américa do sul...com uma coordenador que também é latino-americano... e ...um secretário que é italiano... E JÁ... chegaram muitos documentos... que esta comissões ...tem obtido ...e não passamos para os outros...teremos nossa primeira reunião oficial... nos dias um dois e três de outubro...E ai receberão uma pauta... eu só não creio que ...saia DAÍ uma coisa definiti::vaporque... a reforma da cúria... é.. muito séria... E... as propostas...e as propostas são muito sérias ...que tem que madurar... não... Calculo que... sejam necessarias outras reuniões mais...antes que se note alguma reforma... por outro lado... ai ...os teólogos dizem...não sei desde... a idade média...em latim, dizem ...QUE IGREJA SEMPRE REFORMA... que a igreja SEMpre tem que se reformar... senão seguir atrás... isto também não é só:: que... pelos escandalos dos valileaks... conhecidos por todo o mundo...SENãoporque... a igreja sempre precisa ser reformada... há coisa que serviam para século passado... há coisas que servia... para outras épocas... outros pontos de vista... e que agora não serve mais E QUE tem que reacomoda-la.. assim a igreja é diNÂMica... e responde ...as coisa da vida...não...e tudo isso se pediu nas reuniões dos cardeai...s prévias...

Gerson Camarotti Nesse momento o senhor che::ga quereria saber... da sua menSAGem ...aos jovens brasileiros que estão na jor::NADA mundial da juVENTude... sua mensagem no momento em que... os jovens... estão nas ruas... do Brasil protestando... demonstrando inSATisfação...infatisfação de uma forma muito ampla... EU queria saber... qual a menSAGem pra esses jovens?

Papa ...Em primeiro lugar....que... preciso ser muito claro ...que não conheço... os motivos dos protestos dos jovens...se... si...jo /...eu digo algo sim a respeito... ( )...porque na minha opinião sem conhecer...né... com toda franqueza que digo a você... eu conheço BEM ... o porque os jovens...protestam... ponto...SEGUNdo... que não proteste... porque... jovens deveriam saber de uma coisa ... e sem ofender... tem gente que busca.. a cada jovens... manipulando ...esta ilusão... este inconformismo que há... e depois arruinam a vida dos jovens...ENTão... CUIDado com a manipulação... dos jovens... jovens sempre querem ouvi-los ... cuidado...uma família... um pai... uma mãe... que não escutam filhos jovem ...o isolam... causam TRISTEZA geral na alma... e não sabe de seus desejos... na sequencia o papa abordou um assunto sobre o qual ele havia FALAdo no encontro com os fieis na Argentinos... na catedral metropolitana do Rio...na mesma quinta-feira... o dinheiro

Gerson Camarotti Este mundo... atual que estamos vivendo... havia caído ...na FERoz idolatria ao dinheiro ...e ...se DÀ... uma política mundial... mundial muito impREGnada... pelo protagonismo do dinheiro... Quem manda HOje é esse o dinheiro... isso significa... uma... politica mundial... tipo economicista... sem ética ...pelo controle... um economicismo autossuficiente... e que vai... aruinando ... a pertinencia social de acordo com essa ...conveniencia... Que acontece... então? QUANdo reina esse mundo... da feroz... idolatria... de dinheiro... se concentra muito no centro...e na ponta... das sociedade os

extremos... SÃO mal atendidos... SÃO descuidados e... SÃO desCARtavel... Até agora ...vimos claro... como... se descartam os anciões...certo... Há toda uma filosofia... para descartar os anciões... Não servem... não produzem... Os jovens tão pouco não produzem muito... porque é uma carga que tem que formar... agora estão vendo... que a outra ponta a dos jovens... estão em processo de descarte... alta porcentagem ...de desocupação ...do jovens na Europa é alarmante...NÓS encontramos um fenomeno... de jovens descartados ...ENTÃO reparar neste modelo politico mundial... descartamos... os extremos... CURIOsamente o que são promessas para o futuro... por que futuro ...quem nos vai dar... são os jovens por que seguirão adiante... e os filhos que tem que TRANSferir... o certo transvazamento de sabeDoria aos jovens... descartaram os dois... o MUNdo cai... hoje em dia... HA crianças que não tem o que comer... no mundo... crianças que morrem de fome... de subaalimentação (desnutrição)... basta ver as fotografias... de alguns lugares do mundo... Há enfermo que não tem acesso... a saúde.. há homens e mulheres que são mendigos de rua... e morrem de frio no inverno. Há ...CRIANÇas que não tem educação...tudo... isso... não é...notícia... BASTa três ou quatro pontos... da bolsa de alguma capital... e que grande catastrophe mundial...Entende? /Hum... Esse ser o drama deste HUMANismoDESUmano que estamos vivendo... por isso ai é preciso recuperar os extremos... as crianças ...e os jovens e nunca é... numa globalização... PELA indifeRENÇA... em dois extremos que são o futuro de um povo... Perdão... se eu fui/se falei demais...Pelo que.. aquilo eu vivi... meu ponto de vista... o que passa com os jovens aqui no Brasil não sei... Peço por favor ...que não manipulem ...escutem los... e que é um fenomeno mundial... MUITo mais alem do Brasil.

Gerson  
Camarotti

Papa FRancisco ...hum...hum queria... talvez essa ultima pergunta... eh:...Qual MENsagem o que o senhor falaria... para os brasileiros caTÓlicos mas...também para os BRASileiros que não são católicos, ou seja, de outras religiões...

Papa

creio que fomenta uma cultura do encontro.. em todo o mundo.. em todo o mundo... se é que cada UM... sinta a necessidade... de dar... para a humanidade... os valores éticos... que necessitam da humanidade... e defender... ESTA... realidade humana ...e NESSE aspecto... creio que fosse importante ....que todos... trabalhe::mos ...pelos demais... podar o egoismo... UM trabalho:: pelos demais, segundo os valores da propria fé... cada um ...de acordo com confissão/RELIGIÃO... quem tem na sua crença... segundo valores da sua própria fé... trabalhar pelo os demais ...e:: nos encontrarmos toDOS:: para tabalhar pelos demais... Se há uma criança que tem fome.. que não tem educação.. o que nos devem interessar... que deixem ter fome e que tenha educação...SE essa educação virá dos católicos... dos protestantes... dos ortodoxos ...ou dos judeus... A mim não me interessa... a MIM..me interessar..é:: que ... eduquem e quitem a fome... ISSO que temos que ter um acordo...Hoje dia há uma urGÊNcia tal... que não podemos brigar entre nós... a custa do sofrimeto dos demais... Primeiro trabalhar pelo próximo... depois converSAR entre nós... com muita altura... dando razão de ...muita fé de cada um... buscan::do entender ...nos,certo?... mas... sobre tudo hoje em dia ...urge a proximidade...A SAÍDA de si mesmo...para solucionar os tremendos problemas mundiais que há...CREIO que nas religiões ... confissão ..( )...não podem... dormir tranquilo... se uma

única criança que morra de fome... uma só criança sem educação... um só jovem ou ancião... sem atendimento médico... mas o trabalho das religiões... das confissões não é beneficência... É QUE É... verdade... mas pela menos fé católica.. em muitas fé cristãs... vamos ser julgados ...por essas obras de misericórdia...

GrsonCamarotti Muito obrigado Papa Francisco... muito obrigado  
Papa Eu que agradeço voce ...pela gentileza

## **2 Entrevista completa do Pastor Silas Malafaia no Programa Frente a Frente com Gabi**

Entrevista concedida 3 de fevereiro de 2013, pelo pastor Silas Malafaia, para a apresentadora Marília Gabriela, no programa “De frente com Gabi”, veiculado pelo SBT. Ele foi ao programa para falar sobre a reportagem feita pela Forbes, divulgando que seria um dos pastores mais ricos do Brasil e outras questões tão polêmica quanto (aborto, homossexualismo).

### **PRIMEIRO BLOCO**

Marília Gabriela To de frente hoje com o pastor evangélico um dos mais conhecidos e polêmico do Brasil, Silas Malafaia carioca de nascimento..., mas abraçou uma fé que ultrapassa fronteiras... Malafaia tem o dom da palavra, poder que ele exerce quase trinta anos em programas de televisão transmitidos aqui... nos Estados Unidos.. Europa ...e ÁFRICA... líder da igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo... e combativamente a homossexualidade e o aborto... Silas trouxe esses temas para as últimas campanhas eleitorais... o que lhe rendeu alguns processos e muita publicidade recentemente ele foi citado pela revista americana Forbes como um dos pastores mais ricos do Brasil... não deixou por menos e disse que vai fazer a Forbes. Pastor antes de mais nada...(risos) muito obrigada pela presença aqui nos nossos estúdios

Silas Malafaia eu que agradeço

Marília Gabriela vamos começa... pelo assunto mais atual... pela Forbes

Silas Malafaia sim

Marília Gabriela que a mais recente revista publicou... que o senhor está em terceiro lugar entre os pastores evangélicos mais ricos do Brasil com uma fortuna pessoal avaliada em cento e cinquenta milhões de dólares que dá em números brasileiros trezentos milhões de reais e o senhor contestou essa informação?

Silas Malafaia sim...É:: deixa eu ti fala Gabi... é:: safado, sem vergo::nha, bandido..caluniador tem em tudo que é lugar pastor...padre... jornalista em tudo que é lugar...quando a For::bes faz uma declaração dessa... não é uma declaração::zinha qual::quer...eu vivo de que... eu... vi::vo... DE::que pessoas que acreditem em mim.. pra darem a ofer::ta..na verDAde sou um pouco diferente de outros PAstores... as ofertas que eu recebo é mais de gente que não é da minha igreja eu sou pastor de igreja dois anos e meio...ENTão...há trinta anos sou conferencista e tenho programa de TV e... reCE::bo verbas de pessoas que não me conhecessem de perto... oitenta po::r cento são evangélicos e vinte por cento é gente de tudo que é religião então quando eles falam isso.. o que que subentende o ser humano.. é um ser inteliGEN..te que RACIOcina que pen(sa) peraí esse cara que tem trezentos milhões tá roubando de gen::te

Marília (... ) Não

Gabriela

Silas

Malafaia

Tá metendo a mão::... mama... eu::eu.. guardo seu... desculpa eu sou muito franco esse cara tá com essa grana é porque tá metendo a mão em alguma coisa aí vamo lá onde é que tá a mentira e a SAFAdeza, primeiro... na minha declaração do imposto de renda... eu vou fazer porque você tem CREdibilidadeto sendo honesto... se eu tivesse outro programa... o outro jornalista... MAS como você é uma uma jornalista de muita credibilidade... en::tão exCLU sivamen::te aqui... pra você aqui e no meu de TV porque eu num devo NAdanum tenho nada a TEMer eu tenho aqui o espelho do meu imposto de renda tá aqui coisa SIGI::losa que ninguém dá... que ninguém abre... eu to aqui com ele... MEU imposto de renda você pode olhar o final::... onde diz sobre o patrimônio que eu tenho é quatro milhões de reais... NESSES quatro milhões de reais tem dois milhões do capital da editora central gospel que voce é obrigado a declara... né... o capital quando você abre uma emPREsa qual o capital dessa empresa...então isso entra no imposto de renda... então... eu tenho uma casa... seis apartamentos...três meus filhos moram... três eu comprei em comoDATO de construção que faltam trinta prestações em Vila Velha... que é de um construtor evangélico... eu tenho um apartamento em Boca Raton... que tá na declaração de bens do banco CENTRAL ...ela tá aqui... comprei por... cento e quarenta mil dólares para paga em trinta ANOS se eu pega esse patrimônioatuALIZADOpoRque você na declaração do imposto de renda você põe do dia que você comprou... mas se eu pega isso e ATUALIZA... o valor que vale a minha ca::sa.. que aqui tá oitocentos mil porque foi por quanto EU comprei Eu vou ter aqui... de patrimônio ATUALIZADO de valores de hoje quatro milhões e meio...OK... aqui tem quatro milhões porque tem dois... milhões dá.... dá minha PARTicipação da minha empresa... então se eu tira isso e atualiza então o que a Forbes está falando primeiro é mentira... o jornalista... o correspon/acho que vai perder o emprego porque eu vou processar a Forbes nos Estados Unidos... eu não vou processar aqui... aqui não tem graça...EU vou fazer doer LÁ...

por::que eu acho uma safar::deza... você denegri porque se eu tivesse eu também diria porque há vinte e cinco anos eu não tenho salário de pastor... eu sou pastor há trinta anos...tive salário por cinco anos... não que seja pecado/errado é bíblico... a bíblia fala até que o pastor tem que ganha muito bem...pela bíblia...que tem que ser muito bem tratado...MAS HÁ vin::te e cin::co anos eu não tenho salário de pastor...há vinte e cinco anos eu vivo de que como conferencista...eu talvez seja o pastor que mais oferta ganha quando prega fora porque to na televisão porque essa coisa toda por minha própria escolha... para você ter uma ideia nos últimos cinco anos eu vendi mais de um milhão de livros meus por anos ...mais de um milhão eu sou o pastor que mais vendo livro... sou o pastor que mais vendo palestra em DVD... e em CD...então eu não posso aceita que uns cara me acusam de uma coisa... com um objetivo que esse...é o objetivo que é colocar um bloqueio na sociedade... que tudo que é pastor... o que ele tem é...ou foi...ou foi... roubado dos fiéis que é um bando de... desculpa a expressão de otário...certo...então...eu fiquei nervoso com esse negócio...

- Marília ...eu vou contestar um pouco...a revista Forbes é uma revista que trata  
Gabriela basicamente de fortunas... não é no::vo associado a:...a... religião... todas as religiões...digamos... não to isentando a católica...as religiões são associados a fortunas...no caso da evangélicas...associados ao dizimo pagos pelos fiéis... e... aí levanta-se ...outras questões... tem ...sempre...tem sempre esse mistério... do dinheiro em torno da religião evangélica....que vem do dizimo...etc e tal que...sustenta as igreja
- Silas [ O católico  
Malafaia
- Marília tamBÉM vive do dizimo  
Gabriela é::...também... tô dizendo não é estranho...não é obrigatório  
Silas [ não é obrigatório  
Malafaia
- Marília mas tem...não é ... esse interesse por essas fortunas eh... e que aparecem  
Gabriela eh... nas pessoas associadas a religião porque... não seria do interesse da Forbes...ela trata disso de outras fortunas...ela trata de fortunas de muita gente...ela cita o Eike como... o Eike Batista...cita todo mundo...porque ela não citaria os...os brasileiros associados a religião e mais... eles...ah...ah...a revista se defendeu citando fontes...ela disse ministério...público...
- Silas [ mentira  
Malafaia
- Marília ...polícia federal  
Gabriela [ mentira  
Silas  
Malafaia
- Marília ...e imprensa  
Gabriela

Silas [ ]  
 Malafaia mentira primeiro/nunca ...não tem um dado na imprensa seja jornais ou revista não tem um dado...um dado pra ele declarar que eu tenho trezentos milhões... dois...a policia federal e o ministério público federal que são instituições...de muita CREDibilidade...legal::mente...eles não tem a autoridade de falar nada de ninguém...se eu tenho um órgão receita federal e::que pra falar do que eu tenho...um juiz autoriza...que sigilo fiscal...sigilo de patrimônio ...sigilos bancários...só um juiz pode quebrar...então digo/prá você a Forbes pode fala da fortunas de qualquer um...MAS fale dos que tem...quando ele diz que eu tenho trezentos milhões de reais...O QUE...que a pessoa vai associa...o ser humano...o cérebro humano...o ser humano...é um ser que diferencia dos animais...porque que ele tem inteligência...e percepção...ele faz associações...ENTÃO... ele diz assim...pô... esse malandro aí...esse vagabundo aí...tem trezentos milhões porque roubou os fiéis...ENTÃO essa é a ide::ia... e eu não vou recebe fama daquilo que eu não tenho...por::que pra um milionário Gabi...pro/pro empresário...saiu eu estou entre...os cem mais ricos do mundo...isso dá até credito pro cara...os bancos...pô esse cara aqui tem/entre os milionários...pra mim é ao contrário o...efeito...é...negativo..

Marília [ ]  
 Gabriela . ...mas... oh...oh...pastor você não devia estar fazendo esse tipo ...de ...não defesa da teo/teologia da prosperidade

Silas [ ]  
 Malafaia não é diferente aí vem cá...que te disse...existe uma coisa...existe o BESteinol da teologia da prosperidade e existe a teologia da prosperidade...da bíblia...

Marília [ ]  
 Gabriela então.explica...

Silas besteirol da teoria da prosperidade... OLHA vem pra Deus que vo::cê vai  
 Malafaia ficar rico...vem pra DEus que se você...que vo::cê tem um emprego... vo::cê vai ser patrão...venha pra Deus que você vai ter um monte de casa...então isso é o besteirol da teologia da prosperidade...agora prosperidade tem em toda a bíblia...e o cerne...da prosperidade...se diga bem...pastor uma coisa que a bíblia mo::stra... que a pessoa pode ser próspera...ou..então o que faz uma pessoa ser próspera a luz da bíblia...a bíblia diz... que prosperidade...é obedecer as leis de Deus...Tem um salmo...que é o salmo cento e doze que diz assim ..."bem aventurado o homem em que teme ao senhor e que obedece ao senhor e seus mandamentos (hum) a sua geração será poderosa a sua descendência será grande na Terra fazenda e riqueza haverá na sua casa e a tua descendência permanece para sempre"... o salmo primeiro...é um salmo muito lindo... que diz..."aquele que medita dia e noite na lei do Senhor" olha como diz o salmo é muito interessante/é muito interessante é::... como árvore plantada juntos a ribeiros... que dá o seu fruto... na estação

própria...cujas as folhas não caem... e TU-DO quanto fizer prosperara...EU sou favor da prosperidade... eu PREGO prosperidade...não prego besteiro!...porque prosperidade não é só finanças...prosperidade envolve bem estar...prosperidade é você viver bem tem um monte de coisa junto

Marília  
Gabriela

[  
a minha pergunta é::...os seus fiéis...os mais simples...eu sei todo mundo sabe que tem fiéis que são poderoso

Silas  
Malafaia

[  
Todos os níveis sociais eu tenho

Silas  
Malafaia

[  
...que fazem doações poderosas...e sabem o que estão fazendo...e querem fazer isso...e podem fazer isso...AGORA quando...você fala/EU/eu... às vezes eu misturo...você...com::o::senhor

Silas  
Malafaia  
Marília  
Gabriela

[  
VO-CÊpe-loa-mor de Je-sus

[  
Tá bom

Silas  
Malafaia

... quando você FA-LA de::ssa...quando você...é ...divaga...em cima dessa teoria da prosperida::de...VOCê de alguma...maneira não...leva...o povo...o fiel...a crer... que dando o dízimo a vida dele vai melhora?

...bem deixa eu te dizer...não sou eu que digo isso...é a bíblia(sim mas)...eu não digo..como qualquer coisa na vida...como qualquer...ideologia ...ou re::ligião...você/os comunistas com a ideologia ateísta ele crêem naquilo...OK quando você crê...existe um conjunto de crenças e de valores que estão arraigados ali(humhum)...então quando eu digo pro meu fiel que... ele vai dar dízimo e oferta pra ser rico...eu tô falando uma MENTira...mas AGORA...quando eu digo meu fiel que ele tá dando oferta e dízimo porque Deus vai abençoá-lo é uma verdade(hum) porque é isso que a bíblia aponta...EU NÃO posso declara...nunca declarei isso...não sou tolo...EU tenho um certo conhecimento...Eu tenho uma certa formação teológica/e vem junto uma família...muito tradicional de formação teológica...meus pais são pioneiros no ensino teológico (eu sei)...e::...também...gente é::da área

Marília  
Gabriela

...você além do mais é:: é:: formado em psicologia

Silas  
Malafaia

....sou psicólogo.... então deixa eu fala... se eu chega pro meu fiel...minha gente da aqui o seu dízimo sua oferta que você vai fica rico....isso é uma afronta...Agora quando eu digo pra ele se você for fiel naquilo que a bíblia diz ... Deus vai te abençoA...porque ai...eu digo assim

Marília  
Gabriela  
Silas  
Malafais

[  
e aí... num tá::...  
[  
num tá, eu te explico porque

- [  
 Marília , passando um ideia de:: que os seus desejos serão satisfeitos  
 Gabriela [ ]  
 Silas não... não escuta bem...a...a...prosperidade...  
 Malafaia ]
- Silas ...é isso que digo...é Gabi...prosperidade...se um pastor falar que  
 Malafaia prosperidade é só dinheiro...ela tá incorrendo num...erro gravíssimo...prosperidade... eu brinco a igreja sabe o que é prosperidade bem simples...em tese...você tá aqui e ganha mil reais o cara da direita ganha cinco mil reais...o da esquerda ganha quatro mil...e você vive melhor do que eles...você tem paz na sua casa...você tem alegria de viver...você tem bem estar...você tem...coisa emocional aqui...equilíbrio emocional...você não deve a agiota....ganhando menos do que ele...isso é prosperidade...
- Marília [ ]  
 Gabriela sim eu sei....mas agora vamos  
 Silas [ ]  
 Malafaia isso é prosperidade tem quem ensina o povo a isso...
- Marília ... agora vamos ser honesto.(sim) ..honestíssimo...o dizimo (hum)...esse  
 Gabriela dizimo de cada fiel..dito....repetido...repetido...sustenta e muito...bem...as igrejas evangélicas...como também sustenta/e já sustentou melhor igreja católica...mas sustenta...ENTÃO...vamos dizer...que:: essa hã...essa prosperidade chega ma::is para a igreja(risos) do que propriamente para o seu fiel (ai)...vamos dizer... EU ACHO...até um pouco herético...uma heresia...porque parece a afinal que Deus protege mais a igreja do que o fiel dela...
- Silas ...existe aí um engano... e esse é o engano...redondo de muitos...EU vou  
 Malafia fala de uma igreja que não tenho nada ver com ela...OK...eu tenho muitas discordância... vou usa outra que vai fica mais fácil...que todo mundo percebe... VOCê acha que o...cara que é membro da Universal...tá dando oferta e dizimo...APENAS porque ... um cara muito inteligente e malandro...espetacular...fantástico...fenomenal...consegue persuadir para que durante dez..quinze...vinte...anos o cara dá dizimo...da oferta especiais...e não tem nada de beneficio... DEUS...trabalha com a lei de recompensa...o apóstolo Paulo diz uma coisa linda...ele diz assim olha..."uma coisa eu faço...eu deixo as coisas que para trás ficam e eu prossigo para as que estão na minha frente pelo prêmio"... você sabe que DEUS...ele fala de uma lei de recompensa o tempo todo o ser humano
- Marília [ ]  
 Gabriela qual é a recompensa? é o reino do céu  
 Silas ...a recompensa eu mostro pra você e você pode ir a qualquer igreja....esse  
 malafaia é o engano de muita gente...você pode ir em qualquer igeja EU...de-sa-fi-oimpresa pode ir comigo  
 [ ]

Marília o...o...Silas  
 Gabriela [  
 Silas querida desafio  
 Malafaia

Marília ...muita gente...já ...já reclamou e já deu declarações já deu matéria  
 Gabriela dizendo que perdeu tudo...

Silas ...você pega de um universo...peraí...vamos pra lei da  
 Malafaia probabilidade...então...você tem um grupo...assim que se faz as pesquisas...você tem um grupo de mil pessoas...onde...trinta por cento...não vou ser mais...trinta por cento abandonou a fé... reclamou que perdeu tudo...AGora você tem um grupo...de mil pessoas onde um ou dois estão reclamando... esse grupo...o Gabriela...não é pastores...não somos nós...não mudo vida de ninguém...eu não transformo ninguém...A VERdade é que Deus transforma...tá interessado no bem estar do homem...então o que eu digo pra você o seguinte vai lá:: no po::vo...como é que uma pessoas Marilia Gabriela...fica trinta anos numa igreja...quarenta anos numa igreja...dando oferta e dizimo e não tem benefício nenhum...é uma imbecil idiota

Marília ...não...não  
 Gabriela os maiores beneficiários são as pessoas  
 Silas  
 Malafaia [  
 EU ACHO que encontram um conforto...um tipo de conforto

Marília [  
 Gabriela não....não...encontra MUItoma::is  
 Silas  
 Malafaia

Marília um conforto um estímulo MAS...o o Silas você...fala que alguém não vai  
 Gabriela fica numa igreja por uma pessoa...eu garanto pra você que... quem nos está nos vendo aqui tá achando muito mais interessante você muito mais interessante do que eu...QUE existe...uma ca-pa-ci-da-de...de liderança...uma maneira de se expressa...te faz um líder...

Silas ...mas você não consegue segurar uma pessoa trinta...quarenta anos  
 Malafaia dando dinheiro...você até consegue isso para te seguir...mas o cara dando bens...agora o que que acontece...vamos lá quais são os graves problemas da sociedade...drogas...é um grande problema...correto...um grave problema...abismo que nem eles sabem o que vão fazer...tá...a bebida...um em cada quatro jovem

[  
 é droga

Marília [  
 Gabriela [  
 Silas ...eu quis separa bebida...bebida é uma droga diferenciada...né...muito  
 Malafaia difrenciada...  
 Marília [  
 Gabriela que é legal

Silas ...que é legal...então você tem...as drogas não licenciada...boa a tua ajuda... e tem as drogas legal...problema...quais são os problemas...desarranjo familiar...minha filha...a igre::ja trabalha pra recupera essas pessoas sem o estado dá um real...no/no de graça pro Estado...então o cara...Gabi...nós temos essa experiência...o cara tem um único filho...eu daria tudo o que eu tenho pra tira esse cara da cocaína...eu daria tudo que eu tenho pra tira esse cara do crack...eu daria tudo pra tira meu marido da bebida...aí vai pra igreja...o filho volta...é restaurado...quanto vale isso...é ele ...aí você vai pergunta a ele assim eu fui beneficiado...se eu der o dinheiro todo que eu ganho não paga...não é o que o pastor fez...eu num gosto desse negócio de pastor...pastor é apenas um condutor...mas o que Deus faz na vida das pessoas...eu num faço nada Gabi...eu creio num Deus que faz...

Marília [ o Silas agora vou terminar esse  
Gabriela bloco...mas você anda de avião

Silas [ sim  
Malafaia

Marília ...você é de uma igreja que tem avião próprio você citou um apartamento  
Gabriela da...da... nos Estados Unidos

Silas [ sim  
Malafaia

Marília ...e. em outra matéria que eu li sua você dizia alguns apartamentos a pagar  
Gabriela em trinta anos....

Silas ....um apartamento e esse que eu te informei  
Malafaia

Marília ....(...) você disse honroso...mas não importa...eu tô querendo dizer não tô  
Gabriela dizendo que você não mereça você fez uma coisa convincente...MAS...o que eu tô querendo dizer se não é herético...por imaginar que você foi mais favorecido..do que quem tá esperando...também

Silas ... você num conhece se as ovelhas e os membros das igrejas o que  
Malafaia aconteceu na vida deles...você não tem ideia disso

Marília vamos lá...tô chegando ao fim do primeiro bloco tô de frente com o pastor  
Gabriela Silas Malafaia...e a conversa tá apenas começando...eu já sabia que VINHA BOMBA pela frente ele é forte..nós voltamos em seguida...até já.

## SEGUNDO BLOCO

Marília ..De volta e de frente com o pastor Silas Malafaia...agora vem  
Gabriela bomba...vamos lá...ô pastor...ô Silas...no discurso...de posse do segundo manDAta...o presidente americano Barak Obama disse textualmente...

nossa jornada não estará completa até que... nossos irmãos e irmãs GAYS sejam tratados como qualquer pessoa... na sua igreja ele não teria sido reeleito?

Silas ...na minha igreja não...ele não teria sido reeleito...deixa eu fala sobre essa  
Malafia questão...de homossexualismo

[  
Marília DADE/homossexualidade  
Gabriela

Silas ...hossexualIDADE....isso obrigado deixa eu te fala uma coisa...primeiro...  
Malafia ninguém nasce gay...hossexualismo é um comportamento eu vou fazer uma defesa

Marilia [  
Gabriela é contestável  
Silas ENTão... vamos lá

Malafaia  
Marília ...é contestável  
Gabriela

Silas ....é contestável eu mando vim na genética quem pode dizer se nasce gay  
Malafaia ou não...não é a psicologia...é a genética...a ciência que pode dizer/é igual o aborto...quem é que pode onde começa a vida...a biologia...então(...) é na ciência

Marília ...você sabe que nas últimas pesquisas estavam mapeando o cérebro  
Gabriela

Silas ...não deu...num deu nada...olha aqui...deixa eu te fala...deixa eu fala uma  
malafaia coisa pra você que é muito interessante...ninguém nasce gay...não existe ordem cromossômica homossexual...não existe gen homossexual...existem ordem cromossômica de macho e de fêmea...então vou fazer uma definição de homossexualismo...um homem e uma mulher...homossexualidade posso fala homossexualismo ou homossexualidade

Marília ...é que homossexualismo caracteriza doença  
Gabriela

Silas ...não...não vejo como doença...eu não vejo...vejo como um  
Malafaia comportamento ...nada de doença...então a homossexualidade um homem e uma mulher por DETERmina::ção genética e homossexual por preferência não imposta...vamo partir para a pesquisa quarenta e seis por cento...do homossexuais foram violados...violentados...quando criança ou adolescente como é que alguém nasce...quarenta e seis por cento...cinquenta e quatro por cento escolheram ser...então primeiro homossexualismo é comportamento...então vamo pra genética gêmeos iguais tô falando de genética...gêmeos iguais do mesmo embrião que se divide tá...é chamado geneticamente iguais é homozigóticos são os gêmeos iguais... então o que será que tem que acontecer...se um gêmeo é hetero o outro gêmeo teria que ser hetero...se um gêmeo é

homossexual/se um gêmeo é homossexual o outro teria que ser então...vamo lá... trinta e cinco por cento dos gêmeos que são homossexuais o outro...sessenta e cinco por cento são heteros então....como é que são iguais...como é que nasce(peraí) eu tô falando de nasce/nasce homossexual eu to falando de genética (tá bom)nao tem uma fonte na genética...não tem U::MA fonte...ahhh traços psíquicos não sei que... então vamo lá quarenta e seis por cento passaram a ser homossexuais (a partir)...eles não falam....o dia em que eu falei isso (peraí) a partir do dia (então vamos lá) que foram violados o violentados

Marília ... então você já tá dando outro dado  
 Gabriela  
 Silas ...é eu to dando um dado  
 Malafia  
 Marília ...no geral violentados por quem?  
 Gabriela  
 Silas ....não...por parentes...violentados por vizinhos  
 Malafaia [
   
homossexuais

Silas não/não  
 Malafaia  
 Marília HAM  
 Gabriela  
 Silas ser heterossexuais  
 Malafaia  
 Marília ...então vamo lá...  
 Gabriela  
 Silas ...então... nascer é o seguinte eu vim a esse mundo e tenho essa vontade  
 Malafaia [
   
mas

Marília ...porque que animais...e nós somos mais um na natureza...porque que  
 Gabriela animais PRA TI CAM sexo com  
 [

Silas não nascem homossexuais  
 Malafai

Marília ...praticam sexo... com... muitos animais com ham...animais ham... da  
 Gabriela mesma/do mesmo sexo... e não são perturbados na outra sexualidade

Silas não é::e:: não é.. os animais...não são considerados uma prática  
 Malafaia homossexuais  
 [

Marília venha cá/venha cá  
 Gabriela  
 Silas olha a pergunta que você me fez...olha a pergunta...eu disse aqui mais ou

Malafaia menos assim eu disse assim...ninguém nasce homossexual...a minha resposta aqui pra você...

Marília [ ]  
Gabriela eu disse que é contestável

Silas ... é...você diz que é contestável...contestável eu digo que tem argumento  
Malafaia a ciência... o que que é ciência... tem que ter observação...porque a evolução é teoria...porque você não pode comprová-la na observação

[ ]  
Marília agora não...não essa conversa não vai terminar nunca...eu  
Gabriela quero saber qual é a tua questão quanto a homossexualidade

Silas então vamos lá... eu vou responder qual é a questão...a minha questão é  
Malafaia que aqui no Brasil, a minha questão aqui no Brasil é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade

[ ]  
Marília quais são os direitos?  
Gabriela

Silas os direitos então eu vou dizer pra você  
Malafaia [ ]  
serem respeitados

Marília [ ]  
Gabriela [ ]  
não não nada disso

Silas [ ]  
Malafaia [ ]  
de respeitar de não serem mortos, agredidos

Marília [ ]  
Gabriela [ ]  
não, não

Silas  
Malafaia não/não na/nada disso...vamo lá..ta falando de morte... quando eles falam de números acho que ninguém deve morrer, eu não quero que ninguém morra de nada... mas quando eles utilizam de números é totalmente contra eles...vou nessa de números já já. Vamo aqui. O que é que eles querem na PLC um dois dois, número um lá... no artigo vinte parágrafo quinto, tá dizendo o seguinte: que se o homossexual sofrer... constrangimento vexatório... de ordem... ética... moral/filosófica...tá lá... então ok. três a cinco anos de cadeia/ então vamos para a constituição... artigo quinto inciso oito, ninguém... será privado por convicção filosófica. ..religiosas... e políticas, então, quer dizer... o que que é... o que é?

Marília [ ]  
Gabriela no caso deles... è que eles estão querendo ser tratados como o senhor

[ ]

Silas não/não

Malafaia

Marília como os outros

Gabriela

Silas :o que é constrangimento filosófico...o que é constrangimento filosófico

Malafaia que define isso... significa o que se eu olha pra cara homossexual...uma hora você está me constrangendo filosoficamente...que é que é isso? Que papo é esse...outra...perai um instantinho::...outra o::artigo oito da

Marília [

Gabriela tá exagerando

Silas ...é o que tá lá...o artigo oito é o que tá lá parágrafo quinto

Malafaia [

Marília você tá lá

Gabriela

Silas você quer que eu leia

Malafaia

Marília essa interpretação que você ta dando

Gabriela [

Silas

Malafaia interpretação que

Marília [

Gabriela o meu medo é o que você fala com toda propriedade...e convicção possa...como você disse não tenho nada contra os homossexuais...você já disse mais de uma vez não tenho nada...não quero que eles sofram violência

Silas [

Malafaia claro...nenhuma

Marília mas acontece que nem todas as pessoas tem a formação que você tem, ou

Gabriela tem um tipo de disposição esclarecida...você vai falando com essa convicção e desta forma e com essa sua interpretação pode eventualmente tá influenciando pessoas que...vão sim...praticar violência contra homossexual?

Silas ...aí sim minha filha...aí desculpa...vamos cortar programas de televisão,

Malafaia novelas, filmes que tem ação...que vai influenciar alguém a matar...aí a sociedade para...então...a televisão vai ter que parar agora...vai ficar só a marília Gabriela...porque tem entrevista...cara que mata não pode mais assistir TV

Marília [

Gabriela você quer,você...você que/você acha que os homossexuais que pagam impostos, trabalham (...)não tem direito? os mesmos direitos?

Silas que direitos...eles tem se eu tomar um tapa na cara é igual em

Malafaia homossexual tomar um tapa na cara...se alguém me xingar...a lei tá igualzinha se alguém xingar...não tem disso...

Marília [ ]  
 Gabriela não tem sido dessa maneira [ ]  
 Silas se não tem sido  
 Malafaia

Marília não tem sido...se tivesse sido até agora eles não estariam atrás de uma lei  
 Gabriela que os protegesse  
 [ ]  
 Silas querida  
 Malafaia

Silas eu fui ofendido com a suástica na reunião da comissão de cidadania,  
 Malafaia botaram o meu nome com a suástica que é crime no Brasil...eles querem uma lei pra atacar...xingar... atingirem quem eles querem e estar protegidos acima de todos...uma vírgula pra eles...então eles estão atrás apenas de uma...você quer outra...a linha b do artigo oito da PLC um dois dois...ninguém pode impedir a afetividade de um homossexual...transgênico...bissexuais...esse direito será dado aos demais cidadãos...quer dizer...a preferência passou a ser deles...então agora eu vou pro campo da realidade...o lugar no culto é protegido pela constituição...tá certo...no culto...lá dentro do culto ninguém entra...ninguém faz bagunça...porque vai dançar...o pátio da igreja não...então o que significa...se esta lei for aprovada? se no pátio da minha igreja tiver um casal de homossexual se beijando...e eu botar fora três a cinco anos de cadeia...o que que eu vou dar esse mole pra eles...ONDE? NUNCA...  
 [ ]  
 venha cá

Marília o...seus...os seus fieis imagino...e entre eles deve haver homossexuais  
 Gabriela  
 Silas que foram... ou estão buscando sair  
 Malafaia

Marília ...mas existem  
 Gabriela  
 Silas estão busCANdo SAIR  
 Malafaia

Marília entre os pastores TAMBém?  
 Gabriela  
 Silas se houver...  
 Malafaia

Marília pela lei da probabilidade  
 Gabriela  
 Silas olha se tiver pastor homossexual...deixa eu falar...na  
 Malafaia bíblia...adultério...homossexualismo...prostituição...o cara é passível de ser excluído daquela congregação...então...se um pastor tiver um caso com uma mulher...ele perde o cargo de pastor...se um tiver um caso de

homossexualismo...ele perde o cargo de pastor...e se um pastor for solteiro e tiver uma relação sexual com qualquer uma vai perder o cargo...então...a bíblia trata do mesmo nível

Marília ...algum do fiel seu homossexual chegou a conversar com você sobre esse assunto? ou não existe... sequer conversa a esse respeito?  
Gabriela

Silas O QUE::? claro...pede socorro...olha a igreja tá lotada de gente clamando por SOCORRO  
Malafaia

Marília você como psicólogo...chegou a conclusão de que o homossexual deve e pode ser realmente reorientado?  
Gabriela

Silas eu::eu::olha eu vou pedir...eu vou pedir desculpa pela minha ousadia de falar com você...um dia Gabi traga aqui Joide...é um pastor que foi travesti na Europa ...tá casado há 12 anos... eu tô falando é uma coisa... que você tem que ver, ele tem foto como travesti...bonitão...peitão...coxão..ba...ba...ba..ele tem as fotos..ouça alguém que foi reorientado...a igreja...ele era travesti  
Malafaia

Marília VOCÊ aceita que ele podia ser um bissexual?

Gabriela

Silas NÃO::...conversa com ele pra você vê

Malafaia

Marília não...eu to perguntando...você aceita que ele podia ser bissexual?

Gabriela

Silas ele pode ser bissexual...

Malafaia

Marília AGORA....

Gabriela

Silas vai botar trezentos e oitenta de peito..vai botar bumbum coxa e ser bissexual  
Malafaia

Marília olha:: AQUI...agora...aqui venha cá virou... num virou... depois casou e tudo  
Gabriela

Silas casou...

Malafaia

Marília agora vou fazer uma pergunta pra você...você não acha outra vez...eu acho.. um pouco herético que...é... criatura de DEUS...digamos...sejam julgadas em nome de Deus... que autoridade...que autorização deu ELE... pra... qualquer ser humano ficar julgando o outro nesse nível?  
Gabriela

Silas primeiro a autoridade não é pra julgar a pessoa...a autoridade da bíblia é pra condenar pecado...e eu vou dizer uma coisa pra você...você sabia que  
Malafaia

Jesus falou mais sobre o inferno do que sobre o céu nos evangelhos...Jesus... falou mais mais...porque Jesus falou mais porque falou mais sobre o inferno do que sobre o céu...pra mostrar o perigo...pra ele e pra quem vai pra lá...então...a bíblia define o que é pecado...eu não estou pra acusar a ou b ou c...mas estou aqui pra condenar o pecado então... na minha visão...ok... na minha crença e valores... da minha visão espiritual...do que eu creio na bíblia...a homossexualidade...o adultério e a prostituição... são pecados claríssimos a luz da vida

Marília então...um casamento pra você que não der certo pra você... também::  
Gabriela tem que continuar lá pra sempre?

Silas não...não

Malafaia

Marília a pessoa não pode se separar e fazer outra família e viver com outra  
Gabriela pessoa?

Silas PODE...PODE a bíblia dá

Malafaia

Marília essa interpretação é muito fortuita...quando você diz assim ...eu estou  
Gabriela aqui pra defender a família...

Silas NÃO...NÃO...na minha igreja há vários divorciados

Malafaia

Marília mas quando você diz assim...eu to aqui pra defender a família eu quero  
Gabriela saber que família é essa? que conceito de família é esse que desde a época de Cristo não foi revisto

Silas que conceito de família... toda história da civilização humana...toda  
Malafaia história...o que eu to te falando é antropológico...sociológico (hã)... e teológico...toda história da civilização humana está sustentada um homem... uma mulher...e sua prole...

Marília você tá passando pela Grécia antiga...também aí

Gabriela

Silas : minha filha eu tô falando da história... é isso...se tinha homossexuais que  
Malafaia tinha...a história...a história da humanidade...é isso aqui...na faculdade...eu acho uma graça...

Marília ...você sabe tinha homossexuais sempre

Gabriela

Silas em todos os tempos desde que homem na época de Noé...quando  
Malafaia Deus...quando Deus mandou o dilúvio... a desaprovação moral era de altíssimo grau...eu ...eu...deixa eu dizer uma coisa Gabi...o que muda é a tecnologia...o homem é a mesma coisa...com suas loucuras... com seus desejos...é mesma coisa...o que muda é a tecnologia o ser humano é a mesma coisa

- Marília [ ]  
 Gabriela MAS porquê?
- Silas então presta atenção...a bíblia eu to falando de bíblia.. do que eu creio...eu  
 Malafaia to falando daquilo do que eu creio...e do que bíblia fala...A BIBLIA...é um  
 livro...pra quem quer crer ou quem não quer crer...é um direito de cada  
 um...à medida que eu sigo aquele livro...certo...que eu creio que é a  
 palavra de Deus... porque é a única fonte de conhecimento... filosófico...  
 teológico...científico...e vulgar...não tem outro livro no mundo que tenha  
 essas quatro fontes de conhecimento...só a bíblia...certo...nenhuma  
 verdade da bíblia científica da bíblia até hoje foi derrubada...nenhuma  
 delas...então... quando uma pessoa...certo...na igreja...uma pessoa...to  
 falando da família...vou voltar pra família...então...a família...a família (...)  
 na faculdade...é isso...tava aqui me lembrando eu ouvi durante esses cinco  
 anos...eu ouvi isso...eu vou te falar...a criança quando nasce o primeiro  
 objeto de amor dela é a mãe...ela faz ruptura...dela com a mãe...a partir da  
 figura paterna...a partir da figura paterna a criança faz diferenciação entre  
 ela a mãe e o mundo...eu ouvi...eu cansei de ouvir isso...sabe que Freud  
 que tanto falam...Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e  
 descobriu que ela era homossexual pela relação dela com o pai...manda  
 rasgar o compendio de Freud...manda eles rasgarem...tá lá nos estudos de  
 Freud...ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual...então  
 vai dizer que não pode ser reorientado...quem disse...eu não to Gabi... eu  
 não to aqui para impedir alguém de ser homossexual...eu não to aqui para  
 impedir ninguém de adulterar...eu não to aqui pra impedir ninguém de se  
 prostituir...isso é problema de cada um...
- Marília olha eu vou fazer (...) propor um problema pra você que é contra inclusive  
 Gabriela a legalização do aborto...supondo que nasça uma criança e que a mãe  
 dessa mãe não vai poder criá-la...um casal homossexual se dispõe a criar  
 essa essa criatura...senão vai ficar jogada a disposição do que seja...uma  
 instituição que vi tratá-la mal...você acha que ainda assim um casal  
 homossexual não pode ter essa criança e fazer dela um..um belo cidadão e  
 uma bela cidadã...e criar um ser humano digno com todos os seus  
 direitos...com toda a sua inteligência...com toda...a sua...com todo o seu  
 amor e compaixão pelo outro?
- Silas primeiro...tem mais na fila casais heterossexuais esperando criança  
 Malafaia
- Marília não...eu numtô perguntando isso pra você...eu to perguntando  
 Gabriela conceitualmente...eu to falando das famílias das novas famílias
- Silas eu não acredito que dois homens possa criar uma criança...perfeita...no  
 Malafaia sentido total que você quer...como ser...porque eu acredito que Deus fez o  
 homem e a mulher e esses seres que se completam...e outra...na França  
 ninguém chamou de fundamentalista...ninguém chamou de  
 fundamentalista

Marília Ô Silas as famílias...as famílias mudaram...mudaram  
 Gabriela [

Silas Querida eu acredito nisso

Malafaia

Marília a sociedade como um todo mudou

Gabriela

Silas vamos ver daqui cinquenta sessenta anos o que que vai acontecer?

Malafaia

Marília Mudou tudo... daqui cinquenta sessenta anos o que é que pode

Gabriela acontecer?

Silas o que pode acontecer?crianças que agora...essa questão de adoção é

Malafaia agora nova...dez anos...doze anos...não tem mais do que quinze anos...isso
 no mundo...então...não adianta agora vir com fotografia de jornal e
 mostrar dois caras com uma criança uma criança feliz...essa história pra
 mim...não me convencer

Marília eu não to falando só disso eu to falando de duas mulheres ou dois homens

Gabriela

Silas eu não acredito que dois homens...duas mulheres tenham capacidade pra

Malafaia desenvolver ser humano...não acredito...eu acredito que um homem e
 uma mulher...eu não acredito nisso

Marília eu conheço muitas pessoas que foram criadas dessa forma

Gabriela

Silas daqui uns trinta anos você pode me dizer alguma coisa

Malafaia

Marília você já tá pré julgando...Silas

Gabriela

Silas não dá

Malafaia

Marília ...você é Deus você tá julgando e pré julgando

Gabriela

Silas não sou Deus quem tá me julgando é você agora

Malafaia

Marília ...não você tá pré julgando

Gabriela

Silas não to dizendo o que aprendi...baseado no que eu vi

Malafaia

Marília tá dizendo que uma criança ali criada daqui a trinta anos vai ser o quê?

Gabriela

Silas não sei...tenho minhas dúvidas

Malafaia

Marília vai...você tá falando...vai ver o que vai acontecer

Gabriela

Silas ...eu tenho dúvidas...uma criança criada por um leviano um cara...um pai

Gabriela leviano eu tenho minhas dúvidas sobre ela

Marília um pai bandido que bate na mulher

Gabriela

Silas eu tenho minhas dúvidas...

Malafaia

Marília uma família que tenha um pai maldito

Gabriela

Silas tenho minhas dúvidas...tenho minhas dúvidas o que que vai dar essa

Malafaia criança...acredito que o ser humano por ele ser um ser inteligente ele possa romper uma história e construí uma historia nova... não significa que filhos de bandidos vai ser bandidos e filho de bacana vai ser bacana...um cara pode romper a sua história para pior e para melhor...agora...eu to falando daqui na tese que você ta me apresentando

Marília das novas famílias

Gabriela

Silas da tese... eu posso defender as minhas teses com a maior veemência

Malafaia possível...e não significa que eu odeio as pessoas...eu sou muito veemente... pra defender meus princípios é meu jeito...você mesmo falou... que eu sou polêmico...meu jeito eu defendo com muita vontade...agora eu amo profundamente...uma vez um repórter perguntou assim pra mim...pastor vamos lá...se seu filho fosse homossexual... como é que o senhor agiria? eu disse para ele eu amaria cem por cento e discordaria dele cem por cento...quem disse que amar é dizer amém

Marília você iria fazer um inferno da vida do seu filho...nossa

Gabriela

Silas eu ia mostrar a ele eu ia tentar ajudá-lo com meu amor...sabe porque

Malafaia Gabi...o ser humano pensa que amar é falar o que o outro quer ouvir

Marília supondo que ele não conseguisse

Gabriela

Silas vai continuar o caminho dele...vou amá-lo do mesmo jeito

Malafaia

Marília e você ia continuar

Gabriela

Silas eu ia amá-lo do mesmo jeito

Malafaia

Marília continuar enlouquecendo seu filho

Gabriela

Silas não..isso aí você me julga...agora você tá me julgando

Malafaia

Marília você falou isso...vou discordar cem por cento

Gabriela

Silas o meu amor vou discordar mesmo ué...olha...o filho...a mãe de um

Malafaia bandido...vai na cadeia...e eu tenho trabalhos... em penitenciária...o filho é assassino...facinora ele o ama profundamente...agora pergunta se ela concorda um milímetro com aquilo...concordar com uma pratica é uma coisa...amar a pessoa é outra...eu amo os homossexuais...mas discordo cem por cento de suas práticas...

Marília então respeita isso...por favor

Gabriela

Silas eu amo...isso eles sabem

Malafaia

Marília então...diga de boca cheia

Gabriela

Silas não... eles sabem...Gabi eles não são bobinho não...eles sabem

Malafaia

Marília então diga

Gabriela

Silas eu eu amo os homossexuais...como amo os bandidos...amo

Malafaia assassinos...vão bora...eu aumento o leque

Marília : você tá...

Gabriela

Silas porque eu amo o ser humano...o gabi...o ser humano é a coisa mais

Malafaia importante...não

Marília veja você tá colocando homossexual do lado de bandido, assassino...

Gabriela

Silas Silas eu amo todas as pessoas...mas pra dizer eu não gosto de uma

Malafaia prática...então eu to dizendo pra você...

Marília vamos lá...vamos parar por aqui...porque nós temos mais um bloco pela

Gabriela frente...eu juro que vou bater nele e ele não vou deixar que ele bata em mim...nós voltamos já já

### TERCEIRO BLOCO

Marília de volta de frente com o pastor Silas Malafaia... Silas nós temos três

Gabriela minutos porque estouramos todo o nosso tempo anteriormente...eu

queria falar é sobre...primeiro... política e religião caminham bem juntas...você acha...e nós temos um estado laico

Silas

[

Malafaia

sim

Marília agora...os evangélicos

Gabriela [

Silas

é laico...mas não é laicista

- Malafaia  
 Marília vai daí que  
 Gabriela  
 Silas vai daí que...assim como um ateu...pode...com suas convicção trafegar  
 Malafaia na política...eu também com as minhas convicções religiosas posso...o eu não posso é querer fazer com que minha religião...seja dominante...entre pela goela das pessoas...agora eu sou cidadão...porque o que que você é eu sou
- Marília acontece que você não quer ser político por exemplo  
 Gabriela  
 Silas Silas de jeito nenhum...nunca serei  
 Malafaia  
 Marília mas quer influenciar na política?  
 Gabriela  
 Silas sim...com toda certeza...não só na política...na sociedade  
 Malafaia  
 Marília O::lha silas...vamos falar agora...eu li uma matéria recentemente sobre a  
 Gabriela formação de novos pastores...o catolicismo investe muito na orientação de padres que leva em média cinco anos pra se formar...um padre...como é a formação na sua igreja?
- Silas na minha igreja...o pastor...pra eu poder consagrar o camarada pastor...no  
 Malafaia mínimo...no bararatinho...ele tem que ter o segundo grau...com curso básico teológico no mínimo  
 Marília curso básico o que é? dois anos  
 Gabriela  
 Silas dois anos...é um curso de dois anos e na igreja eu tenho um curso pra  
 Malafaia prepará-lo que também é um curso que não é de muito tempo...leva ai uns quatro ou cinco meses...pra poder dizer pra ele o que a igreja pensa...o que a gente é...como é que é que é...isso é o seguinte...é uma caminhada pra eu chegar...porque isso é o meu sonho...pra eu chegar no nível...agora ainda não dá...não cabe...não tenho como fazer isso...mas na minha igreja...já já vai chegar pro cara ser pastor vai ter que ter um bacharelado em teologia pra ele poder ser pastor...biblicamente falando...o pastor tem que ser um vocacionado por Deus e ele tem que buscar... se preparar para o exercício daquela vocação que Ele deu...a minha igreja é uma igreja muito fincada na palavra...isso é lá não tem blablabla de conversinha fiada...o cara tem que abrir a Bíblia e ensinar a bíblia...então requer nele
- Marília Conhecimento...  
 Gabriela  
 Silas conhecimento e pesquisa  
 Malafaia  
 Marília agora...Silas eu quero...nenhum...nenhum... eu juro nenhuma  
 Gabriela capciosidade na pergunta...quero que você me responda honestamente e

estamos pensando amplo...estamos pensando de sobrevivência e tempos...eu sei que é uma profissão bem assalariada...esses meninos você já disse que um pastor ganha...

Silas de quatro a vinte mil na minha igreja

Malafaia

Marília ai as igrejas tem se desmembrado e tem surgido novas igrejas...é um bom negócio?  
Gabriela

Silas não... como negócio não é bom...vou te explicar porque...não é  
Malafaia negócio...porque as igrejas Gabi...é o seguinte tem gente enganada aí pra caramba...quando alguém me aí...quando alguém vê aí RR Soares... Valdemir...Macedo...é igualzinho tá vendo Cristiano Ronaldo no futebol...é existe uma meia dúzia pastores de alto nível de salários e tudo...mas a grande massa de pastores evangélicos no país não ganham mais que cinco salários...é isso que muita gente tá enganado...é isso como toda...por exemplo

Marília mas as igrejas são ricas?

Gabriela

Silas por exemplo...

Malafaia

Marília elas têm sede em todo o país?

Gabriela

Silas nem todas

Malafaia

Marília a sua tem quantas?

Gabriela

Silas a minha tem cento e vinte igrejas...setenta são alugadas...cinquenta são  
Malafaia próprias...setenta são propriedades alugadas...eu sou um camaradas visionário...que quero fazer com que meu pastor desempenhe a sua função.. com dignidade...eu não quero que ele fique preocupado com escola de filho...comida em casa pra ele poder dar atenção aquela ovelha...então...eu quero dar dignidade ao cara mas Gabi..o que tem de pasto nesse país que ganhar mil conto...que ganha mil e quinhentos reais você não tem ideia...é porque a mídia quando olha é igual...com todo o respeito...sem querer saber nada é igual a você que é top como jornalista...mas tem um monte de jornalista que não vou falar que só Deus sabe quanto ganha

Marília mas eu to dizendo da perspectiva de quem começa é chegar a ser SILAS

Gabriela MALAFAIA

Silas NÃO

Malafaia

Marília ganha mil e quinhentos...mas tá lá...é uma perspectiva

- Gabriela  
 Silas é mais não é...porque pra ele poder...eu por exemplo...eu abdiquei do  
 Malafaia salário da minha igreja...eu pessoalmente...certo...a minha igreja é uma  
 igreja que paga muito bem o pastor...a pastor presidente...então ele  
 sabe...pra chegar num nível...grande...vai ter que presidir uma  
 organização...e ai que tá enganado...se fosse fácil todo mundo fazia...e não  
 vai ser brincadeira presidir uma organização
- Marília você alguma vez na vida passou pela igreja católica...teve alguma  
 Gabriela passagem pela igreja católica
- Silas não...não...  
 Malafaia  
 Marília o Papa representa alguma coisa pra você?  
 Gabriela  
 Silas não...não é um líder de uma religião...apenas isso  
 Malafaia  
 Marília com respeito seu?  
 Gabriela  
 Silas com respeito como um líder de uma religião...eu tenho que respeitá-  
 Malafaia lo...agora...não reconhecemos ele como sucessor de Cristo...não  
 reconhecemos essa...esse reconhecimento nós não damos a ele
- Marília existe um sucessor de Cristo?  
 Gabriela  
 Silas o sucessor de Cristo são seus discípulos...que ele mandou a gente aqui na  
 Malafia terra imitá-lo e pregar o que Ele deixou...não tem uma pessoas...Ele esse  
 cara aqui vai comandar...não teve essa...e outra se Pedro foi sucessor de  
 Cristo...esqueceram de avisar eles que Pedro era casado...Jesus curou a  
 sogra de Pedro...teria que liberar eles para casarem...ah vamos embora  
 que essa é outra história
- Marília outra história também que devia ter homossexual a beça naquela época  
 Gabriela Silas podia ter...eu não tenho dúvida nenhuma disso (risos) terminando  
 mais um bloco de frente com o pastor Silas Malafaia...nós voltamos daqui  
 a pouco até já

#### QUARTO BLOCO

- Marília de volta para a parte final de frente com o pastor Silas Malafaia...esporte  
 Gabriela você praticou na vida ou não
- Silas ih::pereba jogando bola...sou ruim de bola  
 Malafaia

Marília porque pereba?  
 Gabriela  
 Silas pereba é o cara ruim...sempre joguei...gosto de futebol mas sou ruim  
 Malafaia  
 Marília vamos ver lá...agora...bate bola...jogo rápido tá bom...divórcio  
 Gabriela  
 Silas SOU contra  
 Malafaia  
 Marília Casamento...  
 Gabriela  
 Silas SOU a favor....  
 Malafaia  
 Marília e morar junta?  
 Gabriela  
 Silas So::u contra  
 Malafaia  
 Marília por::quê?  
 Gabriela  
 Silas a não ser que seja casado...sou contra tudo que sai fora da legalidade do  
 Malafaia casamento sou contra...(risos) você tá perguntando e eu to respondendo...sou contra

Marília judaísmo  
 Gabriela  
 Silas é:: o que (pre) antecessor do Cristianismo...o judaísmo foi fundamental pra  
 Malafaia chegar até o Cristianismo...por isso que nós ainda temos o antigo testamento na bíblia

Marília islamismo...  
 Gabriela  
 Silas eu acredito de um radicalismo...muito horroroso...para o que a gente  
 Malafaia chama de religião  
 Marília falando de radicalismo não...na minha frente..vou deixar passar  
 Gabriela  
 Silas radicalismo que manda matar...que não aceita os outros...é isso que to  
 Malafaia falando...pra matar...não aceitar...quem disse que as suas ideias a gente aceita tudo de todo mundo...quer dizer que ser bacana é aceitar tudo de de todo mundo é isso que é o bacana

Marília é ter um olhar condescendente  
 Gabriela  
 Silas éaCEltar todo mundo?  
 Malafaia  
 Marília *você que é psicólogo deveria entender isso...*  
 Gabriela [   
 Silas não

Malafaia  
 Marília não vamos começar a brigar de novo  
 Gabriela  
 Silas a vida não é assim não  
 Malafaia  
 Marília parada gay...diga pra mim  
 Gabriela  
 Silas Silas é uma publicidade...de...acerca de algo que eles estão mentindo o  
 Malafaia tempo todo que a Folha de São Paulo fez a casa cair... sobre os números

Marília Silas Malafaia por Silas Malafaia  
 Gabriela  
 Silas ah... eu sou o seguinte...eu::...acho que de vez em quando sou chato... de  
 Malafaia vez em quando sou muito duro pra questionar as coisas  
 Marília [

Gabriela hum...

Silas ...pra um embate eu podia muitas vezes...não aqui com você...muitas  
 Malafaia vezes eu falo alto demais...quando to num embate podia falar mais  
 baixo...Silas abaixa um pouco o volume...minha esposa diz assim...mas  
 acho que sou um idealista...eu tenho ideais... e eu não abro mão...da  
 família...que é a coisa mais...é a base...os tentáculos da sociedade  
 ..e aí vou dizer uma palavra espiritual...é do mundo espiritual...o maior  
 interessado em destruir a família é o diabo...por que quando ele destrói a  
 família...desarruma toda a sociedade... crack...cocaína...bebida...vai  
 lá...numa análise bem profunda se não tem uma participação na  
 família...família é uma coisa muito...muito importante

Marília olha AQUI  
 Gabriela  
 Silas (risos)  
 Malafaia  
 Marília obrigada pela entrevista  
 Gabriela  
 Silas Deus te abençoe...viu...eu desejo...que esse Deus que eu creio se revele  
 Malafaia cada vez mais a você e que as pessoas que estão nos assistindo...eu não  
 conheço as pessoas...não sei o que está acontecendo com elas...mas se  
 você me permitir...eu quero liberar uma palavra..talvez precisando de  
 cura...talvez gente sem paz...talvez gente perturbada com as coisas da vida  
 que Deus manifesta a você trazendo paz e alegria e equilíbrio

Marília que o meu que eu não sei se é o mesmo que o seu...te perdoe  
 Gabriela  
 Silas ah...ele me perdoa porque sou pecador  
 Malafaia

Marília ; Obrigada...Silas  
Gabriela

## MEMORIAL

Relatar minhas memórias, neste documento, foi o mesmo de abrir a caixa de “Pandora”: uma surpresa a cada momento de recordação. Por não conseguir ingressar em nenhuma universidade pública de medicina, e fascinada e intrigada em saber como funciona a língua portuguesa, além da necessidade de ter uma profissão, lembrei-me da minha mãe, que dizia “filha o primeiro casamento é a profissão”. Com essa ideologia, iniciei a graduação em Letras com licenciatura em Português/Inglês em 1986 na Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras “Ministro Tarso Durtra”, na cidade de Dracena, SP. Tendo em vista minha situação financeira, trabalhava durante o dia e estudava à noite, como todos os estudantes da época.

Não tive dificuldade em acompanhar as disciplinas, pois meu ensino médio foi muito bem feito, e também já havia cursado o nível básico de inglês no Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU) em Junqueirópolis-SP à época em que ainda cursava o ensino fundamental. Além disso, a leitura de muitos livros de Literatura Clássica e Moderna, citados em aula, me ajudou bastante a interagir com as informações e a contextualizá-las.

Durante o curso, trabalhei exercendo a função de auxiliar administrativa na Santa Casa de Misericórdia de Junqueirópolis, em regime de plantão e em dias alternados. Então, nos dias de folga, substituía os professores nas escolas do município. Nesse período, tive a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos da norma culta da língua e a interação dos conhecimentos adquiridos na faculdade no dia a dia da sala de aula.

Concluí o curso em 1989 e, em 1992, mudei-me para Sumaré-SP, para iniciar realmente minha carreira de docente propriamente dita, lecionando as disciplinas Língua Portuguesa e Língua Estrangeira em escolas estaduais. Como ainda não tinha experiência na profissão, desdobrava-me ao máximo para não frustrar meus alunos e aqueles que me haviam dado a oportunidade de provar minha competência. Mas o principal era provar a mim mesma que era capaz, razão por que me empenhava

bastante no planejamento das aulas, pois os conteúdos a serem trabalhados eram bem específicos e demandavam muitos estudos da Gramática Normativa.

Depois retornei a Junqueirópolis e, em 1999, iniciei o curso de pedagogia pela mesma faculdade da primeira graduação. Prestei o concurso para coordenador pedagógico e assumi a função de 2000 a 2005. Fiz especialização “lato sensu” em Gestão Escolar pela UNESP de Presidente Prudente, mas interrompi a vida acadêmica por um tempo, porque fui aprovada no concurso público estadual de professor.

Em 2006, assumi o cargo de professora efetiva do Estado de São Paulo e ingressei na escola EE Luis Lustosa, em Osasco/SP, no cargo de língua portuguesa e inglês. Removida com os dois cargos para minha cidade natal, percebi que era o momento de retomar os estudos e cursar o mestrado.

Durante todo o tempo em que fiquei afastada das instituições educacionais, fazia os cursos oferecidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e foi em um desses cursos que me interessei por (re)aprender Linguística, particularmente a nova metodologia aplicada na sala de aula pela Secretaria do Estado de São Paulo.

O sonho de cursar o mestrado sempre esteve presente nos meus planos, no entanto acabou sendo adiado, pois, durante vários anos, tive que conciliar duas jornadas de trabalho entre os dois cargos na escola pública. Em 2011, com o incentivo de duas queridas amigas, Katia Elaine Barreto e Patrícia Elena Moura Batista, que já cursava o mestrado em Três Lagoas, vislumbrei a possibilidade de conquistar esse sonho na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Então, solicitei a matrícula como aluna especial no mestrado.

Determinada a alcançar tal intento, no primeiro semestre de 2011 fiz a inscrição como aluna especial para o curso *Tópicos de Semântica e Pragmática* na área da *Análise da Conversação (AC)* com a professora Vanessa Hagemeyer Burgo. Nesse curso, fiquei apaixonada pelos novos conhecimentos e também pela maneira como a professora conduzia as aulas. Sempre muito receptiva, propiciou um convívio muito amistoso, o que acabou facilitando a comunicação com os alunos, fazendo-os se

sentirem muito à vontade para expressar suas ideias e dúvidas. Durante as aulas, compreendi o que é “dialogar com o texto”.

Sentindo-me motivada, dediquei-me integralmente aos estudos – e a sede de conhecimento foi tamanha, que me matriculei em outra disciplina como aluna especial: Teorias da Linguagem, lecionada pelos professores Edson Rosa e Eduardo Penhavel. Foi ali que tive a certeza de que queria pesquisar algo no âmbito da Análise da Conversação (AC).

Fiz inúmeras leituras relacionadas à AC, tendo minhas esperanças renovadas, comecei a elaborar um anteprojeto intitulado *Marcadores Conversacionais: uma questão de polidez ou preservação da face*, sob orientação da professora Vanessa Hagemeyer Burgo. Também retomei alguns estudos para participar novamente do processo seletivo para o mestrado na UFMS, que seria em novembro de 2012.

A conquista finalmente aconteceu e consegui ingressar no curso de mestrado, no primeiro semestre de 2013, na área de Estudos Linguísticos, direcionada para a linha de pesquisa *Análise, descrição e documentação de línguas*, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Vanessa Hagemeyer Burgo.

No primeiro semestre, cursei disciplinas que foram de grande valia para o meu crescimento e amadurecimento no campo da Linguística e para a elaboração da minha dissertação, das quais destaco *Análise da Conversação*, com a professora Vanessa Hagemeyer Burgo; *Teorias da Linguagem*, com os professores Edson Rosa Francisco de Souza; *Tópicos Especiais: Análise do Discurso*, com as professoras Diana Luz Pessoa de Barros e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos; *Políticas Linguísticas*, com as professoras Claudete, Vania e Celina; *Leitura Orientada*, com a prof. Vânia; e *Tópicos Especiais: Transparência e Opacidade na GDF*, ministrada pelo professor John Lachlan Mackenzie.

Em *Análise da Conversação*, aprofundei ainda mais os conceitos sobre Língua Falada e estudei teóricos importantes para a fundamentação da minha dissertação. Em *Teorias da Linguagem*, pude construir um panorama amplo da Linguística e suas vertentes, o que possibilitou definir o foco da minha pesquisa; em

*Tópicos Especiais: Análise do Discurso*, obtive conhecimentos sobre a *Teoria Semiótica do Texto* e sua interface com a *Análise da Conversação*, permitindo assim uma perspectiva mais ampla para a análise do texto falado do ponto de vista de sua organização e estruturação.

Após várias leituras e, sentindo-me mais preparada, comecei a repensar a minha pesquisa e, em consonância com a minha orientadora, resolvemos investigar o discurso religioso na mídia, tomando como objeto de análise duas entrevistas: uma com Papa Francisco e uma com o pastor Malafaia. Em novembro de 2013, apresentei a comunicação *Preservação da face em entrevistas*, no IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL).

Atualmente continuo pesquisando na área da Análise da Conversação com ênfase nos estudos sobre *procedimentos de preservação da face* e a importância do *contexto interacional* apontados pelo autor Erving Goffman e o imbricamento desses conceitos com a *monitoração tópica*. Também se incluem, como objetos de pesquisa a serem aprofundados, estudos sobre a *entrevista* (concebida como espaço de subjetivação), a *representação de papéis interacionais*, a *assimetria na interação* e a *interação no espaço midiático*.